NO SUPLEMENTO LITERÁRIO — BORIS VIAN E A SUA LENDA

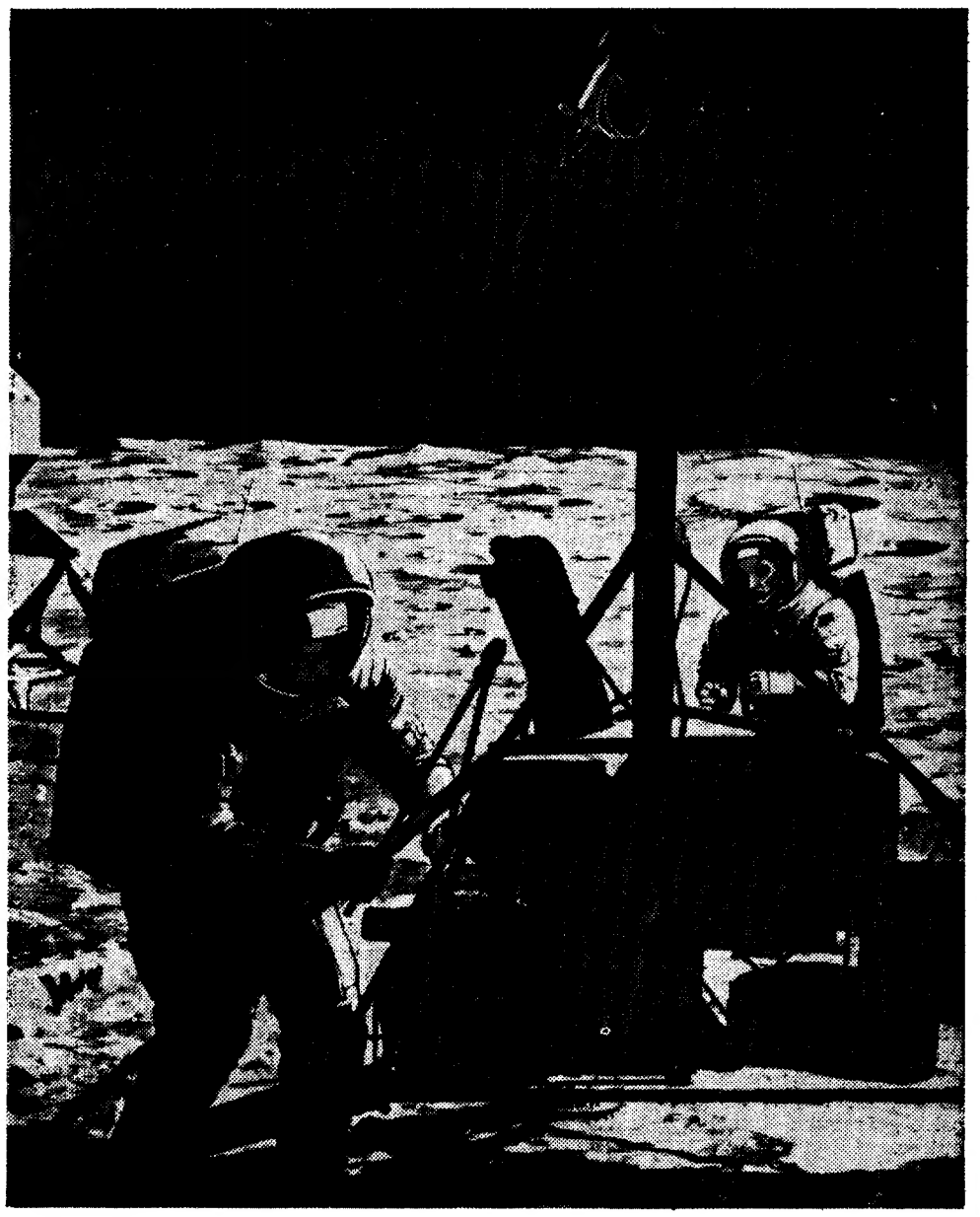
# Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
QUINTA-FEIRA, 20 DE NOVEMBRO DE 1969 N.º 16 854 ANO 49.º PREÇO 1$50

ATENÇÃO
A MOSCA
PICA AOS SÁBADOS

## ANTES DO REGRESSO

# O «INTREPID» ENTROU EM ÓRBITA LUNAR



**HOUSTON, 20 — (R.) — A nave lunar «Intrepid» entrou em órbita provisória, depois de ter levantado voo da Lua, para se reunir á Apolo-12, para bordo da qual passarão os astronautas Conrad e Bean, antes de iniciarem a viagem de regresso á Terra.**

«Cá vamos nós», exclamou Conrad quando o jacto começou a funcionar erguendo a nave e fazendo-a ganhar altitude cada vez mais depressa para entrar em órbita lunar.

«Foi uma boa largada. Muito suave», observou Bean quando o «Intrepid» já se encontrava a boa altura.

O centro de «contrôle» tinha dado pouco antes autorização aos astronautas do «Intrepid» para largarem da superfície da Lua e se reunirem em órbita à nave principal.

Antes de dispararem o foguetão que os fará subir da Lua, Conrad e Bean tiveram que soltar os grampos mecânicos que seguram a sua cabina à parte inferior do módulo que serviu apenas para a manobra de descida.

Essa parte inferior com quatro pernas serviu de plataforma de lançamento à metade superior do módulo que foi a única a regressar da Lua para se reunir com a «Apolo-12».

O centro de «contrôle» de Houston anunciara pouco antes que a hora marcada para a saída da Lua dos austronautas Conrad e Bean (15 e 23 horas de Lisboa) foi alterada para as 15 e 26. Os astronautas Charles Conrad e Alan Bean regressaram hoje ao «Intrepid» depois de terem terminado o segundo passeio lunar e começaram a guardar a valiosa carga de pedras, fotografias e partes da sonda «Surveyer-3».

Os dois passeios lunares, cuja duração de cada um foi de mais de três horas e meia, causaram grande desapontamento nos telespectadores terrestres em consequência da avaria na camara de televisão a cores, ocorrida ontem pouco depois dos astronautas terem iniciado a primeira exploração.

A parte mais emocionante das excursões foi hoje de manhã quando Conrad e Bean chegaram á Surveyor-3, numa cratera do Mar das Tempestades, tirando-lhe milhares de fotografias.

Seguidamente retiraram a camara de televisão e outras peças da sonda para as trazerem para a Terra.

Os astronautas afastaram-se pelo menos 180 metros do «Intrepid» para

(Continua na 15.ª página)

# A poeira lunar poderá comprometer novas experiências

Por VICTOR COHN (Exclusivo «Washington Post»-«Diário de Lisboa»)

*HOUSTON — Foi um grande dia para a ciência lunar. Mais dois homens da Terra alcançaram a Lua, conseguindo obter uma série de dados científicos até agora desconhecidos.*

Alain Bean e Charles Conrad localizaram mis-

(Continua na 15.ª página)

**NO SEU SEGUNDO PASSEIO LUNAR, Alain Bean e Charles Conrad inspeccionaram a sonda automática «Surveyor», que os E. U. A. lançaram em direcção á Lua, há 31 meses. Os astronautas fotografaram a sonda e retiraram vários dos seus elementos. Como se sabe, o LEM alunou a cerca de 180 metros da «Surveyor»**

# OS DIREITOS DA CRIANÇA EVOCADOS EM PORTUGAL

**Por motivo do X aniversário da Declaração dos Direitos da Criança, que hoje ocorre, foram organizadas no nosso País diversas manifetações**

(LER NA PÁGINA CENTRAL)

## Hoje chegada a Lisboa

# *A missão do Malawi vem estudar problemas de cooperação económica*

Para conversações com o Governo português sobre problemas de cooperação económica e de transportes e outros de carácter geral, como, por exemplo, a construção da nova linha férrea entre o seu país e o porto de Nacala, a norte de Moçambique, chegou, esta manhã, a Lisboa, no voo da TAP, uma delegação

(Continua na página seguinte)

*HOJE 32 PAGINAS*
*VISADO*
*PELA CENSURA*

# A MEMÓRIA DE FÉLIX CORREIA EVOCADA HOJE NA REUNIÃO DA CÂMARA

**«O falecimento de Félix Correia deixa em nós a saudade de mais de trinta anos de convívio leal», afirmou esta manhã o vice-presidente em exercício da Camara Municipal de Lisboa, sr. Aníbal David, usando da palavra na reunião ordiná-**

(Continua na página seguinte)

**Edição da noite**

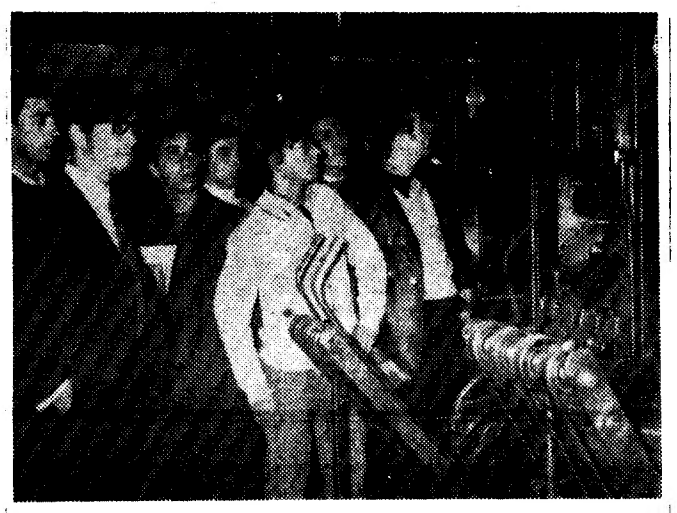
# O caso do jardineiro que alvejou dois menores

A Polícia Judiciária investiga as circunstancias em que Manuel Gomes, ajudante de jardineiro numa casa do Alto de Santo Amaro, de 44 anos, casado, natural de Penalva, Ribeira de Pena, Trás-os-Montes, morador no Casalinho da Ajuda, lote 4, 2.º, porta G., alvejou a tiro os menores Luís Filipe dos Reis Serafim, de nove anos, aluno da 1.ª classe da Escola Primária Oficial da Rua do Zau, e Vítor Manuel Garcia Fernandes, de 18, servente de pedreiro, ambos moradores na Travessa do Pardal.

O primeiro foi atingido no pescoço e o segundo num braço, tendo ambos recolhido ao Hospital de S. José, onde o agressor recebeu igualmente tratamento, por ter fracturado uma das mãos na refrega que se seguiu ao acidente e em que, indignadamente, intervieram alguns populares.

# O 19.º ANIVERSÁRIO DO ABC CINE-CLUBE DE LISBOA

Inicia-se hoje, ás 21 e 30, na Associação dos Estudos do Instituto Superior Técnico, a série de colóquios e sessões sobre «A cultura Portuguesa Contemporânea» que o ABC Cine-Clube promove, em comunicação do seu aniversário. A mesa-redonda de hoje, seguida de colóquio, versará sobre «A Pintura Portuguesa Contemporânea» e terá a presença de Fernando Pernes, Rui Mário Gonçalves, Joaquim Luciano e outros.



Os alunos do 7.º ano do Seminário de S. Paulo de Almada fizeram ontem uma demorada visita de estudo, ás instalações do nosso jornal. A gravura apresenta-os durante essa visita

# Um esclarecimento oficial sobre a ampliação do aeroporto da Portela vai ser pedido pela C. M. L.

**A Camara Municipal de Lisboa vai pedir um esclarecimento oficial sobre as projectadas obras de remodelação e ampliação do Aeroporto da Portela» — afirmou hoje na reunião da edilidade o vice-presidente em exercício, sr. Aníbal David, ao responder a uma intervenção do vereador Antunes Branco.**

O tema foi ainda comentado pelo vereador Manuel Casimiro de Almeida, que já em tempos se lhe referira a propósito da urbanização da zona ocidental de Lisboa, contrariada, como hoje reforçou, pela servidão militar e aeronáutica do até agora unico aeródromo internacional da cidade.

Este o assunto dominante de uma sessão que decorreu sem a presença do general França Borges, em viagem pela América do Sul, e que por isso mesmo teve a dirigi-la o vice-presidente Aníbal David. Presentes, também, o outro vice-presidente, eng.º Segismundo da Camara Saldanha, e dez dos doze vereadores.

Antes da ordem do dia o sr. Aníbal David saudou os vereadores Santos e Castro e Ricardo Horta (ausente) pela sua eleição para a X Legislatura da Assembleia Nacional. São, segundo as palavras do vice-presidente «dois novos e ilustres deputados, lídimos trabalhadores pelas causas justas.»

Agradecendo a saudação o deputado da U. N. (e vereador em exercício) Santos e Castro concedeu que «não terá sido indiferente para o critério da escolha» o facto de ele e o dr. Ricardo Horta pertencerem á vereação da C. M. L. Estabeleceu-se, pois, um vinculo a que ambos saberão corresponder.

### Aviões na cidade

A já referida intervenção do vereador Antunes Branco foi-lhe sugerida, segundo disse, por uma reportagem inserta a 7 deste mês num dos vespertinos de Lisboa.

A Direcção-Geral da Aeronáutica Civil veio posteriormente esclarecer que «as informações contidas na referida reportagem não tinham carácter oficial.»

### Ruas, casas e um hotel

O resto da sessão foi preenchido com uma intervenção do vereador Arraiano Tavares sobre o trânsito na capital (para o qual pediu uma *regulamentação rigorosa*, já que todos os dias aumenta *a quantidade de vidas ceifadas pela terrivel máquina que é o automóvel*) e com a aprovação de várias propostas para levar á praça uma série de lotes de terreno para construção.

Destes cabe mencionar um em especial: na Avenida Columbano Bordalo Pinheiro, onde será erguido um hotel

# Homenagem do Município a Félix Correia

**(Continuação da pág. anterior)** **ria (a que nos referimos noutro local).**

Félix Correia relatou as sessões do Município durante mais de três décadas, interessando-se por tudo o que dizia respeito á sua cidade. Não eram relatos vulgares: á objectividade de informação juntava o nosso malogrado companheiro de trabalho a sua experiência e até a sua paixão, uma paixão de quem tudo amava por tudo querer á medida do homem. Lisboeta foi-o Félix Correia, e um lisboeta do coração e da inteligência. Por isso a homenagem da Camara Municipal de Lisboa, que o sr. Aníbal David hoje resumiu em palavras sentidas, tem o peso da justiça.

— *O tempo e amizade haviam ligado Félix Correia a esta Camara* — acrescentou o vice-presidente. — *É com sincera mágoa que o recordo e apresento condolências ao «Diário de Lisboa» e á família.*

### Manifestações de pesar

A morte de Félix Correia, o companheiro querido e de todos estimado, quaisquer que fossem as atitudes tomadas perante a vida, os sectores em que se situam, os meios de que dispõem, continua a trazer até nós e á família, mensagens de pesar. Vêm elas de todo o País e dos quadrantes mais diferentes. Aliás esse leque de amizades mostrou-se bem nas centenas de pessoas que passaram pela camara-ardente ou que o acompanharam ao cemitério dos Prazeres.

Desde o professor universitário, o homem publico conhecido, o artista de nome ao frequentador das casas típicas, o cantador de fados, o aficionado da festa brava e o criado e dono dos restaurantes que o Félix frequentava, compareceram todos e em todos transparecia a mesma emoção diante do amigo que se foi embora para sempre.

Entre os telegramas salientemos os dos srs. eng. Vasco Leónidas, secretário de Estado da Agricultura, D. Sabino Alonso Fueyo, conselheiro da Informação e Turismo da Embaixada de Espanha; de D. Maria Luísa Guerra Portela, Artur Portela Filho e Luís Jardim Portela, a viuva e filhos do grande companheiro de trabalho que foi Artur Portela, a artista Beatriz Costa, o pintor Martinho da Fonseca, dr. A. Tavares de Almeida, A. Gama Reis (Mr. Cork), Jorge Rodrigues e pessoal da Agência Latina, Joaquim Pantoja, D. Virgínia Lopes da Silva, em nome dos Fernandinhos Pobres, Vasco Félix e Maria Dulce Félix, Américo Taborda, Telmo Mouta Felgueiras, Didier Leroux, do jornal «L'Aurore», Ventura Marques da Silva, e o comandante Ernesto Costa, pela Associação dos Bombeiros Voluntários de Lisboa.

## Sociedade de Dermatologia e Venereologia

A Sociedade Portuguesa de Dermatologia e Venereologia inaugura o seu ano académico com uma sessão que se realiza depois de amanhã, ás 21 e 30, no anfiteatro de Histologia da Faculdade de Medicina de Lisboa.

Faz uma conferência o prof. Xavier Morato, que versa o tema «Generalidades sobre Histologia comparada da pele dos vertebrados».

## PESCADOR MORTO EM ANGOLA

LUANDA, 20 — (L.) — Morreu em circunstâncias trágicas o motorista da traineira «Fernanda Teresa», que se afundou ao largo da ilha do Mussulo, devido a forte calema.

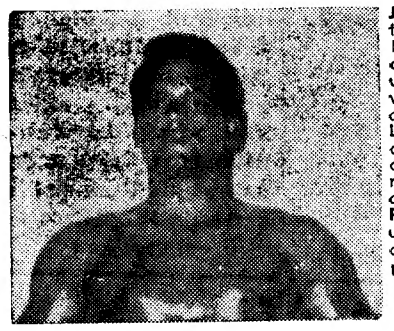
Segundo os pescadores que se salvaram, Ricardo da Assunção, natural de Olhão, ao ver que o fundo do barco se abrira inesperadamente tentou saltar para uma «chata», mas fê-lo com tanta infelicidade que ficou esmagado entre as duas embarcações, desaparecendo depois sem que fosse possível socorrê-lo.


## LUTA LIVRE AMERICANA

● NO PAVILHÃO DOS DESPORTOS ●

AMANHÃ, ÀS 21.45 H.

MAIS UMA JORNADA DE VERDADEIRA SENSAÇÃO



JOSÉ LUÍS, «O monstro sagrado» da luta livre portuguesa. Um autêntico campeão, um ídolo que arrasta verdadeiras multidões, de novo actuando em Lisboa e que depois do seu sensacional combate contra o terrível ALCON PE- amanhã GALARZA RUANO defronta um dos maiores lutadores do Mundo.

UM COMBATE QUE É AUTENTICA DESFORRA

DESCAMPS e GALÃ

contra os abomináveis, cruéis e traiçoeiros «OS INTOCÁVEIS».

Afirmou Descamps: «OS INTOCÁVEIS» só nos venceram com deslealdade. Agora também nós seremos cruéis e se fôr preciso desleais. Eles não voltarão a ganhar.

EXPECTATIVA E NERVOS NO PAVILHÃO DOS DESPORTOS

CHAUSSON contra ALCON PERUANO

e JAIMERY contra TOWY RIVER

MAIS UMA SESSÃO MEMORÁVEL DO MAIOR ESPECTÁCULO DESPORTIVO DO MUNDO

Bilhetes á venda na Bilheteira dos Restauradores e a partir das 20 horas de amanhã, no Pavilhão. M/ 17 anos


# A missão do Malawi

**(Cont. da página anterior)**

oficial da República do Malawi, chefiada pelo ministro dos Transportes e Comunicações, J. Msonthi.

Da missão fazem parte o ministro do Comércio e Industria, J. Tembo; os secretários permanentes dos dois Ministérios, respectivamente Markwich Smith e Kalimbombe; o director-geral dos Caminhos-de-Ferro, J. K. Degal, e altos funcionários do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Aguardavam os ministros do Malawi, que se fazem acompanhar das esposas, o embaixador de Portugal naquele país, dr. Fucher Pereira; o chefe do Protocolo, ministro Carlos Lemond Macedo; o eng.º Jorge Jardim, cônsul-geral do Malawi em Moçambique, e esposa; eng.º Fernando Frade, etc.

— *O Malawi e Portugal têm interesses comuns que devem ser discutidos directamente pelos dois países. Esse é um dos motivos desta nossa vinda a Lisboa* — afirmou aos órgãos de Informação, após o desembarque, o ministro dos Transportes e Comunicações.

— *As conversações versarão, principalmente, problemas comerciais e de transportes, neste caso os das comunicações entre o Malawi e o território português de Moçambique, pois a ligação entre o porto de Nacala e o meu país deve estar completada no próximo ano* — sublinhou, ainda, o chefe da missão do Malawi, que é portador de uma mensagem pessoal do presidente Kamuzu Banda para o Chefe do Estado português.

Durante a sua permanência em Portugal, a delegação terá reuniões de trabalho nos Ministérios dos Negócios Estrangeiros e do Ultramar e visitará, na cidade do Porto, as instalações portuárias de Leixões.

Esta tarde, os dois ministros do Malawi, acompanhados pelos membros da comitiva, foram aos Ministérios do Ultramar e dos Negócios Estrangeiros apresentar cumprimentos ao ministro Silva e Cunha e ao subsecretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, dr. Rui Patrício.

Amanhã, serão recebidos pelo Presidente do Conselho e, na próxima terça-feira, irão ao Palácio de Belém cumprimentar o almirante Américo Thomaz.

# A Sociedade de Naturalogia tem 57 anos

Faz hoje 57 anos a Sociedade Portuguesa de Naturalogia, em cuja sede (Rua do Alecrim, 38, 3.º) decorre, às 20 e 15, um jantar comemorativo. As inscrições podem fazer-se pelo telefone 33335.

# Entraram hoje no Tejo três navios britânicos de instrução de cadetes

Entrou, esta manhã, no Tejo, indo atracar á Doca da Marinha, a Primeira Divisão da Esquadra de Treino e Instrução de Dartmouth (Grã-Bretanha), composta pelos navios «Tenby», «Torquay» e «Scarborough», comandados, respectivamente, pelo capitão-de-mar-e-guerra Cecil e pelos capitães-de-fragata Symons e Howard.

Serviu de oficial de ligação com as autoridades portuguesas o 1.º tenente Manuel Albino Afonso Condado.

Os barcos, que estarão patentes ao publico das 14 ás 17 horas, do dia 23, trazem a bordo, em cruzeiro de instrução, cadetes da Real Marinha de Guerra da Grã-Bretanha e de países da Comunidade Britanica.

Os três navios largam na próxima segunda-feira.


Enquanto faz as suas compras na secção de pastelaria deixe o seu carro ao nosso cuidado.

TUTTI MUNDI

tem uma garagem privativa com servico

SHELL

Cofres de aluguer

Av. República, 3

BANCO DO ALENTEJO

# UM MÉTODO HISTORIOGRÁFICO

## por José-Augusto França

**Se a historiografia, tal como a praticam muitos historiadores entre os mais conscientes das realidades socio-económicas, deixa vezes demais de lado a informação artística sobre os períodos estudados, é sem dúvida porque estes historiadores vêem na arte (ou nas artes — visuais ou sonoras, literárias ou espectaculares) um simples reflexo, senão um produto duma situação histórica determinada e definida muito para além do seu alcance. A ilustração acessória substitui então o documento fundamental, decoração de edição de luxo ou de manual escolar, nunca, ou quase, fonte de informação original. Sem dúvida, a falta de formação estética, mesmo de sensibilidade ou de gosto, influi aí — mas importa sobretudo de ver nisso uma deficiência de método, na própria ciência histórica. Porque não poderá haver conhecimento histórico global sem uma dimensão artística, a qual marca frequentemente pontos de referência e pontos de partida de situações e de conjunturas: a arte reflete mas propõe também, e muitas vezes suscita e provoca.**

O coeficiente de informação da arte (ou das artes) na vida histórica das civilizações deve levar a reflectir, igualmente, sobre a maneira de abordar o próprio fenómeno artístico e sobre o processo das relações a estabelecer com outros domínios ou séries culturais — num movimento dialéctico que integra e desintegra simultaneamente o contexto histórico em questão.

«Um inquérito particularmente definido dentro do domínio das artes visuais a todo o momento excede o campo operatório que lhe é próprio, pela função informadora que desempenha, mas ele não pode deixar de obedecer a leis internas. E não se pode ignorar que estas constituem, também, matéria informativa em si próprias. Qualquer maneira de ver o mundo, ou de reagir à realidade social, é uma maneira, *um modo* que existe especificamente, e cuja variação provoca variações no mundo mesmo. As leis estruturais de toda a linguagem artística, estabelecidas no plano do signo, têm um papel social, não só na medida em que podem traduzir conceitos culturais contemporâneos, mas também, e, sobretudo, na medida em que dinâmicamente os criam». (1)

Além disso, a especificidade da linguagem artística deve evitar-nos cair no erro de certas interpretações imediatas, de tipo mecanicista» em que a facilidade convida o historiador de arte desprevenido. Ela conduz-nos, ainda, a compreender que a criação artística possa preceder a evolução geral da sociedade ou definir-se em níveis difícilmente apreensíveis pelos instrumentos culturais médios da época. Sem dúvida, o conceito de «superestrutura» aplicado às «obras de civilização» não poderá ser, por isso, negado — mas na condição de não o tomarmos como um valor absoluto, em sentido único. Será preciso compreender que os significantes têm, eles próprios, uma função estrutural, quer dizer, que eles se situam prèviamente às estruturas sociais significadas, assumindo, se tal for o caso, uma responsabilidade «genética». Assim se estabelece a relação dialéctica entre os patamares de base («infra») e do cimo («super») no edifício dinâmico, de elementos recíprocos, senão ambíguos, da vida das sociedades.

Parece evidente que o método que consiste em esboçar um quadro histórico, económico, político e social, sobre o qual se traça o arabesco decorativo, senão luxuoso, da história descritiva da produção artística contemporânea, de modo algum convém a um inquérito cultural sério. A visão problemática nisso sofrerá, ou nem chegará a realizar-se. Se for preciso afinar novas técnicas de pesquisa para a historiografia socio-política, de maneira a nelas incluir uma dimensão estética que se revela indispensável, da mesma maneira será preciso forjar um método novo no interior da historiografia da arte.

Ora, se se puser em relação as exigências desta historiografia especializada com as de uma historiografia mais geral, chega-se fàcilmente à conclusão que este método deve passar — condição *sine qua non* da sua eficácia — pelos domínios das técnicas e das programações da sociologia. É certo que nos interrogamos sobre a definição ainda indeterminada de uma disciplina recente, ao mesmo tempo aplicada ao inquérito e à reflexão, e cujo carácter fenomenológico se opõe aparentemente ao suposto carácter «eventuário» da história. Podemos pensar que a pesquisa estrutural tende a unificar as vias históricas e sociológicas, estabelecendo entre umas e outras uma cumplicidade traduzida por relações recíprocas. O acontecimento, o «facto», deixa, então, de ser uma «coisa» fechada em si própria, para se tornar um fenómeno aberto cujo dinamismo será explicado em função de uma rede de dados extremamente complexos, vindos de fontes muito diferentes.

Vemos, assim, a história da arte e a sociologia da arte colaborarem, mesmo unificarem-se num esforço metodológico comum conduzindo à leitura reflexiva das obras e ao conhecimento das condições nas quais elas são produzidas e consumidas. A obra considerada, necessàriamente, em si própria, substitui-se aquilo a que chamaremos o *facto artístico* ao qual se atribui a categoria do *facto social*, e logo, por isso, o carácter de globalidade que a este assiste. A obra de arte junta-se, assim, a «vida artística» — ao mesmo tempo vida das formas e vida condicionante e condicionada dos criadores. É bem a sociologia da arte que permite passar do plano da morfologia da obra tanto quanto do plano da sintaxe biográfica do respectivo autor, ao da semântica das formas objectivadas e das vidas vividas no seio de uma conjuntura em definição contínua.

Debruçada sobre o *facto artístico*, no contexto da vida artística, em que as funções morfológica e sintáxica representam os seus papéis e encontram o seu sentido (quer dizer, a sua dimensão semântica), a história da arte procura, ou pode procurar, uma nova definição. Os factos de que ela se ocupa devem, portanto, ser submetidos a uma interpretação estrutural respeitante às leis da produção e do consumo dos objectos artísticos — produção e consumo espirituais e materiais que prolongam as situações e as condições poética e estética.

A obra de arte é produzida em quadros urbanos ou rurais (cuja evolução orgânica e mutações estilísticas devem ser estudadas), no seio de uma sociedade não determinada, mas «em determinação»; ela ali é consumida imediatamente — antes que o tempo a retome em outras situações conjunturais, de maneira sempre diferente e, muitas vezes, contraditória. Este consumo pode ser positivo ou negativo: a obra pode encontrar aceitação ou conhecer uma repulsa da parte do público ao qual se supõe oferecida.

(Continua na página seguinte)

## Nota do dia

### *A FORMA E O FUNDO*

**DA SÉRIE DE MEDIDAS** anunciadas após a última reunião do Conselho de Ministros, certamente vai ser a extinção da P. I. D. E. aquela de que mais se vai falar. É evidentemente aquela que mais impressiona, a mais inesperada, a de um significado político mais aparente, se bem que não se vá ao ponto de considerar essa aparência muito profunda. Mas é evidentemente, da parte do Governo, um acto de coragem, um sinal de boa vontade e, ao mesmo tempo, uma prova de confiança na sua própria força.

**Aquela organização,** pela natureza aliás inevitável das suas funções e por alguns dos métodos que lhe eram atribuídos, polarizava em si um sentido de descontentamento que não era possível esconder e que o prof. Marcello Caetano teve a coragem e, ao mesmo tempo, o sentimento de força de não o querer ignorar. É, por um lado, uma sigla que se apaga, sem que, por outro lado, resulte para o Governo qualquer diminuição de garantias da sua tranquilidade. Um sistema vem substituir outro sistema.

**Por duas ou três vezes,** nas suas comunicações dirigidas ao público, teve o prof. Marcello Caetano o ensejo ou a preocupação de justificar a existência de um organismo, qualquer que ele fosse e com o nome que tivesse, tendo a seu cargo pelo menos algumas das funções atribuídas àquele que é agora dado por extinto. Exemplificou-se, talvez, com polícia de fronteiras, passaportes e aspectos afins ou conexos. E agora veio a penada que transfere tudo para uma nova direcção-geral do Ministério do Interior.

**Mas se esta medida** será porventura aquela que mais impressiona a emotividade do grande público, deve considerar-se de verdadeiro alcance a disposição que vai permitir o regresso ao País de muitos que de cá saíram à busca do que lhes faltava. São os emigrantes clandestinos, os que foram sem passaporte. Anula-se o carácter criminal da saída nessas condições, reduzindo a respectiva responsabilidade ao grau de simples contravenção, punível apenas com multa mas sem prisão. Quantos vão voltar?

**Todos os aplausos** são devidos ao critério agora instituído. É uma decisão politicamente esclarecida, que contribui para desanuviar o ambiente da vida nacional, sendo ao mesmo tempo de lhe reconhecer o significado social e até económico dos braços que regressam ao trabalho onde mais se deseja que façam falta e sejam úteis. Ao mesmo tempo, remodela-se o Fundo de Desenvolvimento da Mão-de-Obra. São passos convergentes com o que vem a ser prenunciado como programa de desenvolvimento económico.

**Da reforma administrativa** confirma-se o que há dias aqui se referiu como suposição quanto ao estado de adiantamento dos trabalhos em curso para esse fim. Quer dizer, a reforma vai para a frente e deve-se tê-la como indispensável, mas vai mais lentamente do que se desejava. É pena, mas é preferível que sejam seguros os passos que se derem. O resto ficará para o decurso do próximo ano, optando-se, pois, pelo método de promover a execução parcelar e cautelosa da reforma, em vez do possível sobressalto de se fazer tudo numa assentada.

**A parte que se anuncia** imediata é a que se refere aos «princípios fundamentais relativos à situação do pessoal, bem como à simplificação de alguns procedimentos de recrutamento e investidura nos cargos públicos». Isto é, o que diz respeito ao funcionalismo (quadros e vencimentos) porventura em grande parte no pessoal docente das universidades. É, afinal, o que se reflecte no orçamento, cujos termos gerais o ministro das Finanças expôs ao Conselho. Está evidentemente pronto porque deve ser presente, para discussão, na próxima semana, à abertura da Assembleia Nacional.

## RECTÂNGULOS DA VIDA

# A CIDADE

**Por MARIA JUDITE DE CARVALHO**

E nestes primeiros dias tristonhos, com chuva de vez em quando e até umas pequenas inundações discretas, por assim dizer caseiras, anunciadoras de outras maiores um destes dias (quando lá em cima os céus se abrem as ruas são mares), eis Vanessa figura de proa ou de popa nos velhos galeões amarelos que ainda percorrem a cidade antiga. Vanessa-Isadora sem um impermeável sequer, a pobre, lá vai no eléctrico, volta a esquina, desaparece.

Naquele instante chovia água se Deus a dava, e o barco (aquele ou outro, tantos com a mesma figura, Tágide à primeira vista, não está longe o rio, Vanessa à segunda, mais atenta) e o barco, pois, parou, porque era um barco de muitos e variados portos de escala desde não sei onde até Algés, para onde se dirigia. Parou portanto o barco junto ao cais-passeio, e apeou-se uma velhinha trôpega, que logo começou a abrir um grande chapéu de homem, bem côncavo. Já pois Vanessa (aquela ou outra) dobrara a mesma esquina, ainda a velhinha lutava inglòriamente com um fecho perro que se recusava a funcionar. E a chuva cada vez mais forte, e a velhinha a olhar com ar ressentido para toda aquela água celeste que tombava sobre ela.

E pronto. O meu carro (com Vanessa? sem Vanessa?) passou e ela no mesmo sítio, lutando corpo a corpo com um chapéu. Para quê contar uma coisa assim, tão sem pés nem cabeça? Mas quem sabe se a velhinha não adoeceu. Não morreu, com toda aquela chuva? E o que terão pensado todos os que olharam para a mulher dos carros eléctricos, os que sabem quem é Isadora e os que nunca saberão quem ela foi? Depois, é de imagens assim (velhinhas à chuva, carros eléctricos-barcos, mas que são mares, o receio da morte ou simplesmente da doença, brancas imagens passageiras a desaparecer na primeira equina), que é feita a vida da cidade.

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

# ora diga-nos...

## — Qual é a bebida que mais toma no tempo frio?

**Brrr... que taró! É preciso tomar qualquer coisa para aquecer. Vai um bagaço?! (o repórter não gosta é do frio).**

● — Bagacinho, pois claro. O que não pode é ser muito — *diz-nos o sr. Francisco Coelho Cacheiro, cobrador de profissão.*

— E toma outras bebidas?

— Bem, bagaço ou ginja. E dou-me bem, sim senhor.

● *O sr. Fernando José Nogueira, vidraceiro, tem outras preferências:*

— É o café. Bem quente. É o que tomo, normalmente. Aquece-nos para combater o frio que começa, realmente, a apertar.

● *A sr.ª D. Margarida Ferreira Morgado toma café com leite?*

— Ou café só! Bem quente, pois.

A seu lado uma prima apoia:

— Concerteza. Ajuda bastante a circulação do sangue.

# MALTRATADO UM DÉBIL MENTAL?

## • A G. N. R. VAI AVERIGUAR

MOIMENTA DA BEIRA, 20 — O comandante do posto da G. N. R. local, sargento António Alves Calado, está a investigar o fundamento de um rumor publico segundo o qual dois jovens conterraneos teriam praticado selvajerias na pessoa de Amável Santos Calhau, alcoólico (filho de alcoólico) e débil mental, de 30 anos, solteiro e residente na vizinha freguesia de Alvite.

Diz o povo (mas será verdade?) que dois rapazes de 18 e 19 anos haveriam ido de madrugada a casa do débil mental, levando-o despido para o cemitério e sujeitando-o aí a maus tratos depois de o amarrarem a uma árvore.

Amável Calhau, ouvido já nesta vila, confirmou a cena para posteriormente a negar. Quanto á data, disse que «foi ontem» mas corrigiu mais tarde: «foi há meio ano». (Um dos suspeitos está neste momento em Lisboa, conforme apurou o sargento Calado.)

Descrição do Calhau nas palavras do comandante da G. N. R.:

— *Ele perfeito não é, mas fala correctamente. Gosta é da pinga como o pai. Vivem os dois sózinhos numa casita e o rapazio mete-se com o Amável quando ele está borracho e faz-lhe patifarias.*

# FOGOS REAIS NA REGIÃO DE ÉVORA

ÉVORA, 20 — O Regimento de Artilharia Ligeira n.º 3, com sede nesta cidade, vai efectuar no dia 18 de Dezembro, das 8 ás 13 horas, exercícios de fogos reais de morteiro de 6 mm, numa zona compreendida entre o caminho que liga os montes Paço de Saraiva e Perdigão a SW, linha férrea a N e caminho do Monte Perdigão á linha férrea a E.

Para evitar possíveis acidentes, aquela unidade avisa todas as pessoas que tenham de utilizar aquela zona, no dia e horas indicados, o façam tomando as necessárias precauções.


**Nos regimes dietéticos em que seja necessária a substituição do açúcar**

Pode confiar-se em

**ME-TA-SWEET**

que tem ùnicamente como **princípio activo** a

**SACARINA SÓDICA SOLÚVEL**

o consagrado edulcorante artificial **que não causa acções secundárias**

**Inteiramente original na forma de administração**

A VENDA EM TODAS AS FARMACIAS

Distribuidores para Portugal:

**HERBERT CASSELS, L.DA**

**Avenida 24 de Julho, 58 — LISBOA-2**

**Telefones: 661778 - 674586**


# Um método historiográfico

(Continuação da pág. anterior)

Uma e outra reacção são importantes e significativas, objectos imediatos de inquérito, e, sendo caso disso, de expressão estatística. Séries de pesquisas sobre as causas e as consequências do gosto colectivo determinando tais atitudes constituem uma tarefa metódica, que liga criadores, utentes e intermediários, implicados todos, no mesmo processo cultural.

Como se forma um gosto colectivo? Em que condições sócio-culturais, em que dosagem e por que vias a conjuntura económica nele age? Outras tantas questões que é preciso pôr, e às quais é preciso encontrar uma resposta em cada caso preciso.

No quadro de um inquérito de história da arte definida conforme os princípios acima propostos, importa conduzir pesquisas articuladas nos planos da informação e das condições de vida material que são as do seu público. De um lado, temos as estruturas do ensino especializado, de outro, o acesso a uma informação organizada, ou não; a acção dos «ateliers» de outrora, as das academias de Belas-Artes, ou, há meio século já, dos institutos de tecnologia, são completadas por uma formação estética geral ao nível de uma cultura humanista. O criador tem assim, ou não tem, o consumidor que merece. Não esqueçamos, de resto, que este processo se define através dos tempos, o que põe o problema permanente da leitura ou da re-leitura das obras de arte; há um consumo «a posteriori» que se liga, ou se acorda, ao consumo contemporâneo. No quadro deste, no seio de uma situação directa e imediata, é preciso saber como esta correspondência se estabelece, quais são os seus elementos positivos e negativos, e em que grau eles intervêm, ou podem intervir. As relações económicas dependem consideràvelmente deles, qualsquer que sejam as estruturas sócio-políticas do país ou do conjunto de países considerados — porque as possibilidades de vida (de vida livre e independente, escusado será dizê-lo) dos artistas encontra-se em relação directa com a qualidade de quem os paga — mecenas, reis e papas, coleccionadores, capitalistas, directores «des bâtiments du roy», de museus ou de fundações culturais, ou dirigentes de departamentos especializados do Estado. As estruturas económicas no meio das quais todos eles agem, tal como as suas ideologias, devem ser devidamente temperadas, sempre e em qualquer circunstância, pelo conhecimento e pela inteligência que eles têm, ou podem ter, do fenómeno em causa. E, também, não pode esquecer-se que a origem social, de classe ou de família, dos utentes, representa um papel não negligenciável — ainda hoje no Ocidente, pelo menos.

Em suma, não se poderá compreender o desenvolvimento das formas, mesmo a génese e a evolução de uma poética no quadro de uma sociedade, sem conhecer as condições da informação e da vida material que agem no seio da vida artística.

O ensino, as colecções e os museus, as corporações ou as sociedades de artistas, os seus salões, as exposições, a actividade dos mercadores em certos casos (que podem, de resto, ser muito numerosos e muito antigos), assim como os críticos de arte e os historiadores, com as suas orientações e os seus métodos — outros tantos domínios que entram no conhecimento do *facto artístico*, fenómeno global de que a historiografia da arte deve ocupar-se. Estas pesquisas, sistematizadas de maneira científica, devem, portanto, estender-se a domínios que só por erro se considerariam marginais, com o pretexto de que se arredam da análise directa das obras produzidas.

Sabemos todos hoje (e a definição antropológica de cultura, de que em breve se celebrará o centenário, devida a Ed. Barnett Tylor, não permite que nos enganemos) que a história da arte não pode mais deter-se na simples apreciação dos «objectos de civilização» que são as obras de arte — para já não falar de uma actividade mais simples de inventário descritivo, e, ainda menos, de uma atitude biográfica e anedótica, uma e outra por demais satisfazendo mentalidades em dificuldade de libertação de processos mentais próprios do século XIX.

É inútil dizer que os inventários e os catálogos continuam a ser instrumentos de trabalho insubstituíveis, ficheiro que é preciso conhecer e que nos permitirá em breve, esperemo-lo, constituir redes capazes de ser utilizadas segundo os processos da informática. Com efeito, tudo leva a crer que a historiografia da arte tenha, dentro em breve, direito a um tratamento mecânico de dados, na formulação de uma metodologia verdadeiramente moderna, de que outras ciências humanas já beneficiam, hoje em dia. (2) Sem dúvida, as pesquisas monográficas pelas vias da biografia, mesmo dando lugar á anedota e á «petite histoire» (ousarei afirmar que não há «petite histoire», mas sòmente «petits historiens» que confundem a quantidade com a qualidade que se pode descobrir no mais pequeno dito — imediatamente significativo pelo próprio facto de ser dito?...), são extremamente úteis e não poderemos prescindir da sua contribuição informativa. No entanto, a história da arte, tal como nos esforçamos por a praticar, de maneira sistemática, no quadro modesto dos nossos trabalhos sobre os séculos XVIII, XIX e XX, ultrapassa, pela responsabilidade sociológica de ciência humana que pretende assumir, estes domínios de imediata aproximação; ela propõe-se um campo operatório de reflexão semântica global mais ambicioso.

Escusado será dizer que esta história não poderá alienar-se do domínio próprio do objecto arquitectural, pictural ou escultural que, no fim de contas, a justifica. A sua análise formal constitui o último motor de toda a compreensão do fenómeno sócio-artístico. É por isso que o historiador de arte não poderá deixar de ser, também, um crítico de arte; para além da sua habilitação filológica, ele deve fazer prova de uma vocação estilística que lhe garanta a leitura formal das obras, a possibilidade de as solicitar, de as fazer viver e de lhes atribuir valores qualitativos. Isto significa que lhes convirá ter um treino metódico na observação, mais ou menos empenhada, da criação artística do seu próprio tempo — sem o que toda a leitura do passado se arrisca a não ser mais do que exercício de erudição desencarnada. A indução cronológica, baseada numa experiência vivida, aqui como em qualquer outro domínio historiográfico, é a regra fundamental deste jogo em que o homem se bate com as forças desconhecidas e, muitas vezes, misteriosas do seu passado e da sua memória.

Uma leitura estética fundada numa consciência «gestáltica» e uma integração sócio-cultural centrada num processo estruturalizante, quer dizer, dinâmico e global, impõe-se, assim, como condições do conhecimento da obra de arte nas suas relações dialécticas com a sociedade, ao mesmo tempo determinante de tais valores, e por eles determinada. A sobreposição desta leitura e desta integração, em relações de dosagem mobil, poderá definir, em conclusão, o método historiográfico que propomos.

(1) J. A. França, *A Arte em Portugal no século XIX* (Lisboa, 1967), vol. I, prefácio, pp 9-10.

(2) Em Abril de 1969, propusemos á Fundação Gulbenkian a organização de um «departamento de informática» (no quadro de um Instituto de Arte cuja criação preconizamos), realizado a um nível internacional, para promover pesquisas sobre as técnicas de computação, etc., aplicadas á história da arte.

(3) Comunicação apresentada no 22.º Congresso de História da Arte, em Budapeste, Setembro de 1969.

JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA


# ALGARVE

**VENDE-SE, EM BOAS CONDIÇÕES, PRÉDIO RÚSTICO COM MAIS DE 20 000 m2, COM PRAIA PRÓPRIA, MAGNÍFICA PANORÂMICA, ENTRE TAVIRA E MONTE GORDO (PERTO DE CACELA) OU CEDEM-SE POSIÇÕES TOTAIS NA SOCIEDADE SOB FORMA ANÓNIMA SUA PROPRIETÁRIA • SÓ ATÉ AO FIM DE NOVEMBRO**

RESPOSTA À RUA VICTOR CORDON, 10-A, 1.º ANDAR

**LISBOA**

SÃO JORGE PROGRAMAÇÃO BANK

APRESENTA EM

4.ª SEMANA

UM FILME SUPERIOR

a Batalha de Inglaterra

"BATTLE OF BRITAIN"

produção de Harry Saltzman e S. Benjamin Fisz

Harry Andrews Michael Caine Trevor Howard Curt Jurgens Ian McShane Kenneth More Laurence Olivier Nigel Patrick Christopher Plummer Michael Redgrave Ralph Richardson Robert Shaw Patrick Wymark Susannah York

argumento de James Kennaway e Wilfred Greatorex

realização de Guy Hamilton Technicolor Panavision

SO GO United Artists

12 ANOS

## À BOCA DO PALCO DO MARIA MATOS

# Elvira Velez bebeu pelos seus 77 anos

*Pode ser-se jovem aos 77 anos? Sim senhor, pode fazer-se um esforço... Se outra prova não houver, aí está a demonstrá-lo Elvira Velez, que, ontem, á noite, finda mais uma representação de «Tombo no Inferno», de Aquilino Ribeiro, no Teatro Maria Matos, se viu envolvida pelo carinho do público por motivo de festejar o seu 77.º aniversário.*

*Aplaudia-se o trabalho dos actores, quando Igrejas Caeiro pediu mais palmas: eram para Elvira Velez. As pessoas levantaram-se prontamente e o dr. Costa Ferreira, no seu hábito de clérigo, ergueu a taça de «champanhe» em nome dos artistas. Seguiu-se o pessoal técnico, as costureiras, toda a gente, enfim, que contribui para o espectáculo diário.*

*Como habitualmente, foram ao palco os jovens que festejavam o seu 17.º aniversário e, para quem «Tombo no Inferno» teve bilhete gratuíto: Isabel da Silva Vidal da Costa, Isabel Maria dos Santos Morgado e Joaquim Madeira.*

*Novas palmas para Elvira Velez, que bebeu a sua taça á boca do palco, jovem e bem disposta como só ela!*

## HOMENAGEM

VISEU, 19 — Foi homenageado, com um jantar, o dr. Augusto Saraiva, professor do liceu desta cidade.

ADULTOS

Em últimos dias

SÓ ATÉ DOMINGO

AR CONDICIONADO

TEATRO VILLARET

o mais moderno e confortavel de lisboa

HOJE, às 21.45 horas

VASCO MORGADO

APRESENTA

RAUL SOLNADO

na sua mais brilhante interpretação

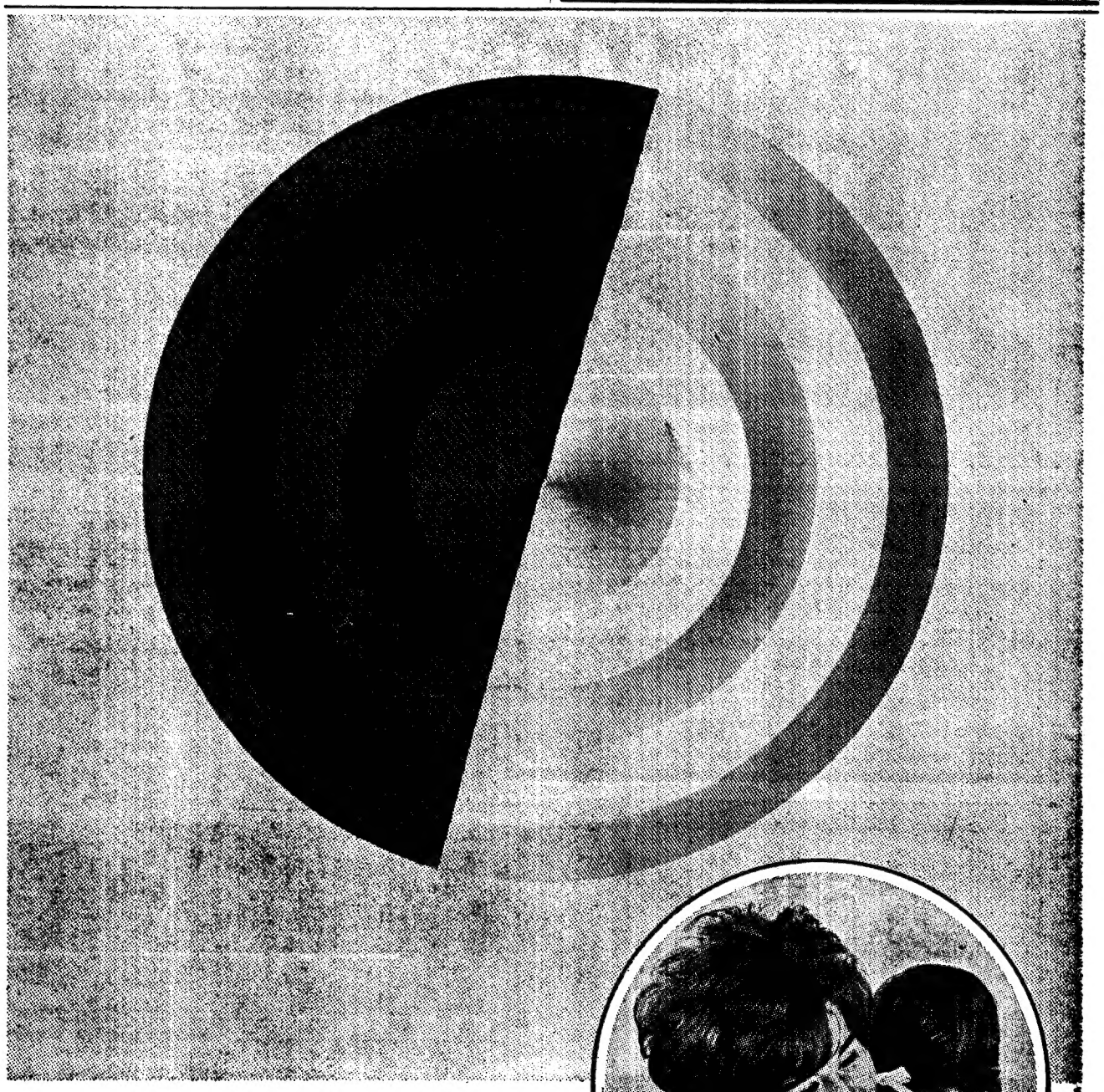
«AMOR ÀS RISCAS»

Uma divertidissima tragédia amorosa, com

JO ALVARENGA e ARTUR SEMEDO

A PARTIR DO DIA 28, ÀS 21.45 HORAS

VOLPONE pelo Grupo Cénico da Associação Académica da Faculdade de Direito (ADULTOS)



O que torna diferente um seguro da ATLAS?

O cuidado com que foi escolhido para ser a solução perfeita do seu caso particular. Porque na ATLAS um seguro é mais do que uma apólice. É o resultado da nossa experiência é técnica em seguros. E da atenção que dedicamos a cada cliente.

Consulte-nos. Estamos ao seu dispor para lhe apresentar o plano de seguros mais adequado aos seus interesses.

ATLAS

COMPANHIA DE SEGUROS, S.A.R.L.

Lisboa — Rua Andrade Corvo, 27 Telefs.: 57120/7/8/9/48 e 57354
Porto — Rua de Ceuta, 11-1.º Telefs.: 20802/3, 22152
Coimbra — Rua da Sofia, 139-1.º Esq. Telef.: 28901

Quem será O 41 O ?

ADULTOS

BALÃO VERMELHO

TUDO PARA CRIANÇA

SECÇÃO N.º 3

UMA COLECÇÃO CRIADA E ADAPTADA À SUA PERSONALIDADE
GRANDE VARIEDADE DE MALHAS ESTRANGEIRAS

AV. ANTÓNIO AUGUSTO AGUIAR, 1-B — Telef. 41279

UM HOMEM PODE SEPARAR-SE DE UMA MULHER DE MUITAS MANEIRAS, MAS

# MARCELLO MASTROIANI

INVENTOU UM PROCESSO MAGISTRAL DE SE DESEMBARAÇAR DA SUA EM

ESTREIA

**ROMA**

HOJE ÀS 21,45
(ADULTOS)

**DIVÓRCIO À ITALIANA**

OBRA-PRIMA DE

**PIETRO GERMI**

TALMA FILMES

---

**TIVOLI** ÀS 18 E 30

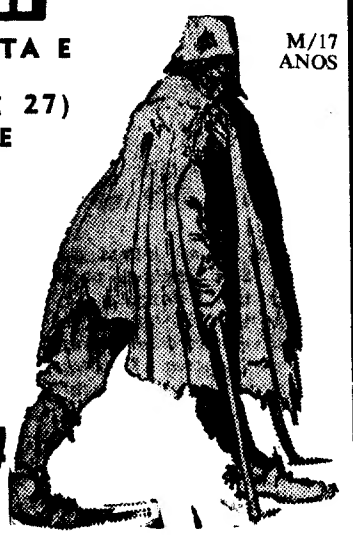
SEGUNDA, QUARTA E QUINTA-FEIRA (DIAS 24, 26 E 27)
DEFINITIVAMENTE ÚLTIMOS DIAS

**«AMANHÃ DIGO-TE POR MÚSICA»**

PELO

**GRUPO 4**

DESCONTO DE 50% A ESTUDANTES



M/17 ANOS

---

**COLISEU** AMANHÃ, ÀS 21,30 (MAIORES 12 ANOS)

ESTREIA

NOVA COMPANHIA INTERNACIONAL DE CIRCO

As maiores atracções: Entre outras: Barristas mexicanos * chimpanzés * leões * voadores

BILHETES À VENDA

---

**SOLAR DO MINHO** *

Rua do Vigário, 60
Telefone: 86 68 11
ALFAMA
(a Santo Estêvão)

PARA ADULTOS

Proprietária: artista EDUARDA MARIA

FADOS—FOLCLORE
RESTAURANTE TÍPICO
ABERTO ATÉ ÀS 2,30 DA MANHÃ

ABERTO AOS DOMINGOS

---

o assunto deste filme é:

♡ AMOR

Relações Humanas

Ritos de fertilidade

...mas tratado de modo diferente

**O MAGNÍFICO INTRUSO**

DOM DeLUISE · JOHN McMARTIN · SUSAN SAINT JAMES · DON STROUD
Produção e Realização de GEORGE SEATON · Música de DE VOL · TECHNICOLOR — M / 12 ANOS
Distribuição SONORO FILME

2.ª SEMANA no VOX

---

# COBERTORES

Acabamos de receber novas remessas de cobertores nacionais e estrangeiros, das melhores qualidades, a preços muito vantajosos. Chamamos a atenção em especial para os óptimos cobertores belgas e austríacos, feitos com a melhor lã australiana, extremamente quentes e levíssimos.

*Lavores Femininos*

Avenida Guerra Junqueiro, 3-D

**LAVORES**

RUA ÁUREA, 179

---

**GIL VICENTE** — Cascais Telef. 280919

TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS
JUNTA DE TURISMO DA COSTA DO SOL

APRESENTA ÀS 22 HORAS

**EUNICE MUÑOZ** interpretando **ARRABAL**

com SANTOS MANUEL, VITOR DE SOUSA e CARLOS PAULO

Trad. ANTÓNIO BARAHONA DA FONSECA

Encenação **CARLOS AVILEZ**

SUBS. FUNDO TEATRO — FUNDAÇÃO GULBENKIAN — ADULTOS

---

**CAPITÓLIO**

Telef. 320379
HOJE, às 21.45 h.
(M/17 anos)

A Empresa Rey Colaço-Robles Monteiro apresenta o original de Bernardo Santareno

**O PECADO DE JOÃO AGONIA**

Sábado ás 16 horas — Tarde a preços reduzidos
Domingo — Tarde especialmente dedicada a estudantes

---

**FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN**

# Auditório Dois

**Amanhã, às 18,30 h.**
CONCERTO pelo
**QUARTETO ERASMO**
Malipiero, Debussy, Dvorak

*

**Sexta-feira, 28 de Novembro, às 18,30 h.**
RECITAL DE GUITARRA CLÁSSICA por
**MARIA LÍVIA SÃO MARCOS**
Villa-Lobos, J. S Bach, F. Lacerda, Torroba

*

**Terça-feira, 9 de Dezembro, às 18,30 h.**
RECITAL DE CANTO E PIANO por
**LUISA BOSABALIAN e MANFRED SCHANDERT**

*

PREÇOS: 20$00 ■ 50% de desconto aos estudantes
A bilheteira está aberta das 13 às 20 horas, todos os dias, com excepção de domingo, na Fundação Gulbenkian (Av. Berna)

Espectáculo para maiores de 6 anos

---

**HOTEL DOM CARLOS**

A reputação do nosso RESTAURANTE é feita pelos seus próprios clientes. A par da cozinha internacional há sempre uma especialidade portuguesa á sua disposição.

AMANHÃ AO ALMOÇO:
BACALHAU À MODA DAS TAIPAS

AV. DUQUE DE LOULÉ, 121 — TEL. 53 90 71 — LISBOA

---

**ABC** Às 20.45 e 23 h. Adultos

**ENA, JÁ FALA!**

---

Em LAGOS o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se no Café Portugal.

---

**BOUTIQUE IZA'**

Tem o
Prêt-à-Porter
melhor
e mais moderno
de Lisboa
Provisòriamente
na rua Borges Carneiro
Nº 59

---

HELENA TAVARES

A ATRACÇÃO NACIONAL
● HELENA TAVARES
A ATRACÇÃO FILIPINA
● «THE MELODIES»

DOMINGO, «Matinée», às 16 h.

**MARIA VITÓRIA**

ADULTOS

● Um escândalo de gargalhada é a sensacional revista:

**ESPERTEZA SALOIA**

☆ ÀS 20,45 e 23 HORAS ☆

O triunfo de um óptimo elenco, com:
SALVADOR ● JOSÉ VIANA
● MARIEMA ●
● BARROSO LOPES ●
● DORA LEAL ●

UMA REVISTA DE ÊXITO TOTAL!

HELENA TAVARES no fado «Quando a Noite Vem»

# SAIBA O QUE É UM TITULO DE OCUPAÇÃO

**1**-Ao adquirir um Título de Ocupação você pode fazer imediatamente a escritura de compra do seu apartamento de férias, escolhendo o mês e o tipo de alojamento que lhe convier. **2**- Os apartamentos encontram-se já prontos a habitar, completamente mobilados e equipados. **3** - Sempre que não pretenda utilizar o alojamento, TORRALTA obriga-se a pagar-lhe 8 a 12% sobre o valor da venda — que poderá receber mensal ou anualmente. **4** - TORRALTA comprar-lhe-á o seu Título de Ocupação se o quizer vender. **5** - Poderá, também, comprar o seu Título de Ocupação, pagando-o em 36 prestações. **6** - Se optar por esta modalidade terá direito ao juro do capital investido, a partir da primeira prestação, em relação às importâncias pagas. **7** Se por qualquer eventualidade desistir da compra do Título de Ocupação, não perderá o seu dinheiro, TORRALTA comprar-lhe-á a sua posição.

Peça informações a TORRALTA - Av. duque de Loulé, 66-A - Lisboa - Telefones 51748 - 54479 - 555681


## PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

### • NO POLITEAMA

**TÍTULO: «Primavera em Roma de Mrs. Stone» («Roman Spring of Mrs. Stone»).**
**REALIZAÇÃO: José Quintero, 1961 (E. U. A.).**
**INTÉRPRETES: Vivien Leigh, Warren Beatty, Lotte Lenya, Carol Browne, etc.**

Qual a razão recôndita que terá levado a ressuscitar, hoje em dia, esta película intragável? A *Primavera em Roma de Mrs. Stone* não é só um mau fillme (cinematogràficamente falando), como também uma péssima adaptação de uma novela de Tennessee Williams (já de si pouco característica). O mau gosto visceral de tudo isto não tem parelhelo (e daí, e daí — até tem. Basta relancear os olhos por alguns títulos presentemente em exibição, *hélas*).

Dirigido em 1961 (portanto com oito anos de atraso que requentaram por completo o que quer que seja desta *primavera*), o fillme de Quintero falla-nos de uma actriz de sucesso que os anos destruiram. Com mais de quarenta e cinco resolve abandonar a carreira e dedicar-se, confortàvelmente, a gastar o dinheiro armazenado pelo seu defunto marido. Vai até Roma (que para os americanos deve ser o centro mundial da depravação concentrada) e aí encontra Paolo que uma megéra, dita «condessa», lhe lança no caminho na mira dos costumados 50 % de percentagem nos «extras».

Do encontro nasce o amor e o resto já se sabe. Para nós bastou.

Nos principais papéis Vivien Leigh (irreconhecível) e Warren Bentlly (então no início da sua carreira).

De José Quintero nunca mais se ouviu falar. Honra lhe seja feita.

L. A.

## «ENA, JÁ FALA!»

### O ÊXITO CONTINUA
### TRÊS MESES DEPOIS DA ESTREIA

No seu terceiro mês de exibições, continua em pleno êxito e a atrair multidões ao novo Teatro ABC a revista «Ena, Já Fala», um espectáculo cheio de graça, crítica actual aos principais acontecimentos, deslumbrantes cenários e bonito guarda-roupa, linda musica e bailados e invulgar interpretação de um escolhido «cast», onde figuram os nomes maiores da cena ligeira nacional.

Contínuas gargalhadas provocadas por hilariantes quadros de comédia e numeros cómicos afiados a uma boa apresentação de quadros de fantasia fazem de «Ena, Já Fala!» uma revista que é saudável divertimento com a duração de duas horas.

José Miguel, ao formar um elenco, partindo de uma base que garantisse a simpatia do publico, resolveu contratar Ivone Silva, Ribeirinho, Nicolau Breymer e a popularíssima cantadeira Fernanda Baptista.

A musica de João Nobre e João de Vasconcelos, que ilustra o alegre «poema» da parceria dos «Oscars da Imprensa» Paulo da Fonseca, Rogério Bracinha e César de Oliveira, tornou-se popular em curto prazo de tempo.


## TEATRO DA TRINDADE

(F. N. A. T.)

**Amanhã às 21,45 horas** M/17 anos

5.º Espectáculo do IV CICLO DE TEATRO AMADOR NA EMPRESA

Com a representação de

**O VAGABUNDO DAS MÃOS DE OURO**

Farsa em 3 actos, de **Romeu Correia**

**Pelo Grupo Cénico do G. D. P. da Messa**
**Encenação de José Raul Gonçalves**

BILHETES À VENDA — **Plateia:** 10$00 e 20$00; **balcão:** 2$50, 5$00, 7$50 e 10$00; **Camarotes:** 20$00, 30$00 e 40$00; **Frisas:** 50$00

## TEATRO DA TRINDADE

(F. N. A. T.)

**DOMINGO, 23 DE NOVEMBRO, ÀS 11 HORAS DA MANHÃ**

Concerto pela

**BANDA DA GUARDA NACIONAL REPUBLICANA**

Dedicado aos beneficiários da F. N. A. T., Sócios dos Sindicatos Nacionais, C. A. T. e C. R. P.

Direcção: MAESTRO CAPITÃO SILVA DIONÍSIO

**PROGRAMA**

**CLEÓPATRA** (Abertura) — MANCINELLI ★ **SINFONIA N.º 2** — BORODINE ★ **SUITE PORTUGUESA N.º 1** — RUY COELHO ★ **SEVERA** (Selecção — F. DE FREITAS ★ **FANDANGO** — L. FREITAS BRANCO

Distribuição gratuita de bilhetes a partir de hoje

Maiores de 6 anos

Durante a execução de qualquer dos números do programa não é permitida a entrada na sala de espectáculos

## O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

**O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.**

Telef. 717017 — Adultos

**Teatro Maria Matos**

**Av. Frei Miguel Contreiras** (à Av. de Roma)

**SÁBADO, ÀS 16 HORAS — 1.ª tarde popular a preços reduzidos**
**DOMINGO, À TARDE E À NOITE — 50% de desconto aos jovens dos 17 aos 21 anos**

**AQUILINO RIBEIRO amava o povo e defende-o corajosamente na peça**

## TOMBO NO INFERNO

A história de um homem empurrado para o cativeiro por uma sociedade desumana

POR UM GRANDE ELENCO DIRIGIDO POR **IGREJAS CAEIRO**

Susbídios: Fundação Gulbenkian e Fundo de Teatro

# VIDA MUSICAL

### A Banda da G. N. R. na Teatro da Trindade

A exemplo dos anos anteriores e por iniciativa da F. N. A. T. em colaboração com o comando-geral da Guarda Nacional Republicana, a banda de musica desta corporação, dirigida pelo capitão Silva Dionísio, vai realizar mais uma série de concertos no Teatro da Trindade.

O primeiro concerto, que se efectua no domingo, ás 11 horas, inclui obras de Mancinelli, Borodine, Ruy Coelho, Frederico de Freitas e Luís de Freitas Branco.

Por este motivo, a banda não realiza o tradicional concerto do próximo sábado no quartel do Carmo.

## STRINDBERG NA CASA DA COMÉDIA

Mais do que cinquenta vezes se encheu a sala da Casa da Comédia (ás Janelas Verdes) para ser testemunha da obra-prima de Strindberg «Dança da Morte», representada pela primeira vez em Portugal. Lisboa soube devidamente apreciar o acontecimento realizado pelo «trio de câmara», duma harmonia excepcional, de verdade humana e de rigor técnico: Carmen Dolores (prémio nacional de interpretação nesse papel), Alvaro Benamor e Augusto de Figueiredo, dirigidos pelo Jorge Listopad.

Devido aos compromissos inadiáveis dos intérpretes, a Casa da Comédia será forçada em breve a interromper definitivamente a carreira triunfal desta peça.

Todos os dias, até 30 deste mês, sessões ás 22 horas, com excepção de segundas-feiras, dia de descanso dos artistas. Aos sábados, «matinée» ás 16 horas, seguida de colóquio.

Marcação de lugares, depois das 18 e 30 horas, pelo Telef. 677299 ou directamente na Casa da Comédia, Rua de S. Francisco de Borja, 22.

Espectáculo para maiores de 17 anos, subsidiado pelo Fundo de Teatro.

Participe
no esforço de
desenvolvimento
económico-social
do país, aplicando as suas economias na criação de maior riqueza e bem-estar geral.

O BANCO DE FOMENTO proporciona-lhe:

Rendimento de 4,5% ao ano,
isento de impostos.
Segurança total.
Colocação eficaz do seu dinheiro.
Disponibilidade dos depósitos por meio de livranças.

CONSULTE OS NOSSOS SERVIÇOS:
LISBOA
Rua Braamcamp,5
PORTO
Av. dos Aliados, 58-64

BANCO DE FOMENTO NACIONAL
IMPULSIONADOR DO CRESCIMENTO ECONÓMICO NO ESPAÇO PORTUGUÊS


## O Uruguai é membro do Secretariado Internacional da Lã

Recentemente constituido no Uruguay, o Secretariado da Lã iniciou as suas actividades em meados do mês findo, após a inauguração oficial das suas instalações em Montevideo, realizada pelo presidente do Secretariado Uruguaio da Lã, sr. J. Seremini, com a presença de *sir* William Gunn, presidente do Secretariado Internacional da Lã e da Junta dos Produtores de Lã da Austrália e dos srs. G. Joubert, presidente da Junta da Africa do Sul e B. Trolove, vice-presidente da Junta da Nova Zelândia.

Este foi o primeiro acontecimento duma série de cerimónias que marcaram o inicio da actividade da organização no Uruguai, que, desta forma, fica a ser o quarto país membro do Secretariado da Lã, formado há 32 anos pela Austrália, Nova Zelândia e Africa do Sul.

O presidente do Secretariado Uruguaio referiu-se aos benefícios que poderão advir para o Uruguai da sua associação com o Secretariado Internacional da Lã e manifestou regozijo por o Uruguai ser o primeiro país da América Latina a tornar-se membro da organização. Fez ainda votos para que outros importantes países produtores de Lã, particularmente a Argentina, considerassem também a sua adesão, pois tal, segundo afirmou, contribuiria para fortalecer ainda mais a acção mundial do Secretariado na promoção e investigação a favor da lã.

*Sir* William Gunn anunciou que ia providenciar no sentido de um cientista australiano, especializado em agricultura, visitar periódicamente o Uruguai para dar assistência ao Secretariado. Convidou também dois representantes do Secretariado Uruguaio a visitar os outros países membros para observarem e estudarem *in loco* as actividades desenvolvidas pelas Juntas dos Produtores de Lã.

A cerimónia inaugural assistiram mais de 200 pessoas, entre as quais os srs. A. Maiden, e D. V. Damerell, respectivamente director-geral e director regional para a América do Secretariado Internacional da Lã além dos representantes das organizações de criadores de gado da Argentina e do Brasil.

O Uruguai que é o 5.º país exportador de lã do mundo, tornar-se-á membro do Secretariado Internacional da Lã em Julho do próximo ano. A lã representa 46% do rendimento proveniente das exportações do Uruguai.

Aspecto das obras na subestação da Várzea

# A distribuição de energia eléctrica na Covilhã

COVILHÃ, 19 — Os serviços municipalizados desta cidade, continuando na sua obra de ampliação e renovação da rede de distribuição eléctrica concelhia no seu programa de renovação consta a construção de duas novas subestações, ao ar livre situadas, uma na Várzea; outra nas proximidades do Tortosendo. Deste modo ficarão servidas nas melhores condições as zonas norte e sul concelhias.

Este empreendimento custará cerca de 16 mil contos.

## A PISTOLA DOS CIGANOS DISPAROU-SE NO TÁXI

O motorista de «táxi» Vítor Manoel Antunes de Carvalho, residente na Rua da Paz, 47, r/c., participou na esquadra da P. S. P. da Praça da Alegria que, ao seguir na Rua da Palma, transportando dois indivíduos que lhe pareciam ciganos, de subito reparou que se a brira no pára-brisas do carro um pequeno orifício, ouvindo, simultaneamente, uma detonação que ecoou intensamente dentro do veículo.

Tendo pretendido parar, os dois passageiros ordenaram-lhe que seguisse para o Campo de Santana, onde abandonaram o carro, sem pagar a corrida mas deixando uma mala com diversos cortes de fazenda, toalhas turcas, peúgas, pastas de creme de barbear, sabonetes, etc.

Os dois homens continuam por descobrir. Segundo parece, a pistola disparou-se inadvertidamente.

## REUNIÃO DO VET CLUB

Com a presença de quarenta e seis sócios e convidados, efectuou-se hoje, no Hotel Florida a reunião mensal do Vet Club de Lisboa Presidiu o sr prof. dr. José Luis da Silva Leitão. O convidado de honra e palestrante foi o sr. prof. dr. Jose Julio Gonçalves, catedrático do Instituto Superior de Ciências Sociais e Politica Ultramarina, que falou sobre «Alemanha—impressões sociológicas.»

## OS COMERCIANTES DE ÍLHAVO E A SEMANA-INGLESA

ÍLHAVO, 20 — Alguns comerciantes desta vila enviaram ao Grémio do Comércio de Aveiro uma exposição, na qual se manifestam no sentido de que se estabeleça, neste concelho, o regime de semana-inglesa. O facto provocou um movimento de reacção por parte de centenas de interessados, os quais fizeram uma exposição que foi entregue ao presidente da Camara e na qual contestam os argumentos dos que desejavam que fosse alterado o regime em vigor.

Também o delegado do comércio de Ilhavo, sr. Amadeu Estêvão dos Santos se dirigiu ao presidente do Município, afirmando que a alteração do horário actual causaria grandes prejuízos ao comércio local, por motivos vários

Ao que se sabe, o presidente da edilidade está a estudar o assunto, de modo que a resolução corresponda no desejo da maioria.

## Apareceu o corpo do operário afogado na Ria de Aveiro

ÍLHAVO, 20 — Como noticiámos, na noite de 10 do corrente, quando atravessava o canal da Ria de Aveiro, entre a Gafanha Boa Vista e a Vista Alegre, num bote, caiu á água e desapareceu com a corrente o operário Manuel Bizarro, de 33 anos, casado com Maria da Conceição Ferreira. Apesar das pesquisas feitas pelas autoridades marítimas, só hoje de manhã foi encontrado o corpo do infeliz operário, já em estado de recomposição, no uado sul da ponte Junceal Ancho. O corpo foi transportado pela ambulancia dos bombeiros desta vila para a casa mortuária do cemitério, onde será autopsiado.

---

**JAIME SENNFELT**

**FALECEU**

**PARTICIPAÇÃO, MISSA DO 30.º DIA E AGRADECIMENTO**

**Sua mulher, filhos, netos, irmãos e mais família, participam a todas as pessoas das suas relações e amizade que faleceu, no passado dia 21 de Outubro, o seu muito querido marido, pai, avô, irmão e parente, não tendo sido feita participação na altura devida por determinação do saudoso extinto. Igualmente participam que amanhã, sexta-feira, dia 21, pelas 12 horas, será celebrada missa de sufrágio, na Igreja de S. Sebastião da Pedreira, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem associar-se a este piedoso acto. Igualmente agradecem a todos quantos de qualquer forma lhes testemunharam o seu pesar, especialmente àqueles que por desconhecimento de moradas, o não puderam fazer directamente.**

**P. N. A. M.**

**AGÊNCIA MAGNO**
**Telef. 534167**

---

**ANTÓNIO MARIA BORGES ROBERTO**

**FALECEU**

Joana Caldas Borges Roberto e mais família participam que foi Deus servido chamar á Sua Divina presença o seu querido e chorado marido, irmão e parente, e que o seu funeral se realiza amanhã, ás 10,30 horas, da Igreja de S. João de Deus para o cemitério do Alto S. João.

**Agência Viuva Nogueira**
Rua D. Estefania, 76
Telef. 42940

---

**UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA**

S. A. R. L.

**Capital: 450 000 000$00**

**Sede: Rua de Alexandre Herculano, 244 — PORTO**

**SORTEIO DE OBRIGAÇÕES PARA AMORTIZAÇÃO**

No dia 9 do próximo mês de Dezembro, pelas 10 horas, proceder-se-á, num dos escritórios da empresa, na Rua Duque de Loulé, n.º 98, 1.º andar, no Porto, ao sorteio de 32 487 obrigações, das quais 31 642 são do valor nominal de 100$00 e 845 do de 1 000$00 cada uma, para efeito de amortização a partir de 2 de Janeiro de 1970 — data em que se iniciará também o pagamento de juros das obrigações das diversas séries, relativo ao segundo semestre de 1969.

(São 2444 obrigações da série de 4 1/2%; 4627 da série de 4%—1945; 2151 da série de 3 3/4%; 3949 da série de 4%—1948; 1788 da série de 5% — 1951; 3405 da série de 5% — 1952; 4627 da série de 5% — 1954; 4431 da série de 5% — 1957; 4220 da série de 5% — 1958; 345 da série de 5% — 1960; e 500 da série de 5% — 1963 — conforme consta dos respectivos quadros de amortização).

Porto, 17 de Novembro de 1969.

Pela UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA
O ENGENHEIRO-GERENTE
a) Mamede Fialho

---


ofereça aos amigos, clientes, representantes, residentes no estrangeiro, vinhos do porto madeira de mesa

J. A. DA COSTA PINA, LDA.
Rua do Alecrim, 73, Lisboa
Telefones - 320031/2/3/4
COSTA PINA & VILAVERDE, LDA.
Rua do Bonjardim, 420, Porto
Tel. 26562-32228-35221-37222

## Actualidade internacional

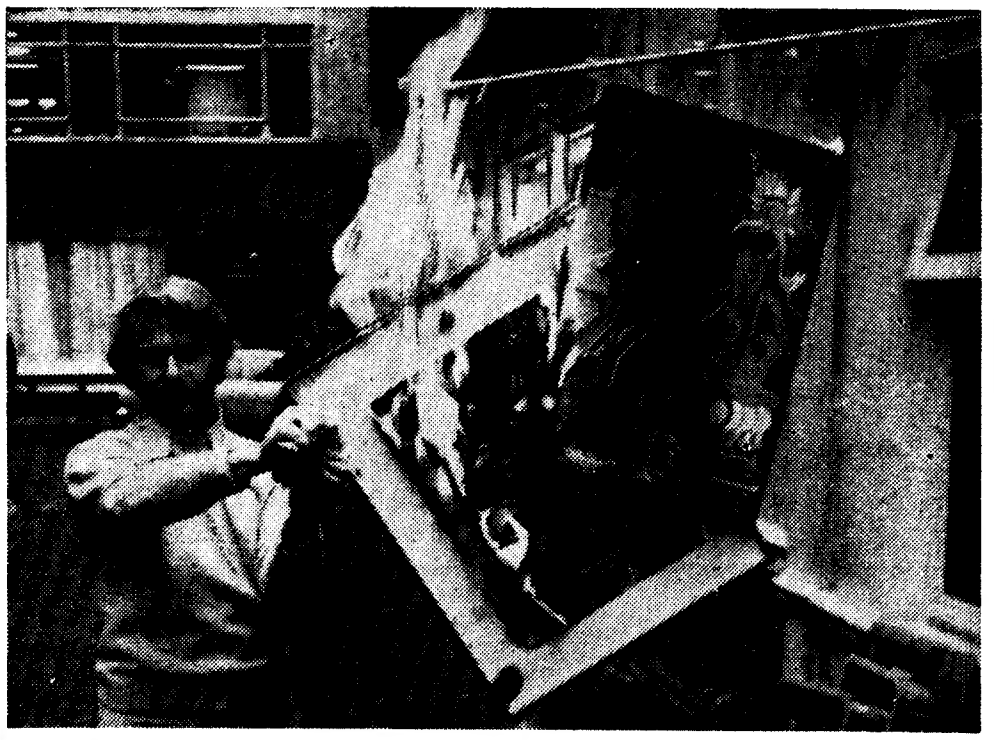
### A GREVE GERAL EM ITÁLIA

# Os maoistas tentaram sobrepor-se aos sindicatos

ROMA, 20 — (F. P.) — A violência dos incidentes de Milão constrastou com a calma com que decorreram de norte a sul da península as numerosas manifestações organizadas pelos sindicatos no decorrer da greve geral nacional seguida por uns doze milhões de trabalhadores.

Os elementos maoistas mostraram-se activos tentando sobrepor-se aos sindicatos. Mas estes, em todas as circunstancias, dominaram perfeitamente os comícios, com excepção de Milão. Tudo começou quando um jipe da Polícia fez cair um manifestante. No mesmo momento explodiu uma granada lacrimogénia, acidentalmente, ao que parece. Os manifestantes atiraram-se então á Polícia e ao jipe. Brandindo um grande tubo de ferro, um manifestante vibrou um golpe no veículo, perfurou o tejadilho e atingiu na nuca o condutor. Mortalmente ferido, este perdeu o domínio do veículo e foi chocar com dois camiões das forças da ordem. Surgiram outros grupos de manifestantes em auxílio dos primeiros e num ápice ergueram barricadas nas ruas. Armados com pedras, tijolos, barras de ferro que retiraram de uma obra, os manifestantes atacaram a Polícia em vagas sucessivas. Por sua vez, os agentes contra-atacaram e organizaram um carrocel desenfreado com os seus jipes enquanto explodiam granadas lacrimogénias. Só á tarde foi restabelecida a calma.

Os disturbios de Milão tiveram imediata repercussão na Camara e no Senado, tendo sido apresentadas moções solicitando ao Governo esclarecimentos sobre o sucedido em Milão.

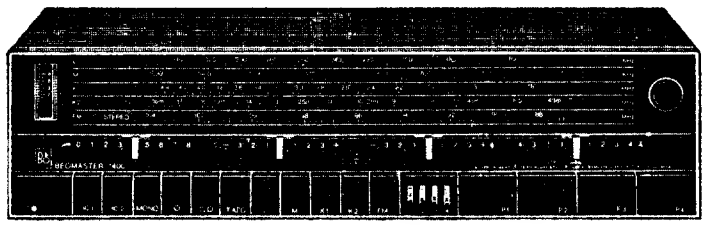


**O PINTOR AUSTRALIANO Helmut Kand (22 anos), cuja primeira exposição está patente na Ewan Phillips Gallery (Londres), queima em tom solene dois dos seus quadros favoritos, designados por «Ikon» e «Labyrinth of Toys». Segundo o pintor, todos os grandes criadores devem queimar sempre parte da sua obra... As cinzas dos quadros queimados serão incluídas na exposição**


BANG & OLUFSEN APRESENTA

*um tipo de radio receptor nunca visto - nem ouvido - até agora*

BEOMASTER 1400 DE ALTA FIDELIDADE



**O BEOMASTER 1400** inclui os mais recentes aperfeiçoamentos em rádio receptor. - Um rádio de Alta Fidelidade capaz de proporcionar uma recepção perfeita não só em FM mas em todas as outras ondas, quer para recepção local quer distante com a maior sensibilidade e selectividade. O BEOMASTER 1400 é um rádio e um amplificador estereo de Alta Fidelidade totalmente transistorizado com 2x15 watts de potência de saída e com menos de 1% de distorsão. A secção F.M. dispõe de um dispositivo para a recepção de quatro estações pré-sintonizadas e a recepção em onda curta inclui um expansor de banda, permitindo uma sintonia perfeita. O BEOMASTER 1400 pode ser fornecido simples ou com altifalantes de câmara de pressão incorporados - Constitui o coração de qualquer cadeia de Alta Fidelidade - Peça uma demonstração do BEOMASTER 1400, um produto da BANG & OLUFSEN - Desenho Dinamarquês - Fabrico Dinamarquês - Perfuição Dinamarqueza. - B&O.

B&O - PARA QUEM O BOM GOSTO E A QUALIDADE CONTAM MAIS DO QUE O PREÇO.

REPRESENTANTE EXCLUSIVO PARA TODO O TERRITÓRIO PORTUGUÊS

CENTRO DE COOPERAÇÃO TÉCNICA, S.A.R.L.

RUA D. JOÃO V, 2 • LISBOA • PORTUGAL • TELEFS. 68 00 07/8/9

À VENDA NOS AGENTES OFICIAIS B & O

DELEGADO EM COIMBRA:
**LUÍS FERREIRA PINTO**
Rua de Saragoça, 75 — Tel. 929974

DELEGADO NO PORTO:
**SÍLVIO AZEVEDO SILVA**
Rua do Quanza, 4 — Tel. 48347


## Polanski processado

**SANTA MÓNICA, 20. — (R.) — O director cinematográfico Roman Polanski, viuvo da actriz Sharon Tate, que foi assassinada, e a revista «Life» foram processados pelo proprietário da casa onde foi morta a actriz, e que pede uma indemnização de quase 850 mil dólares (cerca de 25 mil contos).**

**O queixoso afirma que Polanski concedeu ilegalmente á «Life» os direitos sobre uma fotografia da casa, concessão que foi prejudicar o valor de venda da propriedade.**

**A fotografia mostra Polanski sentado junto de uma das portas manchadas de sangue e foi acompanhada por um artigo intitulado «Trágica viagem á casa da colina».**

## OS «CABEÇAS RAPADAS» — NOVO MOVIMENTO DA JUVENTUDE INGLESA

LONDRES, 20 — (R.) — Cabeças rapadas, botas enormes e calças usadas um tanto á maneira de um palhaço de circo, eis os sinais característicos dos membros de um novo culto entre adolescentes, que está a alastrar na Grã-Bretanha.

Os seus fanáticos denominam-se a eles próprios «cabeças rapadas» («skinheads»). Ultrapassam e opõem-se ferozmente aos grupos de guedelhudos, como os «hippies» e os «Anjos do Inferno».

Ao contrário dos «hippies», os «cabeças rapadas» não proclamam ser guiados por considerações filosóficas. Desprezam os sermões dos «hippies» acerca do amor entre os homens. Os seus princípios são simples: mantenham-se unidos, vistam-se da mesma maneira.

Na Grã-Bretanha, tanto os «hippies» como os «anjos do inferno» são grandemente imitações dos cultos que floresceram primeiro nos Estados Unidos. Os «cabeças rapadas» parecem ser um fenómeno nativo espontaneo.

Os «anjos do inferno» têm uma estrutura pormenorizada de organização e ritos de iniciação. Um membros em perspectiva recebeu ordem para entrar dentro de um restaurante com um pombo vivo, cortar-lhe a cabeça e comê-la.

Urinar sobre um aspirante a membro da seita é outro costume algumas vezes aplicado entre os «anjos do inferno».

Ao contrário dos «hippies» e dos «anjos do inferno», os «cabeças rapadas» provêm quase exclusivamente da classe trabalhadora. Não pretendem desprezar a sociedade e a maioria deles são operários empregados de pequena categoria.

## TREMOR DE TERRA NOS E. U. A.

CINCINNATI (Ohio), 20 — (R.) — Um abalo telúrico, de intensidade relativamente moderada, foi sentido a noite passada numa área abrangendo oito Estados, fazendo estremecer as janelas e o mobiliário e provocando centenas de telefonemas para a Polícia, jornais e postos de Rádio e de Televisão.

Não foram anunciadas vítimas.

O terramoto, registado no observatório sismológico da universidade de Xavier, nesta cidade, tinha o seu epicentro, segundo se julga, na zona sul central da Virgínia ocidental, a cerca de 700 quilómetros de Cincinnati.

Além da Virgínia ocidental, o sismo foi sentido no sul de Ohio, Kentucky, Pensilvania, Tennessee, Geórgia, Carolina do Norte e do Sul.


**SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO**

**Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.**

**DIVORCIADOS E SEUS PROBLEMAS** — **por Antónia de Sousa**

# O DOLO PROCESSUAL NOS DIVÓRCIOS LITIGIOSOS

**Não há regras para o divórcio, que tanto pode acontecer nos primeiros anos do casamento como após longo tempo de uma união que parecia estável. O período que vai dos quarenta aos cinquenta anos, tanto no homem como na mulher, é considerado o mais perigoso para o naufrágio dos casamentos.**

**3**

**— O MEU MARIDO era alcoólico e mentiroso. Mas a razão principal que me levou á separação foi a mentira. Gostava suficientemente dele para suportar o alcoolismo, mas não lhe podia suportar as mentiras constantes! Aterrorizava-me a ideia de que a minha filha iria ser também mentirosa! A mentira e o alcoolismo não eram, porém, motivos bastantes para obter a separação judicial. Tive então de alegar maus tratos e abandono do lar, o que era mentira. Eu é que saí de casa... Quanto aos maus tratos, foi apenas isto: tivemos um dia uma questão em que eu fui muito mais malcriada do que ele e durante a qual me deu uma bofetada, mas depois até se fartou de me pedir desculpa...**

A sr.ª X, de quem já falámos, com o estado civil de separada judicialmente, equacionava com a sua experiência um dos aspectos da dissolução do casamento, para o qual a leitura da estatística nos chamara já a atenção: a fraude processual voluntária das partes, que nas acções de divórcio ou separação litigiosas acordam ou invocam determinados motivos para apressar ou conseguir a sentença de divórcio ou separação litigiosos, quando têm interesse em retomar rápidamente a sua liberdade.

## O DIVÓRCIO POR MUTUO CONSENTIMENTO

A propósito, durante o debate acerca do Projecto do recente Código Civil, agora em vigor, e rebatendo a eliminação do divórcio por mutuo consentimento o dr. Magalhães Godinho serviu-se do exemplo da França para dizer:

...«*Mas não ignoramos quanto se tem clamado em França pelo facto de não estar restabelecido o divórcio por mutuo consentimento, precisamente porque a sua inexistência tem dado lugar a muita fraude processual nos divórcios litigiosos. Com efeito, há casos em que a vida em comum se tornou absolutamente impossível entre os cônjuges, que já não sentem um pelo outro qualquer amor ou sequer um sentimento de afecto e para os quais a vida em comum deixou de ter qualquer significado. Como, porém, nenhum dos cônjuges tem fundamento legal para requerer o divórcio litigioso, por não se verificar alguma circunstancia que o permita, e como não existe o divórcio por mutuo consentimento, o que acontece é que estes cônjuges, para dissolverem o seu casamento, conluiam-se, inventam um fundamento legal — regra geral o adultério do marido — e arranjam» duas ou três pessoas que se dispõem, mesmo sabendo que vão mentir, a ir ao tribunal testemunhar os factos de que há-de resultar a prova do adultério, e, assim, surgem as falsas acções de divórcio litigioso, as fraudes processuais.*»

## ENTREVISTA COM O DR. ALMEIDA RIBEIRO

Para melhor esclarecer este aspecto do problema (o dolo processual nos divórcios litigiosos), procurámos o dr. Angelo de Almeida Ribeiro, vogal do Conselho Distrital de Lisboa da Ordem dos Advogados que nos disse.

*— Nos divórcios não contestados está-se muitas vezes perante um acordo dos dois cônjuges, em que normalmente se procurou um fundamento não infamante.*

*Nos divórcios contestados, precisamente porque o clima em que decorre o desenvolvimento do processo é um clima diferente, um clima de irritação, é que a acção toma um carácter mais desagradável a ponto de se virem a focar aspectos da própria intimidade sexual, que deveriam ser remetidos para uma mutua reserva e mutuo respeito pela vida intima e privada dos dois.*

*Compete ao advogado consciente dos seus deveres e probidade profissional, evitar que sejam extravasados para o papel selado esses lamentáveis segredos de alcova. Portanto, nas acções não contestadas deve procurar-se um fundamento mais ou menos anónimo para não deixar feridas que nunca mais cicatrizam. Aquilo que se diz debaixo do domínio da pugna judiciária deixa, nos dois protagonistas, feridas difíceis de sarar.*

*O ideal seria restaurar o divórcio por mutuo consentimento, encurtando-lhe os prazos, de modo a poder resolver-se no mesmo periodo de tempo do divórcio ou separação não contestados, que normalmente se resolve em três ou quatro meses.*

*Quando desapareceu o divórcio por mutuo consentimento — continuou o dr. Almeida Ribeiro — aumentou o numero de divórcios litigiosos não contestados, por prévio entendimento entre os litigantes. Todos os tribunais se apercebem desse pequeno «dolo processual», mas os próprios juizes preferem-no ao estendal degradante de razões lançadas com maior ou menor violência por um cônjuge ao rosto e dignidade do outro.*

## SERÁ ADMISSÍVEL O DOLO PROCESSUAL?

Ao referir os motivos que podem tornar admissível o «dolo processual», afirmou-nos o dr. Almeida Ribeiro que muitas vezes, é escolhido um fundamento não rebarbativo em atenção aos filhos, para que não venham a ter acesso ao processo e tomem conhecimento de uma sentença que lhes comprova oficialmente que têm de envergonhar-se do comportamento materno.

A haver estes escrupulos, como se explica, perguntámos nós ao dr. Almeida Ribeiro, a elevada percentagem de sentenças de divórcio proferidas com base no adultério da mulher, quando a percentagem de divórcio por adultério do homem foi, ao longo de cerca de vinte anos, segundo os dados estatísticos que recolhemos, muito menor?

Respondeu-nos o dr. Almeida Ribeiro:

*— De certeza não é por a mulher ser um ente mais adúltero do que é o homem. Na nossa moral social considera-se o adultério da mulher mais grave do que o adultério do homem, sobretudo por causa das consequências quanto a possiveis filhos. Eu não creio que o adultério seja mais fácil de cometer pela mulher do que pelo homem, dada a nossa estrutura social e até porque no consenso geral o adultério do homem longe de constituir um crime, é considerado por muitos como uma manifestação de virilidade, de facto mais aparente do que real, uma vez que não é nesse plano que os homens se devem afirmar, mas sim noutros aspectos mais válidos da vida.*

*Em todo o caso, nos países latinos e arabizados como foi o nosso, as concepções do adultério de um ou de outro cônjuge são diametralmente opostas.*

*O que pode acontecer é que esses casos que surgiram foram movidos pelo mando contra a mulher que já vivia numa situação irregular e que esta nem sequer teve coragem para impugnar o invocado fundamento da acção.*

*Nota-se nos tribunais certa tendência, quando as acções são contestadas e nelas se invoca o adultério da mulher, a não dar como provado esse fundamento.*

*Os tribunais têm certa tendência para impedir que a mulher fique com o labéu de adúltera num documento oficial, como é uma sentença, a não ser nos casos muito escandalosos de prova muito flagrante. Preferem julgar procedente qualquer outro fundamento menos rebarbativo para que essa nódoa não persiga a mulher durante a vida E então preferem dar como provado quaisquer outros factos mais «suaves», mas que sejam fundamento para decretar a separação ou o divórcio.*

**As crianças precisam, para o bom desenvolvimento psíquico, que os pais se encontrem juntos; mas tantas vezes é mais benéfica a separação efectiva do casal, evitando á criança o traumatismo de uma situação de desentendimento constante.**

**DIVÓRCIOS POR ADULTÉRIO**

| Anos | 1942 | 1945 | 1950 | 1955 | 1960 | 1965 |
|---|---|---|---|---|---|---|
| **Adultério da mulher** | **221** | **307** | **269** | **178** | **98** | **117** |
| **Adultério do marido** | **137** | **169** | **271** | **125** | **56** | **65** |

## HAVERÁ REGRAS PARA O DIVÓRCIO?

*— Não há regras para o divórcio ou separação* — disse-nos o dr. Almeida Ribeiro. — *No presente momento, tenho dois casos entre mãos, em que, num caso, os cônjuges viveram apenas quarenta e dois dias em comum, e bastaram duas ou três noites de vida conjugal para criar entre eles uma incompatibilidade irredutivel. No outro caso, ambos os cônjuges em vias de divórcio têm setenta e cinco anos, e meio século de vida em comum. Em qualquer circunstância ou idade podem surgir problemas que perturbem a normalidade do casamento.*

*Neste último aspecto, sou partidário de uma legislação como a de alguns países estrangeiros, que proíbem o divórcio depois de vinte e cinco anos de vida em comum. Reconheço, porém, que o periodo pior é entre os quarenta e os cinquenta anos, em que o homem e a mulher são atacados pelo «démon du midi», em que há um periodo de mudança de idade, que é válido para qualquer dos cônjuges.*

## PENSÃO DE ALIMENTOS COMO CASTIGO

Acerca da pensão de alimentos disse-nos, a termi-

(Continua na 16.ª página)

# ECOS

**UM intelectual norte-americano, Marvin Gascon, escreve esta frase de terrível advertência:** «Somos como grandes icebergues: quando estes penetram em correntes de água quente, começam a fundir por baixo, até que o cimo se desequilibra e cai com grande estrondo.»

*

**COM o título «Ensaios sobre Cultura e História» reuniu Armando Castro um punhado de textos muito valiosos, que confirmam a sua presença de medievista e probo investigador naquilo que se pode chamar a universidade fora da universidade e, ao mesmo tempo, no-lo apresentam como ideólogo que reflecte, com uma perspectiva futurante, sobre temas de tão amplo espectro e pronunciado interesse como «Ciência, técnica e cultura», em vivo contacto com a juventude universitária.** Afirma Armando Castro que a história do conhecimento científico tem de estar presente na consciência do cientista esclarecido dos nossos dias. «O avanço deste conhecimento tem implícita a descoberta de características e de relações deterministas, isto é, de leis que explicam os fenómenos observados; mas descoberta essa que no seu progresso há-de formular esses caracteres e essas leis com grau de generalidade tal que explique efectivamente com largueza cada vez maior os traços concretos da respectiva realidade. E por isso que a história da Ciência deve ocupar no ensino superior um lugar insubstituível (...) Mas será insuficiente que revista carácter meramente descritivo, pois o descritivo é apenas o superficial — é indispensável que se extraiam os diversos ensinamentos que tal história comporta.»

★

**A indústria de máquinas-ferramentas é indispensável a um aumento permanente da produtividade, especialmente no que respeita ao ramo da metalomecânica.** Na República Democrática Alemã, a produção neste domínio excede já o valor de mil milhões de marcos e espera-se que duplique nos próximos anos. Mais de dois terços desta espantosa produção destina-se à exploração. Assim se compreende que a R. D. A. tenha conquistado já o terceiro lugar na escala mundial dos países exportadores de máquinas-ferramentas (nada menos de 125 000 máquinas-ferramentas de alta produtividade espalhadas por trinta países. O êxito do trabalho colectivo socialista que permitiu chegar a estes resultados deve-se tanto ao esforço operário como a uma apurada e incrementada investigação científica, que os visitantes da Feira de Leipzig no ano corrente puderam observar e testemunhar.

# OS DIREITOS DA CRIA
# EVOCADOS EM PORTU
## NO X ANIVERSÁRIO DA «DECLARAÇÃO» QUE OS C

Faz hoje dez anos que foi publicada, por iniciativa da UNESCO, a Declaração dos Direitos da Criança, que condensa exemplarmente os deveres de todos os homens para que o desenvolvimento das crianças se processe em ambiente de amor e compreensão e em condições de dignidade e liberdade.

Dentro do programa das comemorações da efeméride, em Portugal, haverá hoje, às 21 e 30, um Colóquio no Centro de Assistência de Moscavide, em que intervêm Duque Rebelo.

Também no Liceu Charles Lepierre se evocaram os direitos da criança, a propósito do X aniversário da «Declaração». Foi aí inaugurada uma exposição bibliográfica, seguindo-se a recitação de poemas sobre a criança, por Alice Gomes, e um colóquio orientado pelo dr. Julio Roberto, do Instituto Técnico da Alimentação Humana. A sessão termina com a exibição de filmes sobre a criança.

Para amanhã estão previstos os seguintes actos: ás 21 horas, no Centro Espanhol, colóquio em que intervêm João dos Santos, José Tengarrinha, Lília da Fonseca e Lindley Cintra; e ás 21 e 30, na Cooperativa Pedense, colóquio dirigido por Rogério Fernandes.

No sábado, será inaugurada uma exposição de livros infantis na Sociedade Nacional de Belas-Artes; ás 15 e 30, no Centro Social do Beato, haverá representação pelo Teatro de Branca Flor, de Lília da Fonseca; ás 16, na Livraria Quadrante, colóquio com crianças, orientado pelo nosso camarada de redacção, escritor Mário Castrim; ás 21 e 30, nas Belas Artes, colóquio orientado por Luís de Carvalho e Oliveira, Margarida Mendo e Rui Grácio.

## Declaração dos Direitos da Criança

É o seguinte o texto da Declaração dos Direitos da Criança:

*1 — A criança gozará dos direitos anunciados nesta Declaração. Estes direitos serão reconhecidos a todas as crianças sem excepção alguma nem distinção ou discriminação por motivos de raça, cor, sexo, idioma, religião, opiniões políticas ou de outra índole, origem nacional ou social, posição económica, nascimento ou outra condição, quer da própria criança como da sua família.*

*2 — A criança gozará de uma protecção especial e disporá de oportunidades e serviços, dispensados pela lei e outros meios, para que possa desenvolver-se física, mental, oral, espiritual e socialmente de forma saudável e normal, assim como em condições de liberdade e dignidade. Ao promulgar leis com este fim, a consideração fundamental a que se atenderá será o superior interesse da criança.*

*3 — A criança tem direito desde o nascimento a um nome e a uma nacionalidade.*

*4 — A criança deve gozar dos benefícios de segurança social. Tem direito a crescer e a desenvolver-se com boa saúde; nesta perspectiva deverá proporcionar-se, tanto a ela como a sua mãe, cuidados especiais, incluindo tratamento pré-natal e pós-natal. A criança terá direito a desfrutar de alimentação, casa, recreio e serviços médicos adequados.*

*5 — A criança física e mentalmente diminuída ou que sofra alguma diminuição social deve receber o tratamento, a educação e os cuidados especiais que requer o seu caso particular.*

*6 — A criança para o pleno e harmonioso desenvolvimento da sua personalidade, precisa de amor e compreensão. Sempre que seja possível deverá crescer sob o amparo e responsabilidade dos seus pais e, em qualquer caso, num ambiente de afecto e segurança moral e material, salvo circunstâncias excepcionais a criança de tenra idade não deve ser separada da sua mãe. A sociedade e as autoridades públicas têm a obrigação de cuidar especialmente das crianças sem família ou que careçam de meios necessários de subsistência. Para a manutenção dos filhos de famílias numerosas convém conceder subsídios estaduais ou de outra índole.*

*7 — A criança tem direito a receber educação, que será gratuita e obrigatória pelo menos nos graus elementares. Dar-se-lhe-á uma educação que favoreça a sua cultura geral e lhe permita, em condições de igualdade de oportunidades, desenvolver as suas aptidões e o seu juízo individual, o seu sentido de responsabilidade moral e social e chegar a ser um membro útil á sociedade.*

*O superior interesse da criança deve ser o primeiro directivo de quem tem a responsabilidade da sua educação e orientação: esta responsabilidade cabe, em primeiro lugar, a seus pais.*

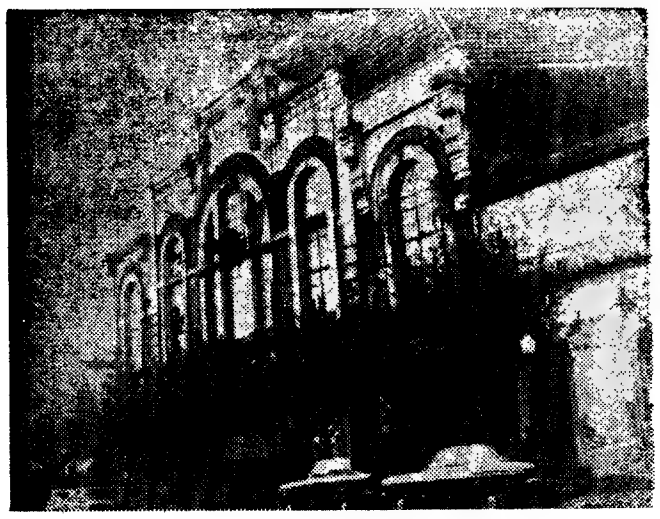
*A criança deve desfrutar plenamente de jogos e recreações, os quais devem ser orientados para os fins em vista pela educação; a sociedade e as autoridades públicas esforçar-se-ão para promover o gozo destes direitos.*

*8 — A criança deve, em todas as circunstâncias, figurar entre os primeiros que recebam protecção e socorro.*

*9 — A criança deve ser protegida contra toda a forma de abandono, crueldade e exploração. Não será objecto de nenhum tipo de tráfico.*

*Não deve permitir-se á criança trabalhar antes da idade mínima adequada, em nenhum caso será permitido, que se dedique a ocupação ou emprego algo que possa prejudicar a sua saúde e impedir o seu desenvolvimento físico, mental e moral.*

*10 — A criança deve ser protegida contra as práticas que podem fomentar a discriminação racial, religiosa ou de qualquer outra índole. Deve ser educada num espírito de compreensão, tolerância, amizade entre os povos, paz e fraternidade universal, e com plena consciência de que deve consagrar as suas energias e aptidões ao serviço dos seus semelhantes.*



O velho Avenida Teatro de Viseu

# VENDIDO O ANTIGO TEATRO DE VISEU

VISEU, 20 — O velho Avenida-Teatro, desta cidade, após uma *longa vida* cheia de iniciativas interessantes e de tradições, e depois de, nos últimos tempos, ter passado por imensas dificuldades, estando o prédio hipotecado a favor do «Crédito Popular», acaba de ser vendido á firma José dos Santos (Sena), desta cidade.

O preço de venda do imóvel foi, segundo consta, de 1700 contos, e ao que parece no seu local vai erguer-se um grande prédio de rendimento. Entretanto, a cidade continua sem ter uma boa e moderna casa de espectáculos, como se impõe. E, que se saiba, nem sequer há o projecto de a construir...

## Dirigentes brasileiros visitam obras de rega em Portugal

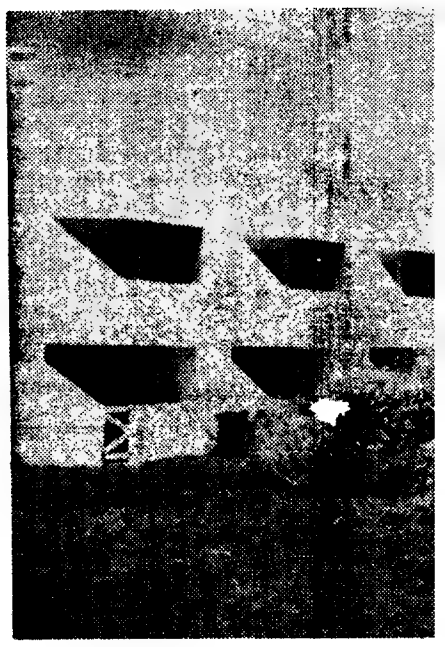
Chegam esta noite a Lisboa os srs. dr. Santa Cruz, superintendente do Vale de São Francisco — Suvale (entidade do Governo Federal que promove e executa os estudos e obras de desenvolvimento desse grande rio brasileiro) e o coronel Jasler de Carvalho, secretário executivo da Geida (Gabinete Interministerial para a coordenação dos projectos de irrigação e desenvolvimento agrícola). Os dois dirigentes de organismos federais brasileiros têm andado pela Europa em visita a obras de rega, institutos de investigação no domínio do fomento e gabinetes de projectos, tendo permanecido alguns dias em Inglaterra, Espanha e Itália. Em Lisboa, visitarão entidades oficiais e o gabinete de estudos que está realizando projectos de rega para o Brasil, fazendo também visitas a obras de hidráulica agrícola portuguesa. Amanhã, á tarde, farão, na Associação Industrial Portuguesa, ás 16 e 30, uma exposição sobre os planos de obras de rega e fomento agrícola que o Governo Federal do Brasil tem em execução e em estudo.

## Arrasada por um ciclone a sede da circunscrição de Mecufi (Moçambique)

MECUFI (Moçambique), 20. — (L.) — Violento ciclone arrasou esta madrugada a sede da circunscrição de Mecufi, no distrito de Cabo Delgado, a cerca de cinquenta quilómetros de Porto Amélia. A unica casa que ficou de pé foi a dos chefes da secretaria e da administração.

O ciclone, que soprou desde a uma até ás 4 horas da madrugada, causou também grandes prejuizos em Ocua e Morrubue. Na cidade de Porto Amélia foram destruídas diversas palhotas. Hão há, até ao momento, notícias de desastres pessoais.

A região continua a ser assolada por mau tempo.



Aspecto d

CHOCOLATES TAGIDES
CURREIRO · LISBOA · QUELUZ

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

Ourivesaria da GUIA
...GARANTIA DE PROBIDADE E COMPETÊNCIA
RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

Pasta Medicinal Couto Evita e trata doenças da boca PORQUE É MEDIC

# HANÇA TUGAL

## OS CONDENSA

No domingo, ás 10 e 30, haverá sessão de cinema no Grupo Desportivo Sacavenense, com a colaboração do Cine-Clube Imagem; ás 15 e 30, representação do Teatro Branca Flor, no Centro Social do Beato.

### Em Samora Correia

SAMORA CORREIA, 20 — No sábado, pelas 16 horas, realiza-se na sede da Sociedade Filarmonica União Samorense, por iniciativa conjunta da secção musical e pedagógica daquela colectividade, da Ludus e da Biblioteca Fixa n.º 2 da Fundação Gulbenkian, uma festa comemorativa da Declaração e dedicada ás crianças.

Haverá demonstração de teatro de «marionettes», fabricadas, manejadas pelas próprias crianças, com a colaboração de algumas crianças da Escola Francisco Arruda, de Lisboa.

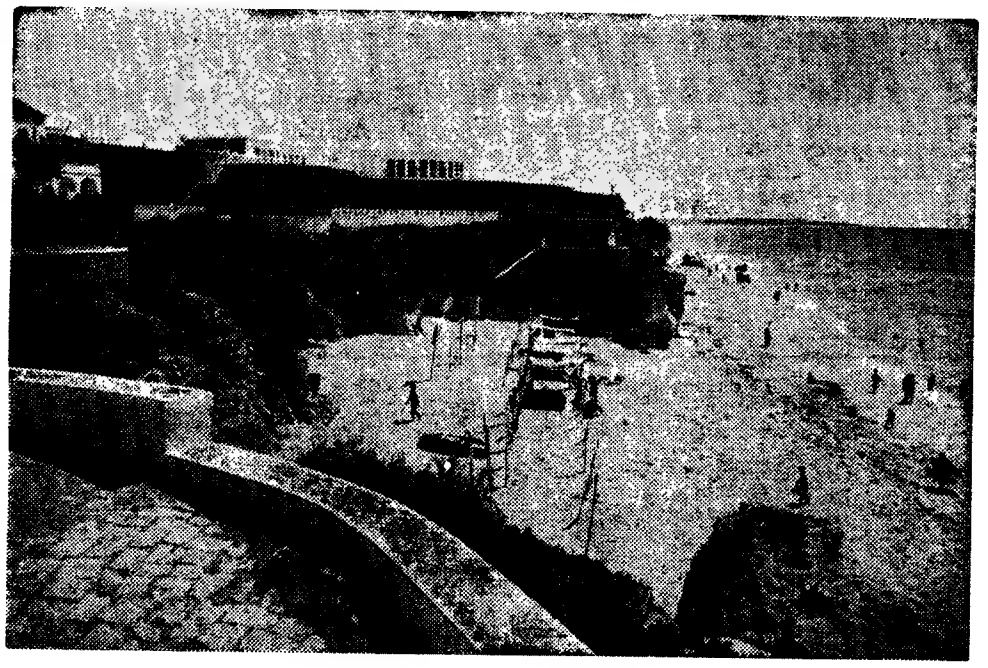
Na parte musical, serão os aprendizes das Aulas de Musica da Sociedade Filarmónica União Samorense, quem interpretará pequenas peças a solo, em flauta, requinta, clarinete, saxofone e trompete.

Ainda na parte musical e com a colaboração do camponês Manuel Leonildo Bexavente, serão interpretadas musicas populares, em flauta de cana, que usam os pastores. Serão feitas ainda leituras de poesias e histórias infantis, por senhoras ligadas á vida cultural da colectividade.

A sala estará decorada com desenhos infantis, trechos da Declaração dos Direitos da Criança, listas de nomes de autores portugueses que têm escrito para as crianças, desde os antigos aos modernos, etc.

Nas vitrinas de diversos estabelecimentos há motivos alusivos á festiva data.

Igualmente a Biblioteca Fixa 2 da Gulbenkian, instalada na sede da União Samorense, mantém uma pequena exposição até ao fim do ano, com distribuição da Declaração dos Direitos da Criança por todas as pessoas ligadas ao Ensino e á Educação, interessadas em conhecer o conteúdo do histórico documento.



**Este restaurante, em Armação de Pera, abriu falência. Tinha uma linda vista sobre o mar...**

# SUL COM NORTE? (2)

# ONDE SE PRETENDE INTEGRAR O TURISTA NA CASA PORTUGUESA

## por PEDRO ALVIM

**O Algarve não pode ser transformado numa feira de hotéis, motéis e esplanadas. Não é só chegar ali um capitalista, construir uma unidade hoteleira e esperar que os turistas a ocupem. Não vale dizer através de uma propaganda colorida que este ou aquele hotel é o melhor de todo o Algarve. O que interessa, verdadeiramente, é uma política de unidade hoteleira.** «Uma política de mãos dadas» — **como disse alguém no colóquio** sobre turismo efectuado no Motel Alagoas

**Quer-nos parecer que os propósitos da Imobiliária Construtora Grão-Pará, possuidora já daquele excelente motel (vila de Lagoa) e de uma cadeia de moradias na Praia do Carvoeiro (Solférias), são, em princípio, aceitáveis.**

Tenta-se, com semelhantes unidades atrair os turistas estrangeiros da classe média. Soluções de luxo foram postas de parte: riscou-se o mármore e o granito. Optou-se pela cal, pelo lajedo, pelos motivos regionais. Assim se pretende integrar o turista na região. Admira os objectos locais, come a comida local, bebe o vinho local...

Mas...

Mas acontece uma coisa que, no plano interno, não deixa de ser bastante embaraçosa. Ora vamos lá raciocinar...

Destinam-se as unidades da Grão-Pará á classe média estrangeira. Essa classe média pagará, segundo tabelas já estabelecidas, quantias semanais que vão até quatro mil escudos nos meses de Julho, Agosto e Setembro: um pouco menos em Maio e Junho cerca de três contos em Abril e Outubro; e, finalmente, dois mil e quatrocentos escudos a dois mil e novecentos escudos nos restantes meses. Estes preços, note-se, não incluem qualquer refeição...

Partindo do principio de que o turismo é *o abraço de um povo a outro povo*, como será possivel, perante estas somas, a confraternização da classe média portuguesa com a classe média estrangeira?

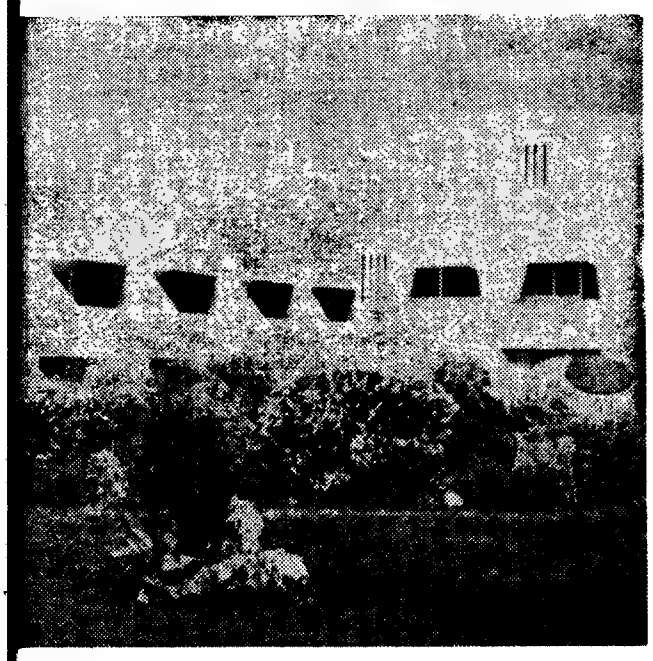
Afirmou-se, no já mencionado colóquio, sob a presidência do prof. Martinho Nobre de Melo, «que os investidores da Grão-Pará têm direito a lucros». Claro: quem investe quer rendimento. Só que talvez interessasse a esses investidores um melhor conhecimento da realidade portuguesa. Ou não? O leitor que dê a resposta.

Aliás, numa outra ordem de ideias, um jornalista houve que fez a seguinte pertinente pergunta:

— *Caso conheçam a falta de infra-estruturas turísticas na região algarvia, os investidores do Grão-Pará não serão ingénuos?*

A pergunta não teve uma resposta directa. Afirmou-se, todavia, que «*há dois anos que o Algarve apanha panacda*». Nesse espaço de tempo, «*52 firmas abriram falência*». Disse-se, ainda, que «*a banca portuguesa deveria conceder empréstimos a longo prazo*. Declarou-se finalmente, que «*os investidores estrangeiros desistiriam do Algarve se o capital investido não proporcionasse lucros*». A ingenuidade, portanto, tem os seus limites...

—*Seja como for* — acentuou-se — *este Motel Alagoas é um motel piloto. É o primeiro de uma cadeia de motéis no nosso País, motéis que serão construídos no litoral e junto das auto-estradas. Motéis na costa e na fronteira. Motéis destinados a facilitar a acomodação em Portugal dos turistas estrangeiros pertencentes á classe média...*



**Aspecto do motel piloto construido na vila de Lagoa**

# O general França Borges em Buenos Aires

BUENOS AIRES, 20 — (A. N. I.) — O general França Borges, presidente da Camara Municipal de Lisboa, está de visita a Buenos Aires, como hóspede de honra oficial desta cidade.

França Borges e uma delegação de nove elementos da Camara Municipal irão para Santiago do Chile, na terça-feira, a fim de participarem no V Congresso Hispano - Luso-Americano-Filipino de Municípios, de 21 a 29 de Novembro.

A representação da cidade de Lisboa chegou no domingo a Buenos Aires e, ontem, visitou, na costa do Oceano Atlantico, a estancia de veraneio de Mar del Plata.

Figuram na delegação portuguesa o dr. Henrique Martins Gomes, director dos Serviços Culturais, o dr. Manuel dos Santos Ferreira, director dos Serviços Financeiros, Ciro de Oliveira Pinto, director de Urbanização e Obras, Jorge Carvalho de Mesquita, director do Gabinete Técnico de Construção, Manuel da Costa Lobo, professor do Instituto Superior Técnico, e Vasconcelos Porto, da Junta dos Portos.

Pretendem vender ouro, pratas ou jóias recebendo o máximo?

GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

20/XI/1944 20/XI/1969

Meia de Vidro

Pela passagem de mais um aniversário, cumprimenta e agradece a todos os seus Ex.mos clientes e amigos, assegurando-lhes a continuação de bem servir.

NOVO CASINO ESTORIL

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS
DAS 15 ÁS 3 HORAS

"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE
MAIORES DE 21 ANOS

DANY DANIELLE
VEDETA
DA
CANÇÃO FRANCESA

MARISKA
ANTIPODISMO E FANTASIA

MARIA DA FÉ

DORISS DANCERS
DO "MOULIN ROUGE" DE PARIS

"OS ROCK'S"
CONJUNTO DE BOBBY CAMPOS
FERRER TRINDADE e sua orquestra

no grande salão restaurante às 23.30h m/17 anos no wonder bar à 1.00h m/21anos

AMYRA
SO NO WONDER BAR

No cinema, às 17 e 21.30 h.

UM DÓLAR FURADO
(M. 17 anos)

MEDICINAL

# ATRASO DE UM ANO NO PROGRAMA ESPACIAL RUSSO

## —segundo uma revista americana

WASHINGTON, 20 — (A. N. I.) — A União Soviética está atrasada em mais de um ano, no que respeita á descida do homem na Lua, devido á grande explosão numa rampa de lançamento, registada no Verão passado — afirma uma revista de assuntos espaciais, a «Aviation Week and Space Technology».

No seu ultimo numero, afirma que um protótipo de foguetão, no valor equivalente a cerca de setecentos mil contos, explodiu durante as operações de lançamento, em Tyuratam.

Essa explosão — acrescenta a revista — «fez perigar o programa de exploração e de alunagem tripulada por isso não se prevêem para o ano de 1970 experiências russas de descidas tripuladas na Lua».

Os cosmonautas russos tinham-se referido em Junho a uma descida soviética na Lua, possivel no fim do ano. Segundo um informador, que segue atentamente o programa russo de exploração do espaço, o programa lunar da U. R. S. S. «está definitivamente fora de questão», o que não confirma nem desmente a noticia da revista.

A agência U. P. I. noticiou de Moscovo, a 4 de Julho, que dois foguetões não tripulados russos tinham explodido nas suas rampas de lançamento, malogrando-se as diligências soviéticas para se obterem amostras do solo lunar.

Os cosmonautas soviéticos, interrogados então acerca desta noticia, recusaram-se a confirmá-la ou a negá-la. Mas alguns peritos espaciais ocidentais, que se encontravam em Moscovo, afirmaram que a noticia era exacta.

Um desses peritos, interrogados acerca das malogradas diligências russas, replicou: «Nada falhou. Rebentaram ainda na rampa de lançamento».

«Esta explosão e os casos politicos respeitantes ao conflito sino-soviético concorreram para a demora dos planos de exercicios espaciais relacionados com a M. O. P. (palavra formada com as iniciais de «Plataforma Orbital Tripulada», em inglês) marcados para os fins de 1969 e principio de 1970», informa ainda a revista «Aviation Week».


CONFISSÃO!!

Ficámos para trás...

...ainda não operamos na Lua.

BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

onde cada um conta mais do que a sua conta


## A SEGUNDA ALUNAGEM VISTA DA TERRA

HAMBURGO, 20—(F. P.) — Embora o 19 de Novembro seja um dia de festa religiosa nas áreas de predominância protestante, os fieis foram menos numerosos nas igrejas. As ruas das cidades estiveram por assim dizer desertas à hora em que Conrad colocou os pés na Lua. O consumo de electricidade aumentou subitamente.

Segundo uma sondagem da opinião publica, 82 por cento dos adolescentes e adultos tinham declarado querer ver a alunagem na televisão, ou seja 10 por cento menos do que no primeiro desembarque na Lua.

### CONVITE

BONN, 20 — (F. P.) — Este segundo desembarque é um convite para a Europa não se deixar distanciar e organiar o seu potencial cientifico e técnico, declarou Walter Scheel que teve palavras de homenagem á «colossal precisão técnica e cientifica» da missão Apolo-12.

### A TV CHECA TRANSMITIU EM DIRECTO

VIENA, 20 — (F. P.) — A Televisão checoslovaca retransmitiu em directo as imagens transmitidas da Lua pelos cosmonautas... até á avaria da camara.

Os telespectadores austriacos por sua vez puderam ver as imagens coloridas da Lua, e os cafés e lojas com receptores a cores estavam cheios.

# A Surveyor 3 assemelha-se a um LEM em miniatura

HOUSTON, 20. — (F. P.) — A Surveyor 3, a 180 metros da qual a Apolo 12 desceu ontem a leste do Oceano das Tempestades, alunou em 20 de Abril de 1967.

Esta sonda automática cujos principais elementos Charles Conrad e Alan Bean trarão para a Terra, tirou 7315 imagens do panorama lunar. Por outro lado a sua minuscula escavadora telecomandada abriu no solo lunar um sulco de 15 centímetros de profundidade.

Pesando mais de 900 quilos ao ser lançado de Cap Kennedy, este veículo não excede os 280 quilos, na sua forma actual de carcaça metálica que se assemelha a um «Lem» em miniatura.

A Surveyor 3 e, consequentemente o módulo lunar Intrepid encontram-se a uns 112 quilómetros a sueste e a 90 quilómetros a nordeste dos Montes Riphaeus. O maior vulcão das imediações é Frau Mauro a uns 80 quilómetros para sueste.

**BÁRBARA GORDON, SUE BEAN E JANE CONRAD, as mulheres dos astronautas que constituem a tripulação da Apolo-12. Bárbara, Sue e Jane têm seguido, desde o primeiro instante, todos os momentos da viagem da Apolo. Quando Conrad e Bean, a bordo do «Intrepid», pousaram na Lua, suas esposas, em Terra, «saltaram» de alegria, por saberem que tudo tinha corrido bem até ali**

# As mulheres dos astronautas vivem também a hora lunar

HOUSTON, 20 — (F. P.)— As mulheres dos três astronautas da Apolo-12 seguem de perto a acção dos maridos e vivem como elas a hora lunar. Ávidas de notícias, escutam directamente as conversas com a Terra, as quais, na maior parte dos casos são trocadas quando é noite nos Estados Unidos.

Barbara Conrad, Jane Gordon e Sue Bean declararam ontem que tinham ficado decepcionadas com a avaria da camara, que devia transmitir as imagens televisadas dos dois lunautas, e escutaram atentamente todas as trocas de palavras entre Conrad e Bean, durante a primeira excursão lunar e as afirmações de Richard Gordon, que só aos comandos da cabina-mãe continua a rodar em torno da Lua esperando pelos seus dois companheiros. «Pete está de tão bom humor como de costume. Não mudou nadinha», declarou a sr.ª Conrad.

«Alan fala com uma voz segura», disse a sr.ª Bean. «Pelo tom de voz vejo que está tudo a correr bem». No entanto, a sr.ª Gordon declarou que o marido lhe tinha parecido taciturno: «Não é bem ele, mas sei que não é nada de grave».

Recorda-se que Gordon não escondeu a sua tristeza por não poder também pousar na Lua e lamentou que as suas qualidades de piloto tenham feito com que a NASA lhe confiasse a missão de guarda dos seus companheiros.

Depois de terem ido para a cama na quarta-feira de manhã no momento em que os cosmonautas regressaram ao Lem as três mulheres acordaram á noite, ao mesmo tempo que os maridos, para escutarem bem as peripécias da segunda saída para a Lua.

## Hábitos terrestres...

HOUSTON, 29 — (R.) — Os hábitos terrestres são difíceis de quebrar, mesmo para os astronautas na Lua.

Alan Bean esquecendo-se por momentos que estava completamente isolado pelo vácuo, soprou para a caixa das amostras para tentar tirar a poeira que a cobria.

# Atmosfera lunar

**HOUSTON, 20. — (F. P.) — Menos de uma hora antes do início do segundo passeio lunar de Conrad e Bean, a N. A. S. A. assinalou que um dos aparelhos do «Alsep», o pequeno laboratório científico montado pelos dois astronautas, revelou a existência de uma «atmosfera lunar» cuja densidade seria a milionésima parte da que existe na Terra.**

**Todavia, antes de tirar conclusões, os cientistas da agência espacial norte-americana pediram a Conrad e Bean que verificassem o funcionamento de todos os aparelhos do «Alsep», para confirmarem se funcionavam bem.**

**Entre as novas actividades a que os dois homens teriam que se dedicar, durante o seu segundo passeio, a N. A. S. A. pediu-lhes que, ao dirigirem-se á Surveyor-3, fizessem rolar algumas rochas pelos declives das crateras que encontrassem pelo caminho. O fim desta operação não foi expressamente indicado, mas parece que seria experimentar o sismómetro ultra-sensível que faz parte dos instrumentos do «Alsep»**

# QUADRO COMPARATIVO DAS DUAS MISSÕES LUNARES AMERICANAS

**HOUSTON, 20 — (F. P.) — Quadro comparativo das duas missões lunares americanas Apolo 12 e Apolo 11:**

**— Duração total da missão (do lançamento até ao regresso á Terra): Apolo 12, dez dias e quatro horas e meia (14 de Novembro a 24 de Novembro); Apolo 11, oito dias e três horas (16 de Julho a 24 de Julho).**

**— Área de alunagem: Apolo 12, Mar das Tempestades, a 1536 m do ponto de alunagem do módulo da Apolo 11; Apolo 11, Mar da Tranquilidade.**

**— Duração da permanência na Lua: Apolo 12, trinta e uma horas e meia; Apolo 11, vinte e duas horas e meia.**

**— Numero de passeios lunares: Apolo 12, dois (o primeiro de três horas e 42 minutos e o segundo de três horas e 15); Apolo 11, um (duas horas e 14).**

**— Distancia máxima a que os astronautas se afastaram: Apolo 12, um quilómetro; Apolo 11, 75 metros.**

**— Aparelhos científicos colocados na Lua: Apolo 12, seis; Apolo 11, três.**

**— Transmissões de TV: Apolo 12, a cores (falhou ao fim de 45 minutos); Apolo 11, transmissão a preto e branco, sem interrupções.**

# POEIRA NEGRA E FINA COBRE O MAR DAS TEMPESTADES

HOUSTON, 20 — (F. P.) — Tão fina como o pó-de-arroz, mas preta como pólvora para canhão, a poeira levantada pela alunagem do «Intrepid» maculou rápidamente a brancura dos escafandros de Charles Conrad e Alan Bean, bem como os sacos de plástico onde guardam as amostras de «pedras lunares» e todos os instrumentos científicos do ALSEP que, entretanto, foram instalados no solo.

«Quando um de nós se move, mesmo que seja pouco, a poeira levanta-se rápidamente e cai sobre nós Tudo o que toca no chão fica rápidamente coberto de poeira», declarou Charles Conrad durante a sua primeira saída. A camara de televisão também ficou coberta de poeira, mas não parece que isso tenha sido a causa da interrupção da transmissão directa do segundo desembarque humano na Lua.

Parece que a poeira do Mar das Tempestades é bastante mais fina do que a do Mar da Tranquilidade, onde foi efectuado o primeiro desembarque. No entanto, Conrad e Bean não sentem qualquer sensação de perigo. Desde a primeira missão lunar que os selenólogos tinham avisado os astronautas do risco de colocarem um aparelho pesado, como é o módulo lunar, numa superfície coberta por uma grande camada de poeira.

O sector está cheio de crateras, pequenas e grandes, mais numerosas do que na região onde desceu a «Águia» da Apolo-11. em 20 de Julho. Os peritos pensam que o bombardeamento de meteoritos deve ter sido mais intenso neste local e aguardam a possibilidade de examinar e analisar a poeira.

## Erro de manipulação — possível causa de avaria da TV

# A poeira poderá comprometer as experiências

(Continuação da 1.ª página)

HOUSTON, 20 — (F. P.) — Há poucas probabilidades de voltar a funcionar a camara de televisão a cores que deveria enviar para Terra as imagens das duas saídas lunares de Charles Conrad e Alan Bean.

Foram em vão todos os esforços para a pôr a trabalhar orientados pelos técnicos que a construiram. A camara só funcionou durante 45 minutos e depois parou. Ainda não se conseguiu descobrir com precisão a causa profunda da avaria. Tudo leva a crer que será preciso que a camara seja desmontada e trazida para Terra. Com efeito, está fixada na base do Lem, que ficará na Lua.

Parece que a avaria foi originada por um erro de manipulação. Segundo os especialistas, é possível que Alan Bean tenha apontado por erro a camara para o Sol, que nesse momento rasava a superfície da Lua e que os seus raios tenham danificado sèriamente o «tubo de imagens».

riosos «montículos» (que, á primeira vista, pareciam vulcões), donde recolheram material; viram o que poderá ser o leito rochoso da Lua (que os astronautas da Apolo-11 não viram) e recolheram amostras; obtiveram uma colecção de rochas de profundidade, muito variadas e coloridas. A colecção é tão impressionante, que levou um geólogo a ter este desabafo: «Não consigo descansar enquanto não lhe puser as mãos em cima»; colocaram a primeira estação científica na Lua, tendo essa estação começado imediatamente a trabalhar.

Além disto, a alunagem extremamente precisa que efectuaram, prova que é possível enviar os futuros astronautas para muitos locais de interesse para a ciência, mesmo perigosos: terras altas, montanhosas, crateras profundas, «canyons», etc.

Segundo declarou o prof. Thomas Gold, o local de alunagem da Apolo-12 pode ter mais interesse científico que o da Apolo-11, e isto por duas razões: 1.ª — Os astronautas tiveram possibilidade de recolher material que, provàvelmente, inclui rochas situadas a 3200 ou 4800 metros abaixo da superfície lunar, e que podem constituir chaves importantes para a descoberta da composição da Lua; 2.º — O facto de o local de alunagem da Apolo-12 se apresentar fortemente coberto por poeira poderá determinar uma melhor compreensão da superfície lunar e o modo como esta se formou ao longo dos tempos. Na verdade, não há ainda uma explicação completa para a maneira como se formou a superfície poeirenta, solta, aderente e vítrea da Lua.

Conrad e Bean montaram uma estação central, uma bateria atómica e experimentaram os cinco aparelhos da ambiciosa estação científica espacial (que custou 25 milhões de dólares) ALSEP.

A Alsep foi transportada até uma distancia de 182 a 210 metros do trem de alunagem. Com efeito, o pó levantado aquando da partida da Apolo-11, determinou a avaria do sismógrafo dessa missão, e, por isso, desta vez, os sismólogos pediram a Conrad e Bean que caminhassem pelo menos uns 9 metros. «E depois — acrescentaram — pensem em nós e caminhem mais um bocado».

Conrad e Bean assim fizeram, mas quando estavam a colocar o sismógrafo, o primeiro queixou-se: «Olha para esta nuvem de fumo... Não podemos evitar que este pó nos suje... Há um problema sério. O revestimento térmico da Alsep está a ficar sujo». Os revestimentos térmicos brancos servem para repelir parte do calor solar e para evitar o sobreaquecimento.

Ontem, em Houston, Anthony Gallio, director científico do Centro de Naves Espaciais Tripuladas, considerou que não havia motivos para receios. Mas Charles Wethred, administrador do programa ALSEP para sistemas aeroespaciais Bendix (a firma construtora da estação experimental) aborreceu-se um pouco com o pó nas superfícies brancas dos dois aparelhos mais sensíveis — um magnetómetro para medir o leve magnetismo da Lua, e um detector da ionosfera lunar.

«Agora temos de esperar e ver como vão trabalhar nestes dias mais próximos» — comentou.

# Antes do regresso

(Continuação da 1.ª página)

chegar á Surveyor e embora, em dada ocasião, tivessem anunciado que se tinham afastado 360 metros do módulo lunar, não se sabe ao certo a área explorada.

Foi a primeira vez que terrestres chegaram até junto de um objecto manufacturado que não tinham levado consigo para a Lua.

Quando se aproximaram da sonda e se encontravam a cinco metros dela, os astronautas perguntaram de que cor ela era quando iniciara a sua viagem para a Lua.

O «contrôle» de Terra comunicou então que a estrutura principal da sonda fora pintada de branco e que uma pá, destinada a levantar uma pequena porção do solo e de pedras para uma análise tosca, fora pintada de azul.

«Bem, tornaram-se da cor do bronze... algumas partes mesmo castanhas», disseram os lunautas.

Embora o passeio de hoje não tivesse decorrido na atmosfera hilariante do de ontem, o riso de Conrad era ouvido com frequência a acompanhar os comentários sobre as suas actividades.

# Os astronautas percorreram 1800 metros

HOUSTON, 20 — (F. P.) — O segundo passeio lunar durou três horas e 45 minutos. Conrad e Bean percorreram nesta segunda saída uma distancia total de 1 quilómetro e 300 metros.

No caminho de regresso ao «Intrepid», os cosmonautas tiraram mais algumas fotografias, ao mesmo tempo que recolhiam outras amostras do solo lunar, catalogando-as e dando referências ao centro espacial de Houston. Hoje recolheram 24,49 kg que se juntam aos 19 kg de rochas apanhadas ontem.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

# O MUNICÍPIO DE COIMBRA OCUPOU-SE DO ANDAMENTO DAS OBRAS NA CIDADE

COIMBRA, 20.

O presidente da Camara, eng.º Araujo Vieira, abordou na ultima reunião da edilidade a recente disposição do encerramento das estações dos Correios aos domingos e dias de feriado, que teria alarmado a população na medida em que vem causar graves prejuízos, principalmente no meio escolar, sabendo-se que é ao domingo e dias de feriado que estudantes e professores fazem a sua correspondência. Agora ficam impedidos disso, pois não têm onde adquirir franquias e a correspondência não é retirada do receptáculo visto a estação estar encerrada.

Sobre o assunto fez o eng.º Araujo Vieira várias considerações, apontando que certamente não seria por economia que os C. T. T. assim procediam, já que se não pode aceitar que a medida tenha influência no equilíbrio orçamental da nova empresa de telecomunicações, nem se admite que um serviço publico pretenda só explorar as actividades lucrativas, encerrando pura e simplesmente as pouco rendosas ou de economia deficitária. Disse ainda o eng.º Araujo Vieira que tinha esperança em que o presidente do conselho de administração da nova empresa, cujas provas de amizade para com a cidade de Coimbra foram sobejamente comprovadas durante as suas funções de governante, irá mais uma vez atender esta reclamação e dar satisfação aos seus legítimos anseios. Terminou por propor que lhe fosse enviado um telegrama pedindo que não entre em vigor o encerramento, aos domingos e feriados, do serviço postal na cidade de Coimbra, e esclareceu que iria expor pessoalmente o assunto e os inconvenientes que se antevêem.

O presidente do Município deu ainda conta do andamento das obras na cidade, respondendo a várias sugestões que lhe foram apresentadas pelos vereadores.

Por sua vez, o vereador Azevedo Sobral, a propósito da passagem de mais um aniversário natalício do prof. Elísio de Moura, referiu-se á simpatia que a sua obra na Casa da Infancia desperta na cidade, e vincou que a obra está a ser mantida com muitas dificuldades. Falou no movimento que se nota na cidade para auxílio á instituição, e por entender ele mesmo que as administrações municipais devem dar ajuda a obras desta natureza, entendia também que a Camara Municipal devia dar a sua ajuda, alvitrando que se estabeleça uma pequena importancia (1$00 ou 1$50) pela utilização dos parques de estacionamento junto ao Estádio Municipal, nos dias em que ali se realizem ftstivais desportivos, revertendo essa receita a favor da Casa da Infancia Doutor Elísio de Moura.

O presidente associou-se ás palavras do vereador, declarando ser uma hipótese a estudar, e a vereadora Maria José Bacelar disse ter apreciado muito a proposta e afirmou que outras obras há que se não devem deixar morrer, como por exemplo a Cozinha Económica.

A Camara Municipal deliberou ainda aumentar o preço dos recipientes do lixo, que ficaram a ser os seguintes: 20 litros, 90$00; 25 litros, 120$00, e 35 litros, 150$00; enviar a tribunal, para expropriar por utilidade publica, os processos referentes a alguns prédios situados na zona da Avenida Central; e aprovar o pagamento de alguns autos de medição de trabalhos.

## O VOO DAS AVES

AVEIRO, 20 — Pelo sr. José Marques Rodrigues, morador na Costa do Valado, foi abatida, na Ria de Aveiro, uma «seixoeira» que trazia uma anilha com a seguinte inscrição: «Bruxelles 4 - BP 78 2-33654»


LIBERTE-SE DO AR VICIADO E CHEIROS DESAGRADÁVEIS

COM VENTILADORES

Vent-Axia

VENTILAÇÃO INDUSTRIAL — AQUECIMENTO AR CONDICIONADO

À VENDA EM TODO O PAÍS

AGENTES GERAIS PARA PORTUGAL E PROVÍNCIAS ULTRAMARINAS
SOC. TÉCNICA DE FOMENTO, LDA.
PORTO-LISBOA

Revendedor autorizado:
SOMIL
Av. Almirante Reis, 59 — LISBOA

se é capaz de se barbear com gilete tambem sabe aparar o seu cabelo com a isitrime

TOLEDANA - ROSSIO, 41 ★ CARAVELA - ROSSIO, 16
TABACARIA PORTUGUESA - RUA AUGUSTA, 117
SUPERMERCADOS MODELO ★ PORFIRIOS CONTRASTE
OU PEÇA À COBRANÇA AO APARTADO Nº 6102-LISBOA 6

é nova é pratica é jóvem

Preço 50$00
Recuse imitações
Examine bem


# Necrologia

## FALECIMENTOS

### Coronel Raul Ribeiro Ramos

Faleceu o sr. coronel Raul Ribeiro Ramos, de 56 anos, natural de Lisboa, casado com a sr.ª dr.ª D. Maria Josefina de Vasconcelos Casqueiro Ramos e irmão de D. Rosélia Ribeiro Ramos.

Oficial de Cavalaria, com o curso do Estado-Maior e com o curso da Escola Superior de Guerra de Paris, foi professor catedrático da cadeira de Táctica de Cavalaria da Academia Militar e director-gerente da «Revista Militar».

Condecorado com as medalhas de Mérito Militar e de prata de Serviços Distintos, foi agraciado com o grau de comendador da Ordem Militar de Avis.

O funeral, a cargo da Agência Barata, realiza-se amanhã, ás 11 horas, da capela do Hospital Militar Principal, para cemitério a determinar.

### Ermelinda da Silva Cascais

Com 79 anos, faleceu, esta manhã, a sr.ª D. Ermelinda da Silva Cascais. A bondosa senhora, cuja vida foi exemplo de dedicação á família, era mãe do sr. Jacinto Pedro da Silva, chefe da tipografia de «Republica», e dos srs. Armando da Silva Pedro e D. Ana Pedro da Silva.

### Alexandre Augusto Malheiros

Faleceu hoje o sr. Alexandre Augusto Malheiros de 57 anos, serralheiro mecanico, sócio fundador do Grupo Desportivo «Republica» e pessoa de estimáveis sentimentos. Era casado com a sr.ª D. Palmira do Vale Malheiros.

O funeral realiza-se amanhã ás 15 horas, para o cemitério do Alto de S. João.

## FUNERAIS

### Dr. Vasco Ribeiro Sanches

Para jazigo de família no cemitério do Alto de S. João, saiu, esta tarde, da igreja de S. João de Brito o funeral do sr. dr. Vasco Ribeiro Sanches, de 50 anos, natural de Lisboa, casado com a sr.ª D. Zaida Vieira Martins Ribeiro Sanches; pai da sr.ª D. Isabel Maria Martins Ribeiro Sanches, da menina Maria Manuel Martins Ribeiro Sanches e do menino Vasco Martins Ribeiro Sanches, e filho da sr.ª D. Gertrudes Ribeiro Sanches.

### Carlos Alberto da Cruz Lima

*Carlos Alberto da Cruz Lima*

AVEIRO, 20. - Realizou-se esta tarde da igreja da Vera Cruz, onde foi celebrada missa de corpo presente, para o cemitério sul, o funeral do desventurado Carlos Alberto da Cruz Lima de 28 anos de idade, que há cerca de sete anos se encontrava na cidade brasileira de São Paulo, onde geria os negócios da firma Limas & Irmãos, S. A., de que era accionista seu pai.

Como quase sempre acontecia nos fins-de-semana, o jovem aveirense, que nesta cidade tantas simpatias gozava, ia ao aeroporto paulista levar a correspondência. Em plena auto-estrada um veículo ultrapassou-o, tocando-lhe de raspão, obrigando-o a perder o «contrôle» do automóvel, que capotou, tendo o sr. Carlos Alberto da Cruz Lima quase morte instantanea.

O corpo chegou esta manhã a Lisboa, acompanhado por um tio, vindo logo depois para esta cidade, onde o funeral constituiu tocante e imponente manifestação de pesar.

### Jean Baptiste Déffense

Para jazigo de família no cemitério dos Prazeres, realizou-se esta tarde o funeral do sr. Jean Baptiste Déffense, de 81 anos, industrial, natural de Emines, Bélgica, falecido no Rio de Janeiro. Era casado com a sr.ª D. Gabrielle Déffense.

## SUFRÁGIOS

### Duque de Palmela

Mandada celebrar pelo conselho de administração da Fundação Cal. Gulbenkian, será rezada amanhã, ás 12 e 20, na igreja de Nossa Senhora de Fátima (á Avenida de Berna) missa de sufrágio por alma do seu falecido membro daquele conselho, D. Domingos de Sousa Holstein Beck (duque de Palmela).

### Jaime Sennfelt

Será celebrada, amanhã, ás 12 horas, na igreja de S. Sebastião da Pedreira missa do 30.º dia por alma de Jaime Sennfelt, alemão de origem e naturalizado português. Contava 78 anos, 50 dos quais vividos em Portugal.

Pessoa de extraordinária cultura, foi um homem bondoso, que soube conviver com quantos colaboraram consigo. Ao longo da sua existência granjeou inumeras amizades. Foi industrial e exportador de cortiça, conquistando nesse sector os mercados da Austrália e da Escócia.

### José António Primo de Rivera

Na igreja de S. José no Largo da Anunciada, e a exemplo dos anos anteriores, foi hoje celebrada missa por alma de José António Primo de Rivera e ainda por intenção de todos os que morreram na guerra de Espanha.

A cerimónia, mandada oficiar pela delegação em Portugal da Falange Tradicionalista Espanhola, começou ás 12 e 30 e decorreu no altar-mor. Celebrou o rev. Maia, da Ordem dos Carmelitas. No transepto via-se uma essa ladeada por quatro tocheiros.

Na capela-mor, em lugares especiais, sentavam-se o embaixador e todo o pessoal superior da Embaixada de Espanha.

## TRASLADAÇÕES

### Eng.º Angelo José Soares de Albergaria Fortes

Amanhã, ás 16 horas, serão trasladados os restos mortais do eng.º Angelo José Soares de Albergaria Fortes, do cemitério do Alto de S. João para jazigo de família no cemitério dos Prazeres onde, na capela, será rezada missa.


Administração de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO


# MINISTÉRIO DO EXÉRCITO

DIRECÇÃO DO SERVIÇO DE MATERIAL

## COMISSÃO DO PLANO DE AQUISIÇÕES DO EXÉRCITO

SECRETARIA

CONCURSO PÚBLICO N.º 24PAE/69

## AVISO

**Avisam-se todos os interessados que a abertura das propostas deste Concurso é adiada para o dia 23 de Dezembro de 1969, às 15.30 h., devendo as propostas ser entregues na Secretaria da COMPAE até às 15 h. do mesmo dia.**

**Este Concurso passa a reger-se por outro Caderno de Encargos, o qual se encontra patente na referida Secretaria das 14 às 18 h. (excepto sábados), a partir do dia 2 de Dezembro de 1969.**

Lisboa, 19 de Novembro de 1969

A BEM DA NAÇÃO

O Presidente da COMPAE69/DSM,
LUÍS BORGES RAMOS
Ten. Cor. Eng.º SM

ESPORÃO — GÓIS

# CASIMIRO MARTINS

## MISSA DO 30.º DIA E AGRADECIMENTO

Maria Olga Pinheiro Martins, Avelino Lopes Martins, David Martins, José Carlos Martins Pinheiro e mais família participam que amanhã, dia 21, ás 12,30 horas, na Igreja da Madalena, será celebrada missa por alma do seu muito querido marido, irmão, filho, cunhado e parente, agradecendo desde já a todos quantos se dignem assistir a este piedoso acto.

Aproveitamos a oportunidade para agradecer igualmente a todos e muito especialmente á administração, Direcção e colegas da Companhia de Seguros Comércio e Industria, aos amigos de Melhoramentos de Esporão, Liga dos Amigos de Queluz, Ex-Alunos da Escola Rodrigues Sampaio, Casas Regionais, e quantos de qualquer forma testemunharam o seu pesar e especialmente áqueles que por desconhecimento de moradas o não podem fazer directamente.

P. N. A. M.

# DIVORCIADOS E SEUS PROBLEMAS

Continuação da 11 página

nar a longa entrevista que nos concedeu, o dr. Almeida Ribeiro:

— *Verifica-se que a mulher procura o advogado para efeitos de exigir ao marido uma prestação de alimentos devido a abandono, quer haja, quer não, acção de divórcio ou separação a correr, basta a simples separação de facto. Entende que a pensão de alimentos constitui uma penalidade para castigar o marido por ter sido infiel ou a ter votado ao abandono.*

*O advogado vê-se sempre em dificuldades para demonstrar que a pensão de alimentos se destina apenas a ocorrer ás necessidades do cônjuge que a pede, se tiver essa necessidade, mas em função das próprias possibilidades daquele que é obrigado a prestá-la.*

## QUE SE PASSA QUANTO ÀS SR.as A E X E SR. Y?

No que respeita á pensão de alimentos, que se passa quanto ás sr.as A e X e sr. Y?

A sr.ª A divorciou-se por mútuo consentimento. Não recebe por si própria pensão de alimentos. O ex-marido contribui com 500$00 para o sustento da filha que tem a seu cargo.

A sr.ª X também nunca recebeu qualquer pensão, nem por si, nem pela filha enquanto pequena. Diz:

— *Nunca fiz a mínima tentativa para receber ajuda do pai da minha filha. Considerava que o facto de ter vivido com ele não me dava nenhum direito a receber uma pensão. Em relação á filha, considerava que tê-la era, para mim, uma regalia — um encargo, também, sem dúvida —, mas eu aceitava-o como um privilégio, e uma pessoa que está numa situação de privilégio não tem de receber de outra qualquer subsídio.*

Por último, o sr. Y. Divorciado há pouco tempo, dá uma pensão de alimentos ao filho. A ex-mulher, formada, não se emprega, para que o sr. Y lhe preste a pensão de alimentos, não para satisfazer uma necessidade, mas com carácter de castigo.

# TV dia a dia

## HOJE PODE VER...

## Eurovisão: APOLO 12

Cerca das 19 e 30, está «no ar» mais uma transmissão da viagem da Apolo 12. Desta vez são transmitidas imagens da acostagem do LEM no regresso da Lua.

## «PIPPI INVENTA UMA PALAVRA»

Pelas 19 e 45, exibe-se o filme «Pippi inventa uma Palavra» oitavo episódio da série juvenil «Uma Garota Endiabrada», com Inger Nilson na protagonista e Maria Person no papel de Annica e Pär Sundberg no de Tommy.

*

Certo dia, Pippi inventa uma palavra: SPUNK. Que quererá ela dizer? Pippi e os seus amigos percorrem, então o campo, as lojas e a cidade á procura do significado de SPUNK...

## TOTOBOLA

*Às 20 e 15, Artur Agostinho apresenta os seus palpites para o próximo concurso. Certamente que os interessados não deixarão de ver esta rubrica, pois poderão ser-lhes úteis algumas indicações dadas. Ou não?*

## ACTUALIDADE DESPORTIVA

*Nesta rubrica, é apresentado, pelas 23 e 25, um resumo filmado da partida de futebol ontem disputada no Estádio das Antas, entre as equipas do F. C. do Porto e do Newcastle, a contar para a Taça das Cidades com Feira.*

## «ZIP-ZIP»

**Preenche a emissão o programa n.º 22 da série «Zip-Zip» já transmitido na rede nacional em 20 do mês passado.**

## CONVERGÊNCIA

Coordenado por Eurico de Jesus, a RTP transmite pelas 20 e 55, mais um número do quinzenário literário «Convergência», que inclui, entre outras rubricas, a habitual crónica de Fernando Botelho.

## Jogo da Vida: «A Confissão»

Pelas 22 e 5, a exibição do episódio «A Confissão», da série «O Jogo da Vida», com Tony Franciosa no principal papel.

Gene Baery, Santa Berger, Susan Saint James e Paul Lukas interpretam os restantes papéis e a realização é de Leslie Stevens.

*

«O fotógrafo Peter Max é acusado de ter morto Nicole Clair. Pede, então, ao jornalista Jeff Dillon que descubra o assassino, pois ele está inocente. Jeff encarrega-se da missão e acaba por descobrir um Sindicato do Crime...»

**Tony Franciosa é o protagonista de «A Confissão», episódio desta noite na série «O Jogo da Vida».**

# Rádio

**PROGRAMAS DE HOJE**

**EMISSORA — 1.º Programa** — 451 m — 665 kc/s — Às 16: Noticiário; 16 e 5: Luz no horizonte, 16 e 36: Que quer ouvir?; 7: Ginástica de pausa, pelo dr. Marques Pereira; 17 e 25: A orquestra de...; 17 e 35: Do Choupal até á Lapa; 18 e 10: Programa da mulher; 18 e 45: Reportagem da viagem do Apolo 12; 19 e 45: Rádio Rural — Música, só música; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Solistas ligeiros; 20 e 38: 7.º episódio do folhetim «O Herói da Caridade (Vida de S. João de Deus) por Odette de Saint-Maurice; 21 e 30: Orquestra José Santos Rosa; 21 e 40: Canções de Portugal; 22 e 30: Noite de Teatro «O Filho Sózinho» de Francisco Ventura; 23 e 55: Programa da noite; 1: Fecho.

**2.º Programa** — 397 m — 755 kc/s — Às 16 e 30: 1.º acto da ópera «La Cenerentola» (Rossini); 18: Música do Século XX — duas obras concernantes de Alban Berg; 19: Crítica literária, pelo dr João Bigotte Chorão; 19 e 10: Folclore português (Música da Beira Alta e da Beira Baixa, recolhida por Artur Santos). 19 e 25: Música de piano — de Chabrier e Ravel, pelos pianistas, Rena Kyriakou e Vlado Perlemuter; 20: Sinal horário — Diário sonoro; 20 e 20: Música instrumental: 20 e 30: Concerto pelo Coro da Juventude Musical Portuguesa, sob a orientação de Francisco D'Orey e Manuel Carlos de Brito; 20 e 49: Solo de viola dedilhada por Segóvia — Capricho Diabólico (Castelnuovo-Tedesco) por André Segóvia; 21: A Orquestra de Câmara de Stuttgard dirigida por Karl Munchinger; 21 e 30: Panorama da História, pelo dr. João Ameal; 21 e 50: Recital pelo soprano Reingard Didusch, com a colaboração do pianista Jean-Pierre Faber; 22 e 8: Solos de alcude por Julian Bream; 22 e 20: Poemas sinfónicos;

**3.º Programa** (Cultural MF 2) — 94,3 mc/s); Às 23: Música de piano; 23 e 26: Festivais da Páscoa em Salzburgo de 1969 — Um programa cedido pelo Instituto Alemão — 1.º acto do drama musical «Slegfilied», de Ricard Wagner; 1: Fecho.

**RÁDIO UNIVERSIDADE** — 451 m — 665 kc/s — Às 19 e 10: Aventura; 19 e 15: A Universidade e a Noção; 19 e 45: Fecho.

**RÁDIO CLUBE** — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Canções ao acaso; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu, 19 e 30: Rádio-Jornal; 20: Nota de abertura e Noticiário; 20 e 7: Momento ABC; 20 e 12: Conjuntos Vocais; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Rádio Placard; 21 e 3: Diálogo; 21 e 9: Portugal de Hoje; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 8: Música tradicional e palestra religiosa; 23 e 22: Grande roda; 0 e 2: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 2: A noite é nossa, 6 e 2: Diário rural; 7 e 3: Talismã.

**Modulação de frequência** —97,4 mc/s. — Às 16 e 4: Programa C. D. C.; 17 e 57. O nosso programa; 19 e 4: Em órbita; 21 e 2: Boa noite em FM; 22 e 2: Programa á Gô-Gô; 0 e 2: Em órbita-dois; e 3: Banda sonora; 2: Fecho.

**Emissor de Miramar** — 388,6 m — 782 kc/s. — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 3: Miscelânea; 19 e 20: Robbialac; 19 e 35: Estúdio 64; 20: Nota de abertura e noticiário; 20 e 10: Norte dia-a-dia; 21 e 2: Contrastes musicais; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 30: Leitura; 21 e 45: Francisco e Ernesto; 22 e 3: O santo; 22 e 15: Cristo para todas as nações; 22 e 30: Presença coimbrã; 23 e 4: Clube da Juventude

**RÁDIO RENASCENÇA** — 233,2 m — 1286 kc/s. — Às 16: Radioroma; 18: Orquestras das Américas; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires, 19 e 5: Música seleccionada; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades; 21 e 30: Artistas portugueses; 21 e 45: Melodias do cinema; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho

**EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA** — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular:** Das 7 ás 8 e das 12 ás 14 e 30; **Rádio Voz de Lisboa:** Das 10 ás 12 e das 19 e 30 ás 22; **Clube Radiofónico de Portugal:** Das 8 ás 10 e das 22 ás 2; **Rádio Graça:** Das 14 e 30 ás 19 e 30.

# canal da crítica

## PACTO NO FORNO, À FRANCESA

**A noite escoava-se lentamente. Noite fria, inocentemente fria, noite novembrina, a lembrar-nos que o Inverno estava a chegar com seus arrepios, seus olhos claros e desiludidos, seus membros despidos sùbitamente humanizados. Eu acabava de, piedosamente, dar paz ao televisor depois da companhia maravilhosa que me tinham feito José Carlos Picoto, Carlos Saraiva e François Bross. O «Trio em mi bemol», de Mozart, gerado na amizade, apoderara-se de mim, pacificara-me.**

Guardei as canetas na panóplia, dobrei o caderno, repousei-o na prateleira. Dirigia-me tranquilamente para a cama (deveria talvez escrever *leito*, em atenção ao carácter literário desta crónica...) quando me bafem molemente á porta. Vou abrir, depois de longa espreitadela pelo rabo. Era D. Bernardo, meu velho conhecido que, nas primíssias do século XIX (mais precisamente em 1802...) me dera conselhos de tranquilidade e de silêncio.

DOM BERNARDO — Viva. Então que lhe dizia eu?

EU — Desculpe, D. Bernardo: dizia-me o quê?

DOM B. — Aquela história dos jacobinos. Aquela história dos pedreiros-livres. .

EU *(na retranca)* — Não compreendo...

DOM B. — Ora, ora, não compreende... É o que todos dizem: não compreendem. Não compreendem mas lá vão embarcando nessas histórias da liberdade, da fraternidade, da igualdae... É ou não é?

EU — P'ra mim é igual...

DOM B. — (Imprevisto) — Diga-me: o que é a liberade?

EU — Por favor... Não tome essas liberdades, não pergunte tamanhas coisas. O meu caro amigo sabe bem que, nestes tempos... *(A acção passa-se, como já esclareci, em 1802)*

DOM B. — Não sabe responder, é o que é... Fartam-se de dar vivas a isto e áquilo, mas quando se pergunta pelo conteúdo... A propósito: o que tem nessa garrafa?

EU — É vinho do Porto.

DOM B. — (Serve-se) Ah, que belo vinho! Pois liberdade é isto.

EU — Beber o meu vinho sem minha licença?

DOM B. — Não, homem, liberdade é isto de que nos falava Balzac: cortar cabeças a torto e a direito, mandar o rei desta para melhor, retirar as hóstias para o serviço do culto, dizer palavrões e apanhar umas valentíssimas pielas...

EU — D. Bernardo também viu a peça...

DOM B. — Claro que vi, homem. Não perco uma. Aquele Balzac é um tipo, hem? Nunca as mãos lhe doam. Na minha opinião, a peça deve ser a coisa melhor que se escreveu em França, não?

EU — Não sei. Nunca ouvi falar nela...

DOM B. — Ignorante! Com a ignorância que lavra por este país, não sei onde iremos todos parar. Ao trazer esta peça ao conhecimento do público, Jorge Filgueiras tornou-se, praticamente, um benemérito. Eu comovi-me palavra de honra, comovi-me com o arrependimento do carrasco do Luís...

EU — *(Aflito, sou amigo dele)* — Do Luís Cerqueira?

DOM B. — Não, homem, do Luís XVI. O pobrezinho perdeu a cabeça.

EU — O Luís XVI?

DOM B. — Não, homem, o carrasco.

EU — O carrasco fez-lhe perder a cabeça...

DOM B. — Na minha opinião, perdeu-a.

EU — Perdeu-a mas só no fim da peça.

**(Continua na página seguinte)**


# Oferta excepcional

VOLUMES ENCADERNADOS À ESCOLHA
PAGOS SUAVEMENTE

**em 10 prestações mensais de 52$50**

**Entrega das obras contra o primeiro pagamento**

Obras encadernadas em balacuir de

**ALEXANDRE HERCULANO**
**AQUILINO RIBEIRO**
**CAMILO CASTELO BRANCO**
**CHARLES DICKENS**
**JÚLIO DINIS**
**STEFAN ZWEIG**
**WALTER SCOTT**

**170 autores de várias nacionalidades, sendo: 200 volumes originais de autores portugueses e brasileiros — 200 volumes, traduções portuguesas, mencionados numa lista que remetemos, grátis e sem qualquer compromisso, a quem a solicitar. Todas as obras têm o formato mínimo de 0,19×0,12 m. O numero de exemplares disponíveis para esta oferta é limitado. Solicite imediatamente a lista á LIVRARIA CIVILIZAÇÃO — PORTO — Telefone 22286, ou á sua Filial em Lisboa — Av. Almirante Reis, 102, r/c., Dt.º — Lisboa-1 — Telefs. 58796 e 58798**

Recortar este cupão e remeter

**LIVRARIA CIVILIZAÇÃO**

**Rua Alberto Aires de Gouveia, 27**

**PORTO**

D. L. — Desejo receber, grátis e sem qualquer compromisso, a lista das obras da OFERTA EXCEPCIONAL e um impresso-proposta para a sua aquisição.

Nome .....

Morada .....

.....



**ESTUDANTES!**

**3.º CONCURSO ESCOLAR DE PINTURA E DESENHO**

**CISNE**

RECEPÇÃO: ATÉ 31 MARÇO 70


**PROGRAMA DE HOJE**

**I Programa** — Às 19: Telejornal; 19 e 13: Eurovisão — Apollo 12; 19 e 5: «Uma garota endiabrada»; 20 e 15: Totobola; 20 e 25: Portugal de hoje; 20 e 55: Convergência; 21 e 30: Telejornal; 22 e 05: «O jogo da vida»; 23 e 25: Actualidade desportiva; 23 e 40: Marcha do Mundo; e Fecho

**II Programa** — Às 21 e 30: Telejornal; 22: «Zip-Zip» — 22.º programa; 0: Fecho.


TELEVISORES GRUNDIG


AMANHÃ — **I Programa** — Às 14 e 40: Ciclo Preparatório TV; 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: TV Juvenil — «O Homem, os Livros e as Coisas»; 20 e 15: Lanterna Mágica; 20 e 30: Cartaz TV; 20 e 55: «Casei com uma feiticeira»; 21 e 30: Telejornal; 22 e 5: «Departamento S»; 23: Concerto; 23 e 35: Marcha do Mundo; 23 e 50: Fecha.

**II Programa** — Às 21 e 30: Telejornal; 22: Noite de Cinema — «Objectivo, Burma»; 0 e 15: Fecha.

**TUDOR**

**pilhas para iluminação**



**TUTTI MUNDI**

**ALMOCE OU JANTE a preços acessíveis num ambiente agradável, podendo apreciar os últimos MODELOS DA MODA para homem e senhora, de Roma, Londres e Paris.**

**Ar condicionado ● Aberto até às 2 da manhã**

**AVENIDA DE ROMA, 48 ● Tel. 71402/4**

# A MELHOR APLICAÇÃO DOS SEUS CAPITAIS É EM J. PIMENTA, S. A. R. L.

***Rendimento de 6 a 10% garantido por escritura pública, durante 6 e até 18 anos, à escolha do cliente***

**Compre a sua propriedade e não mais terá preocupações, pois receberá directamente em sua casa, no n/ escritório, ou no Banco o rendimento certo e seguro a que tiver direito.**

**Pode ainda habitar ou explorar directamente o aluguer da sua propriedade**

**PREÇO DOS APARTAMENTOS MOBILADOS**

135.000$00 — 215.000$00
140.000$00 — 225.000$00
150.000$00 — 230.000$00
155.000$00 — 250.000$00
165.000$00 — 255.000$00
175.000$00 — 265.000$00
180.000$00 — 305.000$00
185.000$00 — 325.000$00
190.000$00 — 350.000$00
195.000$00 — 470.000$00
200.000$00 — 600.000$00

**PREÇOS DOS ANDARES**

| | | |
|---|---|---|
| 3 | assoalh. | 190.000$00 |
| 3 | » | 200.000$00 |
| 3 | » | 220.000$00 |
| 4 | » | 300.000$00 |
| 5 | » | 380.000$00 |
| 6 | » | 440.000$00 |
| 9 | » | 750.000$00 |
| 12 | » | 880.000$00 |

**LOCAIS ONDE POSSUÍMOS ANDARES E APARTAMENTOS**

REBOLEIRA-AMADORA — CENTRO DA AMADORA — VENDA NOVA-AMADORA (Junto à Garagem Eduardo Jorge) — PAÇO DE ARCOS (Espargal) — PAREDE (Rua do Lobito, à Quinta do Junqueiro) — LISBOA e CASCAIS

**MORADIAS LUXUOSAS**

9 DIVISÕES ASSOALHADAS, 3 CASAS DE BANHO, COZINHA, GARAGEM, QUINTAL E JARDIM MAGNÍFICA VISTA DE MAR E SERRA, SITUADA NA RUA JOSÉ FERRÃO CASTELO BRANCO, EM PAÇO DE ARCOS

**Facilita-se parte do pagamento**

Apartamentos em exposição: Reboleira, Amadora Paço de Arcos (Espargal), Cascais (por detrás do Hotel Baía)

**TEMOS ANDARES E APARTAMENTOS PRONTOS A FAZER ESCRITURA**

**Azulejos** nacionais e estrangeiros — **Plásticos** para revestimentos de paredes e tectos. Toda a gama de materiais de construção, utilidades para o lar, florés e apetrechos para jardins, encontra V. Ex.ª nos mais baixos preços, nos estabelecimentos da Organização J. Pimenta, em Amadora e Queluz, junto às estações de caminho de ferro respectivas.

**Escritórios: LISBOA — Praça Marquês de Pombal, 15 — Tels. 45843 e 47843 QUELUZ — Rua D. Maria I, 30 — Tels. 952021/22; AMADORA-REBOLEIRA, Tel. 933670**

**A nossa organização vende mais barato e com mais garantias porque é a única do país devidamente apetrechada na indústria e comércio do ramo**


# canal da crítica

**(Continuação da pág. anterior)**

DOM B. — (Com infinita paciência) — Não...

EU — Não me diga isso, D. Bernardo, então eu não o vi a ir para a guilhotina na plataforma do autocarro?

DOM B. — Não me refiro a isso. Você está a raciocinar muito terra-a-terra e eu estou a fazer metafísica.

EU — Perdão: o que D. Bernardo está a fazer é a beber-me o vinho todo.

DOM B. — Ora, meu velho, sofremos tanto com a «revolução francesa que merecemos, finalmente, a tranquilidade de um copinho. O que eu estava a dizer era que o carrasco perdeu a cabeça.

EU — Isso não tem pés nem cabeça...

DOM B. — Mas o «cidadão sem nome»... aí... como é que ele se chamarva na peça...

EU — «Cidadão sem nome».

DOM B. — Claro, o nome pouco interessa. O tal cidadão perdeu a cabeça mas depois não quis perder a alma. Estou mesmo a ver na sua carinha que não concorda comigo...

EU — Fale baixo, Dom Bernardo!

DOM B. — Depois, uma peça muito sensata. O revolucionário sanguinário partidário do carro utilitário funerário acaba por reconhecer que a revolução francesa era evitável e censurável: nada de violências, que só atraem violências!

EU — Como é que se devia ter feito?

DOM B. — Reformas, meu menino, reformas! Fazer reformas nem que se tivesse de empregar a força. O próprio revolucionário fundibulário não era contrário a esse espírito reformário.

EU — Então para que se fez ele revolucionário?

DOM B. — Homem de Deus!, ele fez-se revolucionário para Balzac escrever a peça, para Jorge Figueiras a traduzir, para a R. T. P a transmitir e para a gente a...

EU — ...gramar... Desculpe, D. Bernardo, eu só estava a dizer que era uma peça medíocre, sem nenhum significado.

DOM B. — Ai este homem! Não é bastante significado prestar-se homenagem á memória do Luís...?

EU *(satisfeito, sou amigo dele)* — Do Luís Cerqueira?

DOM B. — Não, homem, do Luís XVI.

EU *(exaltado)* — Homenagear-se a opressão, D. Bernardo, acha isso bem?

DOM B. — Morda aqui, morda aqui seu jacobinozinho da Rua Luz Soriano... Balzac pretendeu, não homenagear a opressão, mas sim a grandeza — da grandeza, la grandeur de la France Catholique et Eternelle... E agora, que já lhe bebo o vinho todo, vou-me embora. *(Apreensivo)*. Mas agora reparo: se estamos em 1802, Balzac ainda nem sequer começou a escrever, é que nem sequer sabe ler ainda...

EU — Tem razão. E agora?

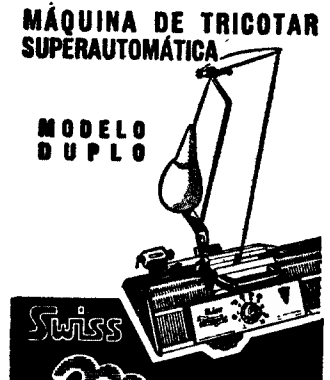
DOM B. — Agora, não tem importância nenhuma, primeiro porque ninguém repara nesses pormenores, e depois, sim, e depois de uma garrafa inteirinha de vinho do Porto sabe-se lá quem nasceu antes e depois...

MÁRIO CASTRIM

## SESSÃO CULTURAL NA ESCOLA FRANCISCO ARRUDA

Sábado, ás 9 horas, a sessão cultural integrada nas actividades circum-escolares da Escola Francisco de Arruda, será constituída pela apresentação de grupos corais; narrativa de um conto pelo actor Artur Semedo; comentários semanais do director da Escola; série cinematográfica «Ensino Visual das Ciências», e um filme recreativo comentado no intervalo.


**MÁQUINA DE TRICOTAR SUPERAUTOMÁTICA**



**MODELO DUPLO**

Swiss Magic

Produto da indústria suiça de alta qualidade
- Inteiramente metálica
- Facilidade de manejo
- Garantia e assistência técnica asseguradas por pessoal especializado

**Pretende-se nomear agentes em concelhos ainda livres Consulte:**

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS
RAFAEL BURGUETE, LDA
LISBOA: R. António Enes, 20-1.º
Tel. 535057
PORTO: Rua Formosa, 172
Tel. 26902

Pretende receber publicidade e preços
Nome .....
Morada .....
Localidade .....

**FERGUSON**
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

**Rua Mendes e Fernando Gusmão discutem o «jogo» na peça de James Saunders. Ao fundo João Lourenço, outro jovem do Grupo 4**

# O GRUPO 4 NO TIVOLI

## PARA MAIS TRÊS ESPECTÁCULOS

O Grupo 4 vai repor em cena no Tivoli a peça «*Amanhã digo-te por musica*», de James Saunders. Está já marcada uma nova série de três espectáculos para segunda, quarta e quinta-feira, á hora da segunda «matinée» (18 e 30).

«*Amanhã digo-te por musica*» atraiu muito publico aos primeiros seis espectáculos. Enchentes consecutivas marcaram este regresso do Grupo 4, uma mini-associação de jovens interessados no teatro de vanguarda (que nem sempre — ou quase nunca — podem fazer por outros meios). Basta dizer que o ultimo espectáculo esgotou a lotação três horas antes de o pano subir, ordenando assim a necessidade moral, digamos, de repor a peça logo que possível.

— *Estivemos parados dez dias* — disse-nos Rui Mendes — *por exigências da programação cinematográfica do Tivoli. Agora voltamos para os ultimos espectáculos em Lisboa. Convém pôr mesmo que são os ultimos. está bem? É que depois vamos para o Porto e «ardeu»*.

A série de espectáculos no Porto (Teatro S. João) está marcada para os dias 4 a 8. Coimbra também verá o Grupo 4, mas em data a escolher pelos promotores locais (C. I. T. A. C.).

## Artes plásticas

### Palestras no Museu

O Museu Nacional de Arte Antiga prossegue a sua série de palestras, especialmente destinadas á juventude. O novo ciclo, orientado pelo dr. Rio-Carvalho, obedece ao tema geral «Para uma compreensão do nosso tempo». As palestras serão realizadas ás sextas-feiras, de Novembro a Janeiro, ás 18 e 30, sendo a primeira na sexta-feira, com o seguinte programa: Introdução: caracterização da expressão «Nosso Tempo»; raízes: o «Surrealismo», o «Bauhaus». Entrada livre pela Rua das Janelas Verdes.

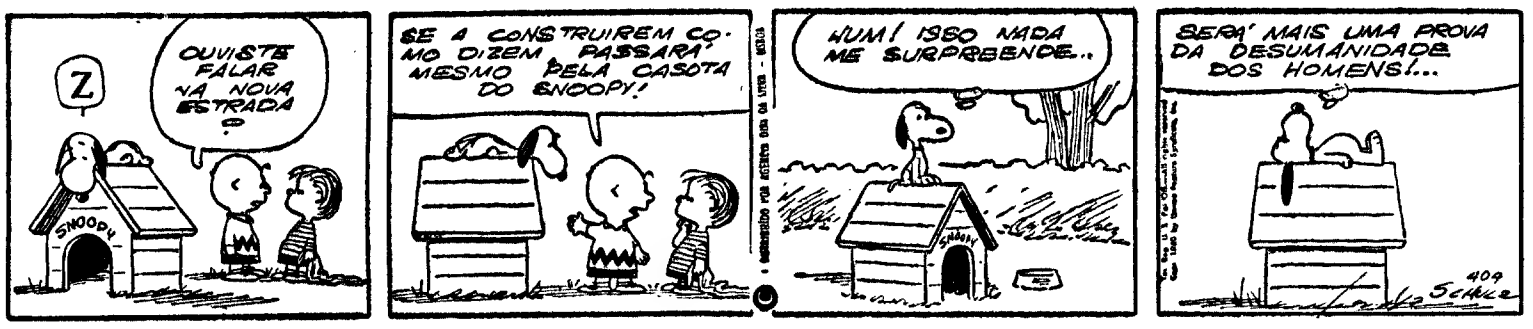
### Eduarda Lapa na Sociedade Nacional de Belas-Artes

Eduarda Lapa, artista de grande publico e que muitos êxitos obteve na sua carreira de pintora, volta a animar as salas da Sociedade Nacional de Belas-Artes onde tantas vezes triunfou.

A grande pintora das marinhas, do retrato e das flores, aquelas flores de Eduarda Lapa, apresenta-se ao publico depois de amanhã, pelas 16 horas. São cinquenta anos de pintura que revivem nas salas da S. N. B. A.

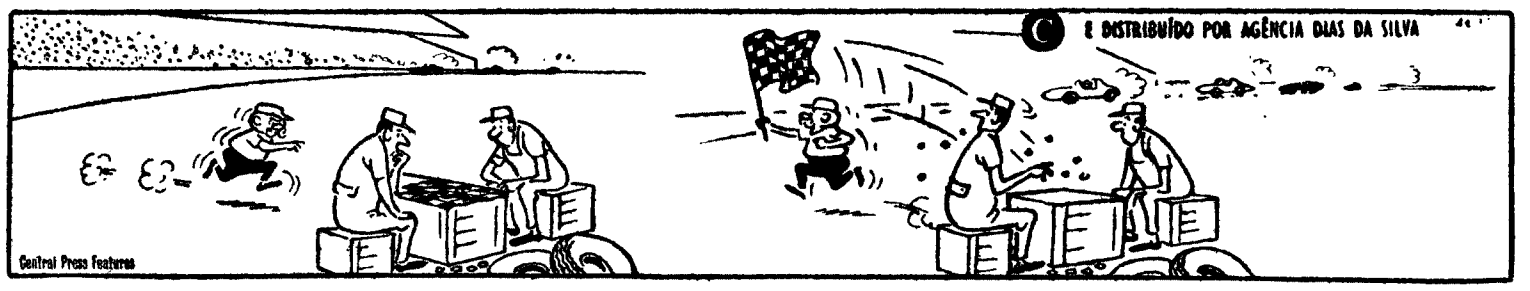
**Em ODEMIRA o «DIARIO DE LISBOA» é vendido por Augusto da Conceição Correia, Rua Alexandre Herculano, 16.**

## Os Peanuts




## Carol Day

## Aventuras do Tio Carlos




## Palavras cruzadas

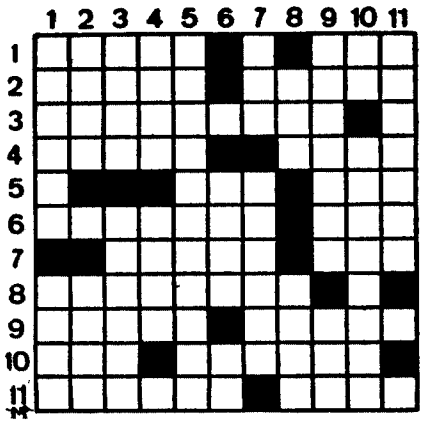
(COM PROVÉRBIO.

**PROBLEMA N.º 5364**

**HORIZONTAIS:** 1 — Desconte. Benigno. 2 — Escarneçam. Aragem. 3 — Animais irracionais. 4 — Alimento. Rio de Moçambique, que separa o distrito de Manica e Sofala dos de Gaza e Inhambane. 5 — Executa. Avistar. 6 — Avelhentada. Iga. 7 — Alastrar-se pouco a pouco. Nocivo. 8 — Agacha. 9 — Moeda de cinquenta centavos (pop.). Espinhoso. 10 — Tenho. Descansar no sono. 11 — Poisou no mar (avião). Desdita.

**VERTICAIS:** 1 — Alisa. Pedaço de madeira para queimar. 2 — Palmatoada. Filtrem. 3 — Correlacionado. Estimarla. 4 — Receia. Deus romano do vinho. 5 — Amarrotada. 6 — Transfere para outra ocasião. Alternativa. 7 — Rio da Russia. Levantar ferro (navio). 8 — Chefe etíope. Equipa. 9 — Repetiam. Combina bem. 10 — Artigo (pl.). Vigília. 11 — Amoleceu.

**Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.**



**SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5363**

**HORIZONTAIS:** 1 — Metafrastas. 2 — Aia. Outeiro. 3 — LÁGRIMAS. Ar. 4 — Al. AC. 5 — Ganso. Ópera. 6 — Ao. Gueret. 7 — In. São. DE. 8 — Dás. Puxarei. 9 — Aderência. 10 — Dó. Ao. Eco. 11 — HERDEIROS.

**VERTICAIS:** 1 — Malignidade. 2 — Eia. Nado. 3 — Tagana. Se. 4 — RISOS. 5 — Foi. Apear. 6 — Ruma. Gounod. 7 — Atacou. XC. 8 — Sés. Pegai. 9 — Ti. Ter. Raer. 10 — Ara. Rede. Oa. 11 — SORRATEIROS.

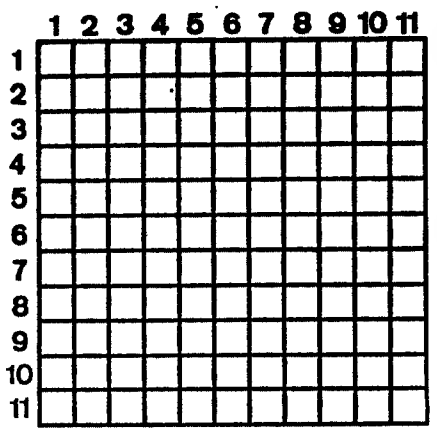
(Provérbio: LÁGRIMAS DE HERDEIROS, RISOS SORRATEIROS)

(NOVA MODALIDADE)

**PROBLEMA N.º 9207**

**HORIZONTAIS:** 1 — Anteriormente. Tostam. 2 — Cidade da antiga Caldeia. Requeimo. Pronome pessoal. 3 — Cidade de Portugal. Obriqar a. 4 — Fruto da amoreira. Revolucionário francês que foi assassinado no banho por Carlota Corday. 5 — Carumas. Ave trepadora. 6 — Rata. Nome de letra. 7 — Atmosfera. 8 — Cadela. Rangíferes. 9 — Encolerizais. Peça de teatro. 10 — Basta. Pássaro do Brasil. Nesse lugar. 11 — Os dois. Cidade de Itália.

**VERTICAIS:** 1 — Salas onde se leciona. Toca. apita. 2 — Enredar. Estavam. 3 — Antiga cidade da Palestina. 4 — Partí em toros. Causa ridícula. 5 — Tributas com sisa. Emparelhas. 6 — Pronome pessoal. 7 — Dá ânimo. Tiramava. 8 — Adicionara. Épocas. 9 — Barba de espiga dos cereais. 10 — Levara á sirga. Gostai muito de. 11 — Variedade de café (Brasil). Empregais.



**SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9206**

**HORIZONTAIS:** 1 — Pargo. Apaga. 2 — Ameí. Irma. 3 — Paira. Iscas. 4 — An. Amida. Vi. 5 — Isar. Uras. 6 — Ás. It. 7 — Cr. Af. Rs. As. 8 — Acarear. 9 — Nadar. Amuar. 10 — Tiris. Ocar. 11 — Oiros. Isara.

**VERTICAIS:** 1 — Papai. Cento. 2 — Amansar. Ari. 3 — Rei. As. Adiir 4. — Girar. Acaso. 5 — Am. Fiar. 6 — Im. 7 — Id. Área. 8 — Pisou. Samos. 9 — Arc., Ri. Ruça. 10 — Gravata. Aar. 11 — Oásis Surra

## CAMINHOS DE FERRO

### Horários dos comboios na Zona Sul

Comunica-nos a C. P. que a partir de 20 de Novembro de 1969 são feitas diversas alterações ao Horário actualmente em vigor nas Linhas e Ramais a seguir indicados:

Linha do Sul — (Circulações ascendentes e descendentes)
Linha de Évora e Ramais de Reguengos e Mora
Ramais de Montijo — Montemor — Aljustrel e Moura
Linhas de Vendas Novas e Ramal de Portalegre
Via Fluvial e Tranvias — Lisboa — Barreiro — Pralas Sado — Setxal — Lisboa
Linha do Sado e Ramal de Sines.

O pormenor destas alterações consta dos CARTAZES HORÁRIOS afixados nas estações e nas Secções de Informação ao Público, das estações de Lisboa (Santa Apolónia), Lisboa (Rossio) e Lisboa (Terreiro do Paço).

## HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 20 de Novembro de 1939 publicava:

«**LUXEMBURGO — A Agência Belga informa, de origem autorizada, não haver conhecimento de que Maurício Thorez, o «leader» comunista francês, se tenha refugiado na Bélgica, depois de abandonar Esch - sur - Alzette, no Luxemburgo, onde se teria refugiado. Como se sabe, Thorez é desertor do Exército francês.**»

**CARTÃO DIPLOMATA**

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto

A casa que melhor trabalha
**ANIBAL GRAVADOR**
Rua Nova do Almada. 64
LISBOA

**PENSÃO RESIDENCIAL**
**S. ROQUE**
Trav. da Conceição da Glória, 18, r/c., 1.º e 2.º
Telefs. 32 60 38 — 32 48 31
LISBOA

### Campeonato Nacional de Futebol
(1.ª DIVISÃO)
### Vitória de Setúbal--Benfica

**DOMINGO, 23 DE NOVEMBRO**

A C. P. organiza em colaboração com o Sport Lisboa e Benfica um comboio especial de Barreiro á Praça do Quebedo, e volta, em ligação ás carreiras normais entre Lisboa (Terreiro do Paço) e Barreiro, no dia 23 de Novembro, por ocasião do desafio de futebol «VITÓRIA DE SETUBAL - BENFICA», ao preço de 22$00.

**HORÁRIO**

| | |
|---|---|
| Partida de Lisboa (Terreiro do Paço) ..... | 13-15 |
| Chegada a Praça do Quebedo ..... | 14-26 |
| Partida de Praça do Quebedo ..... | 17-25 |
| Chegada a Lisboa (Terreiro do Paço) ..... | 18-55 |

Bilhetes á venda na Secretaria do «Sport Lisboa e Benfica» e nas estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Terreiro do Paço).

**morphy-richards**

**MANTENDO PRESTÍGIO ACERCA DE 25 ANOS EM PORTUGAL.**

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

## F. C. PORTO-NEWCASTLE (0-0)

# AS DUAS FACES DO ZERO

*Tal como acontecera em Guimarães com o Southampton e em Alvalade com o Arsenal, e quase ia acontecendo em Setubal com o Liverpool, os ingleses do Newcastle empataram ontem, no Estádio das Antas, com o F. C. Porto. Ficaram, claro, encantados da vida. Empate é igualdade, mas nestes jogos a eliminar há sempre uns que ficam «mais empatados» que os outros. O zero-zero de ontem, como o de Alvalade, como o três-três de Guimarães, teve o sabor de um princípio de vitória dos ingleses. Foram igualdades que deixaram perspectivas muito desiguais, evidentemente favoráveis áqueles que passaram pelo pior bocado que é o jogo no campo do adversário.*

*A reconhecida e famosa «vantagem de jogar em casa» avoluma-se nestes encontros entre grupos de países diferentes, porque os visitados são ainda mais visitados do que nas partidas dos campeonatos nacionais. Há, para isso, uma série de factores, que vão desde o clima á novidade do «ambiente» passando pelo empolgamento e pelo desejo de superação que estes jogos sempre provocam aos grupos visitados e que permitem muitas vezes, «ilógicas» vitórias dos mais fracos sobre os mais fortes.*

Daí que, nestas eliminatórias de 180 minutos, sendo metade em casa de cada um dos opositores, o tal empate tenha dois sabores bem diferentes. Ontem, nas Antas, não houve um único golo, não houve vencedores nem vencidos, mas os ingleses saíram certamente do estádio muito mais confiantes na qualificação, enquanto os portuenses terão, muito naturalmente, saído a pensar que ficaram com a vida muito mais complicada.

É isto precisamente, que dá a estes jogos umas características muito especiais, que não deixam de ser inimigas do espectáculo. O futebol é um jogo interessante e muito bem concebido (daí a sua popularidade quase universal) mas baseado na ideia de que ambos os contendores procuram a vitória. Quando assim não acontece, a finalidade do jogo está adulterada e perde-se muito do que possa ter de atractivo. Pois nestes jogos o que se vê quase sempre é que o visitante dispensa perfeitamente a vitória, contenta-se com o empate, e se perde só por um, já as coisas não estão mal de todo.

No final do jogo de ontem ouvimos comentar que «afinal, o tal Newcastle não joga nada.» Claro que é um erro pensar assim. O Newcastle (detentor da Taça das Feiras) não deixou de mostrar, em certos períodos, que é uma equipa de verdadeira categoria, e nessas alturas agradou-nos até mais que o Liverpool, há oito dias, em Setubal. Trata-se, sem dúvida, de uma equipa que era capacíssima de proporcionar um belo espectáculo de futebol, no Estádio das Antas, e cremos que o teria feito se este fosse o «único» jogo da eliminatória e, portanto, o empate não servisse a ninguém.

Mas os ingleses não vieram ao Porto para se preocupar com o espectáculo, para deixar boa impressão nos espectadores. E só muito em segundo plano se preocuparam com a exibição, ou mesmo com o triunfo. O empatezinho já era bem bom. Afinal esta era apenas a meta de mais difícil do grande jogo de 180 minutos que lhes interessa ganhar.

O que se viu foi o que se costuma ver em tais circunstancias. O Newcastle, primeiro com «4-3-3», depois com «4-4-2», mas sempre com muita atenção á sua baliza do que á contrária, foi aguentando o ímpeto vão dos portuenses, que, aliás, tiveram lances excelentes nos primeiros 20 minutos.

Em pura perda, este bom começo dos portuenses. E em pura perda porque, não tendo proporcionado quaisquer frutos mais desencorajou os britanicos da aventurazinha de atacar, afrouxando a guarda á sua rede. Por outro lado, a ausência de resultados práticos — de golos — nesse bom jogo desanimando os jogadores do Porto. Como se perguntassem a si próprios: «mal, afinal, estou aqui a gastar o meu latim, para quê?» Como se, depois de falar muito e bem, alguém chegasse á conclusão de que o parceiro era surdo e não adiantava gastar argumentos.

Foi muito brusca, na exibição do F. C. Porto, a passagem de um futebol escorreito e limpo, de jogadores em movimento e de passes largos e perfeitos, para o atabalhoamento, a indecisão colectiva, a demora no que até aí tinha sido rápido e convicto. Foi muito brusca e foi muito cedo para que se possa atribuir fadiga, ideia aliás desmentida por alguns vigorosos «espasmos» de inconformismo, na segunda parte.

Falhou nesse período inicial, para o prolongar com outras perspectivas um golo. Merecia-o o Porto. Merecia-o por esse jogo agradável, bem comandado por Rolando, Pavão e Salim, e esteve perto de o marcar embora o ataque mostrasse aquilo que é a grande inferioridade do actual futebol português: a falta do chamado «sentido de penetração», o esforço orientado no sentido da meta que é a baliza, a força do remate, o «poder de síntese» nas jogadas. Claro que não é fácil, perante uma defesa agrupada, com jogadores muito rápidos e possantes, como é o caso do excelente Moncur, «capitão» do Newcastle. Mas o Porto, com Pinto menos ardiloso do que habitualmente (aliás, adoentado, esteve para não jogar) e Séninho hábil mas frágil, não fez quanto podia para merecer essa forte oposição.

Só quando os portuenses perderam um pouco do seu ânimo os ingleses se sentiram animados a fazer seus contra-ataques. E não teria sido nada de surpreendente se tivessem marcado um golo, tal a velocidade e o sentido prático dos seus golpes.

Na segunda parte, o jogo foi-se arrastando assim até á monotonia. O Porto, já sem a ligação e o desembaraço de entrada, la tentando, pouco convencido de que daí tiraria quaisquer vantagem. E o Newcastle cada vez mais satisfeito com o «vitorioso empate», a aguentar calmamente o balanço e, de vez em quando, a lançar a bola para os dois isolados do ataque, a ver o que se poderia conseguir de melhor, sem pôr em perigo o que esteve a ser conquistado.

Rui, Gualter (que jogou frequentemente como extremo) e os jogadores da linha intermediária no período inicial, foram os melhores de uma equipa que terminou descrente e confundida. Quanto aos ingleses (todos excelentes atletas) apreciou-se a acção sempre bem orientada de Moncur, o formigar incessante de Robson e Arentost e o jogo incisivo de Dyson e Grothie. Não tenhamos duvidas: o Newcastle continua a ser uma bela equipa e proeza estupenda será a do F. C. Porto se conseguir em Inglaterra resultado idêntico ao que os ingleses conseguiram ontem nas Antas. Às vezes, há coisas...

MARIO ZAMBUJAL

*Estádio das Antas.*

*Árbitro: Roland Marondas (suíço).*

*F. C. PORTO — Rui; Gualter, Valdemar, Vieira Nunes e Sucena; Pavão, Rolando (capitão) e Salim; Séninho, Pinto e Nóbrega.*

*NEWCASTLE — McFaul; Craig, Burton, Moncur (capitão) e Clark; Gibb, Arentoft e Guthrie; Robson, Dyson e Davies.*

*Na equipa inglesa, aos 26 minutos do segundo tempo, Guthrie cedeu o seu lugar a Gragge.*

O defesa central do Newcastle corta mais um lance de ataque dos portistas

## Acontecimentos DE ONTEM

### HÓQUEI EM PATINS

Tiveram ontem o seu início os Campeonatos Nacionais de Hóquei em Patins das categorias de juniores e juvenis, cujos encontros antecederam o desafio C. U. F.-Paço de Arcos, referente á fase final do Campeonato Metropolitano.

Em juvenis, o Paço de Arcos ganhou á Juventude Salesiana, por 5-1, e, em juniores, o Campo de Ourique e a Salesiana empataram a dois golos.

No encontro principal da noite, para o Campeonato Metropolitano, C. U. F. e Paço de Arcos também empataram, a um golo. Os cufistas marcaram primeiro, por intermédio de Fernandes, e o Paço de Arcos igualou, por intermédio de Vieira, minuto e meio depois.

Sob a arbitragem de Jorge Rosa, as equipas alinharam:

C. U. F. — V. Domingos; J. Carlos; J. António, Leonel e J. Fernandes (1).

P. DE ARCOS — Monteiro; Alfredo; Vileina (1), Abreu e R. Soares.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

## ADIAR — O TERMO COMUM

**Em recente assembleia geral de uma conhecida agremiação desportiva, quando se debatia a delicada situação económica da mesma, um associado (que fez questão de manter o anonimato) tornou possivel a efectivação de uma operação bancária para solver os compromissos assumidos e corresponder a obrigações aceites a um prazo relativamente curto.**

**Foi assim encontrada uma solução para o problema que afligia a colectividade, solução que, naturalmente, fez desanuviar horizontes obscurecidos por responsabilidades e que irá permitir ao clube continuar nos mesmos caminhos, percorridos até agora, no ambito do futebol profissional, a razão maior do desequilíbrio financeiro que regista a contabilidade clubista.**

**Infelizmente o quadro é comum a quase todos (que tentação sentimos, de escrever «á totalidade») os clubes portugueses empenhados nas competições desportivas, quer estas sejam de modalidades profissionalizadas quer sejam amadoras. Existem sempre sócios afeiçoados que não hesitam em «abrir as carteiras» ou apor uma assinatura (válida para os bancos) num documento descontável, de molde a que, embora transitóriamente, se eliminem as exigências que estrangulam e comprometem a vida dos clubes.**

**Não se buscam soluções definitivas. O que fundamentalmente importa é «sair de apertos», terminar o mandato. Depois...**

**É precisamente isto que está errado. Adiar não é, de nenhum modo resolver. Exageradamente se tem adiado no desporto português a busca dos caminhos que conduzam á sua valorização. Apenas se tem procurado embelezar a cúpula, esquecidas as bases. E a cúpula oscila á menor ameaça de tormenta.**

**Apesar de se reconhecer a necessidade de decidir, adiar continua a ser o termo comum, a solução generalizada que se aceita mas que não resolve.**

**E o desporto continua a viver dos «balões de oxigénio» que os médicos de ocasião lhe possam proporcionar.**

**E. V.**

## VOLEIBOL

# Vitória (difícil) do Lisboa Ginásio

No Pavilhão do Estádio Universitário realizou-se a 3.ª jornada do Torneio de Abertura de Voleibol.

O Benfica venceu pela marca sensacional de 3-0 (15-0, 15-0 e 15-0) a equipa da Costa do Sol.

O Técnico, que apresentou uma equipa longe do seu melhor, venceu o Externato de Moscavide por 3-0 (15-12, 15-12 e 15-11)

No encontro mais equilibrado e emotivo da jornada, o L. Ginásio venceu dificilmente o C. D. U. L. por 3-1 (16-14, 17-15 e 14-16).

Boa réplica dos universitários» que mesmo não contando com Barão Pinto realizaram excelente exibição.

Para o Torneio de Juvenis o Benfica venceu o Cif por 3-2 (11/15; 10/15; 15/5; 15/11; 15/5).

**Francisco Freire treinador do Lisboa Ginásio**

Em virtude dos seus afazeres profissionais, o internacional José Borges que há algum tempo vinha a orientar as equipas do L. Ginásio, viu-se forçado a abandonar o lugar.

Para sua substituição o L. Ginásio assegurou os serviços do prof. Francisco Freire que já orientou a sua nova equipa.

## VÍTIMA DE ACIDENTE

# ALFREDO VIGNALE MORREU EM TURIM

**TURIM — Faleceu no passado domingo nesta cidade o conhecido carroçador de automóveis Alfredo Vignale.**

**Vítima de um acidente de viação que ocorreu perto das suas oficinas de Grinliasco, Alfredo Vignale que contava 56 anos, foi rápidamente conduzido ao hospital expirando pouco depois.**

**A sua carreira está recheada de êxitos o ultimo dos quais obtido na Primavera passada quando apresentou no Salão Automóvel de Genebra o Maserati Indy. Os seus serviços foram também frequentemente utilizados pela Ferrari, Rolle-Royce e Aston Martin.**

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

## ATLETISMO (8)

# QUEM SÃO OS 20 MELHORES ATLETAS DA ÉPOCA DE 1968-1969

## Barceló de Carvalho (Bf.) o melhor de todos

*A época que findou, apesar de não ter sido excepcional para os atletas já com certas responsabilidades (referimo-nos aos seniores), foi, contudo, agradável, pois, através das várias competições oficiais, pudemos observar que uma vintena de atletas conseguiu «marcas» que vão dos 865 a 928 pontos da tabela portuguesa de pontuação.*

*Nesta lista de valores vamos encontrar 13 atletas «leoninos», 6 benfiquistas e 1 do Centro Universitário de Lisboa. A excelente percentagem sportinguista exprime, não há dúvida, a preponderância da equipa de Alvalade na modalidade.*

*Também através da referida lista é-nos dado observar que as disciplinas mais em evidência e que alcançaram marcas ou tempos de óptimo recorte técnico, são as corridas (400 m; 1500 m; 100 m; 800 m; 5000 m; 1000 m; 3000 m; e 10 000 m) e episòdicamente, o triplo-salto; martelo; comprimento; altura e 400 m barreiras.*

*Das vinte marcas mais pontuadas na temporada que findou (contando para cada atleta apenas a melhor em cada prova), cinco delas alcançaram mais de 900 pontos, o que é muito bom, no âmbito nacional, e excelente, no sector internacional.*

*São elas:* 400 m *(47,2 s.), 928;* martelo *(61,54 m), 915;* 1500 m *(3 m. 48,5 s.), 907;* altura *(2,00 m), 903; e* 1500 m *(3 m. 49,1 s.) 902 pontos.*

*Foram autores destas proezas: Barceló de Carvalho (Bf.), Carlos Sustelo (Sp.), Morujo Julio (Sp.), Tavares Alves (Sp.) e Carlos Tavares (Bf.).*

*A marca do primeiro destes atletas em termos de comparação equivale a 10,3 s. nos 100 m; a 21,2 s. nos 200 m; a 1 m. 49,5 nos 800 m; e a 3 m. 45,6 s. nos 1500 m; a do segundo, 2,02 m no salto em altura; a 7,46 m no comprimento; a 15,76 m no triplo; a 4,35 m no salto com vara; a 17,02 m no peso; a 52,77 m no disco; e a 75,48 no dardo; a do terceiro, a 10,4 s. nos 100 m; a 21,4 s nos 200 m; a 47,8 s. nos 400 m; a 1 m. 51,1 s. nos 800 m e a 4 m. 7,8 s. na milha; finalmente, a do quarto, a 7,38 m no comprimento; a 15,60 m no triplo; a 4,29 m no salto com vara; a 16,72 m no peso; a 51,65 m no disco; a 60,23 m no martelo; e a 73,87 m no dardo.*

*Se tomarmos como ponto de partida para uma apreciação de valor técnico as 25 melhores marcas da época finda verificamos que a média global é de 905 pontos, o que representa um índice elevado no ambito nacional e um contraste com a opinião de alguns sectores oficiais.*

*Quer isto dizer, que a temporada que findou deu-nos uma melhor refinação de processos técnicos e, também, uma mais assiduidade por parte de atletas responsáveis ás competições e quiçá, aos treinos, pois sem estes ultimos não poderá haver progresso.*

*Do quadro que juntamos a estes apontamentos, ressalta, sem duvida, a quebra nalgumas disciplinas que eram do agrado dos atletas lusitanos. Referimo-nos, por exemplo, aos 110 m barreiras; á milha e aos 3000 m obstáculos para não falarmos de outras disciplinas.*

*Por outro lado, também, é pena que apenas atletas do Sporting e do Benfica intervenham na sua quase totalidade no quadro das vinte marcas mais pontuadas do ano.*

### As 20 marcas mais pontuadas

| | | |
|---|---|---|
| 1.º | Barceló Carvalho (Bf.), 47,2 s., (400 m) | 928 p. |
| 2.º | Carlos Sustelo (Sp.), 61,54 m (martelo) | 915 p. |
| 3.º | Morujo Julio (Sp.), 3 m. 48,5 s. (1500 m) | 907 p. |
| 4.º | Tavares Alves (Sp.), 2 m. (altura) | 903 p. |
| 5.º | Carlos Tavares (Bf.), 3 m. 49,1 s., (1500 m) | 902 p. |
| 6.º | Alberto Matos (Sp.), 52.5 s., (400 m. bar.) | 896 p. |
| 7.º | A. Fonseca e Silva (Bf.), 10,5 s., (100 m) | 892 p. |
| 8.º | José Pina (Sp.), 1 m. 52,2 s., (800 m) | 888 p. |
| 9.º | Tadeu de Freitas (Sp.), 15,39 m, (triplo) | 888 p. |
| 10.º | José Diogo ((Sp.), 3 m. 51,3 s. (1500 m) | 886 p. |
| | Alberto Matos (Sp), 14,5 s., (110 m bar.) | 886 p. |
| 11.º | Manuel de Oliveira (Sp.), 14 m. 30,2 s., (5000 m) | 883 p. |
| | Barceló Carvalho (Bf.), 21,6 s., (200 m) | 882 p. |
| | Morujo Julio (Sp.), 1 m. 52,7 s., (800 m) | 881 p. |
| | Manuel de Oliveira (Sp.), 3 m. 52,2 s., (1500 m) | 880 p |
| | José Pina (Sp.), 2 m. 26,2 s., (1000 m) | 878 p. |
| 12.º | Péricles Pinto (Sp.), 7,20 m, (Comprimento) | 876 p. |
| 13.º | Ed. Albuquerquer (Bf.), 49,24 m), (Martelo) | 875 p |
| 14.º | Anacleto Pinto (Bf.), 14 m. 35 s., (5000 m) | 873 p. |
| 15.º | Carlos Lopes (Sp.), 14 m. 35,2 s., (5000 m) | 873 p. |
| 16.º | A. Aldegalega (Sp.), 30 m. 40,4 s., (10 000 m) | 873 p. |
| 17.º | Américo Barros (Sp.), 8 m. 24,8 s. (3000 m) | 872 p |
| 18.º | Julio Fernandes (Sp.), 15,8 m, (triplo) | 866 p. |
| 19.º | Fernando Reis (Bf.), 53,6 s., (400 m bar.) | 865 p. |
| 20.º | Joaquim Peralta (U.), 53,6 s., (400 m bar.) | 865 p. |

## Realiza-se em Viena (Áustria) a eliminatória da III Taça da Europa

Está já definitivamente assente que a eliminatória da III Taça da Europa em atletismo, na qual participará uma representação portuguesa, se disputará em Viena de Áustria, a 20 e 21 de Setembro do próximo ano.

## GOLFE NO ESTORIL

## Mais de cem jogadores em acção durante todo o dia

As instalações do Clube de Golfe do Estoril começaram esta manhã a registar as suas jornadas de maior animação da temporada.

O leitor melhor avisado entendeu já que é hoje véspera do início do Campeonato Internacional Aberto de Portugal — o já tradicional *Open*.

Para que se faça ideia do movimento e animação hoje registados no excelente campo do Estoril, basta dizer que o habitual torneio amador-profissional reuniu 110 inscrições, sendo 54 de amadores e 56 de profissionais.

À hora do nosso jornal começar a circular ainda irão a caminho do 18.º buraco os ultimos pares saídos, quando passava já das 13 horas.

O torneio de hoje, com vencedor imprevisível constitui magnífico treino para o «Open», que amanhã se inicia, disputado por cerca de 90 jogadores, entre amadores e profissionais de dez nações e que se prolongará, numa intensa azáfama, até domingo.

A 15.ª edição da prova prevê-se a melhor de sempre, quer pela quantidade de concorrentes (está batido o «record» de inscrições), quer pela sua qualidade, quer, ainda, pelas possibilidades reveladas por muitos dos jogadores que pela primeira vez vieram até nós, atraídos pela fama do «Open» de Portugal.

Amanhã, as partidas começam a ser dadas ás 9 horas, com intervalos de dez minutos entre cada grupo de três concorrentes. Eis algumas das horas das partidas que mais podem interessar: José Laria de Sousa e Melo, ás 11 horas; Alfonso Angelini, ás 11 horas; Andrew Forrester (o primeiro amador em 1968), ás 11 e 30; Jean Garaialde, ás 11 e 50; Angel Gallardo, ás 12 e 40.

BARCELÓ DE CARVALHO

## HOJE A NOITE

ANDEBOL DE SETE — Campeonato de Lisboa, da 2.ª Divisão: Boa Hora-Casa Pia, Vendedores de Jornais-Internacional e Madre de Deus-Oriental, no pavilhão da Ajuda, a partir das 20 e 30 horas.

GINÁSTICA — Sessão solene, palestra e distribuição de medalhas, no Ateneu Comercial, ás 21 e 30 horas.

HÓQUEI EM PATINS — Campeonatos Nacionais de juvenis e juniores, entre o 1.º e 2.º classificados do Porto: em seniores, Carvalhos-F. C. Porto, no pavilhão do Infante de Sagres, a partir das 20 e 30 horas.

## TÉNIS DE MESA

## BENFICA — ÚNICO INVICTO DA TAÇA «DIÁRIO POPULAR»

A mais importante prova de quantas a Associação de Ténis de Mesa de Lisboa promoveu para assinalar o começo de mais uma época de actividade — a de seniores, dotada com a Taça «Diário Popular» — teve, ontem, o primeiro encontro de maior interesse.

Tendo os sucessivos sorteios evitado um desplique entre as mais fortes representações (equipas A) do Benfica e do Sporting, nada admirou que os eternos rivais tivessem atingido tão adiantada fase da competição, contando por vitórias os encontros disputados. No ténis de mesa lisboeta isso foi naturalíssimo.

Mas, ontem, os «leões» receberam os «encarnados», e nem a circunstância de uns e outros se enfrentarem em Alvalade permitiu a concessão de favoritismos. O desfecho do encontro foi incógnita até ao disputar do último ponto.

A sorte da luta pendeu para os benfiquistas. Estes chegaram a 3-0, ainda que sem a prontidão que desses números se pode concluir, visto que, em duas das três partidas realizadas, só o quinto jogo ditou o vencedor.

E, quando se perde assim, a derrota não deslustra. Vejamos os resultados:

João Rui (Bf.) v. Delfim Soares (Sp.), por 21/19, 20/22, 16/21, 21/19 e 21/14; J. Alvoeiro (Bf.) v. Luís Amaro (Sp.), por 22/20, 21/15 e 21/17; J. Rui/J. Alvoeiro (Bf.) v. D. Soares/A. Gameiro (Sp.), por 21/19, 17/21, 21/17, 15/21 e 22/20.

Para o resto da prova teremos: Benfica, sem derrotas; Belenenses e Sporting, com uma derrota.

# PELÉ: o golo n.º 1000 foi de «penalty»

**RIO DE JANEIRO, 20 — (R.) — Pelé, o famoso jogador de futebol brasileiro, marcou, a noite passada, o seu 1000.º golo, ao converter uma grande penalidade.**

**Os espectadores que enchiam o Estádio do Maracanã, com capacidade para 200 000 pessoas, ergueram-se dos seus lugares e invadiram o relvado quando o árbitro Manoel de Lima autorizou que o jogo fosse interrompido.**

**Pelé foi levado aos ombros dos espectadores, com os fotógrafos esforçando-se por conseguir tirar retratos da ocasião.**

**Registava um empate a uma bola no desafio entre o Santos, a equipa do «rei», e o Vasco da Gama, quando Eberval fez falta sobre Pelé na grande área.**

**A falta ocorreu aos 78 minutos de jogo, e Pelé não perdoou, convertendo a grande penalidade.**

**Um ambiente de Carnaval reinava no Estádio, o santuário do futebol brasileiro, quando o início do jogo sofreu um atraso de quase meia hora, devido a cerimónias que se realizaram antes do encontro, e aos fotógrafos que invadiram o campo para tirar retratos ao famoso jogador.**

**Um batalhão de fuzileiros navais efectuou um exercício no meio do Estádio, acabando por formar as palavras «Rei Pelé», após o mais célebre jogador de futebol do mundo hastear a bandeira do Brasil.**

«Quando marquei, estas noite, o meu 1000.º golo pensei em todas as crianças do mundo, em todos os que sofrem necessidades» — **declarou Pelé, á saida do terreno, depois de ter marcado o famoso golo.**

**Muito calmo até essa altura, Pelé, então, não pôde reter a sua comoção, e, ao pronunciar estas palavras, tinha a voz embargada pelos soluços.**

# Desejo de crítica e diálogo

## manifestado no acto de posse dos directores dos Combustíveis e dos Serviços Industriais

**No salão nobre do Ministério da Economia, o secretário de Estado da Indústria, eng.º Rogério Martins, conferiu posse, esta manhã, aos directores-gerais dos Serviços Industriais e dos Combustíveis, eng.º José de Melo Torres Campos e Luís Moura Vicente.**

Assistiram ao acto diversas individualidades, entre as quais os secretários de Estado do Comércio e da Agricultura, subsecretário das Obras Publicas, dirigentes de Corporação da Industria e da Associação Industrial, etc.

O eng.º Rogério Martins, que usou da palavra em primeiro lugar, anunciou que, 10 dias antes do prazo, estavam concluídos os trabalhos da 2.ª fase do estudo do grupo de Produtividade do I. N. I. I. para a reforma os serviços de Secretaria de Estado da Industria. Abordou o tema da «organização» e agradeceu aos empossados o haverem aceitado o convite que lhes fora dirigido para passarem a ser dos seus mais directos colaboradores. E disse:

«*Foi uma experiência, esta a que entre nós se assistiu nestes ultimos tempos, de ver oferecido a gente de gerações como a vossa a possibilidade de, de um modo ou outro, participar no serviço da comunidade — e ver a indecisão, a timidez ou outros pruridos menos óbvios conduzir a evasivas*».

### ● ESPÍRITO ABERTO DE DIÁLOGO E CRÍTICA

Por sua vez, o novo director-geral dos Serviços Industriais, eng.º Torres Campos, depois de agradecer o convite que lhe foi feito e a presença de todos enumerou as «três linhas de força fundamentais» da sua acção: «*uma maior quotaparte no desenvolvimento económico do País*» para a industria, especialmente a transformadora — «*a existência de um aberto espírito de diálogo e mesmo de crítica*» («*para que* — continuou — *aprendamos de facto a ouvir-nos uns aos outros. Sei que é muito mais fácil e cómodo dissertar do que escutar; o que posso e devo prometer é manter viva esta preocupação*»); *eficiência dos Serviços e dos Indivíduos*» *como* «*preocupação dominante*».

A finalizar falou o eng.º Moura Vicente, novo director-geral dos Combustíveis, que após algumas palavras também de agradecimento, anunciou igualmente os dois princípios fundamentais de sua actividade a saber: quanto «*ás relações e ao trabalho com os sectores industriais que estão implicados na sua actividade*», a melhor compreensão e colaboração; quanto ao pessoal dos serviços, dar-lhe «*uma situação mais vantajosa do ponto de vista económico e social*»

# Dizia-se médico ...para ter categoria!

Foi entregue á Polícia Judiciária o jovem Dogoberto da Silva Ferreira Fonseca, de 24 anos, sem profissão, residente na Rua da Cruz de Alcântara, 27, que se fazia passar pelo «dr. Jorge Paulo, médico-cirurgião do Hospital de S. José».

O Fonseca foi denunciado á Polícia por uma sua «cliente», a quem apareceu subitamente de visita, inquirindo-lhe se tinha almoço para lhe dar. A «cliente», D. Maria Odete Mantas Pires, de 32 anos, casada, moradora na Rua da Glória, 56, 1.º, a quem o «doutor», dias antes, recomendara «boa alimentação e repouso», dizendo-lhe que não tinha nada nem precisava de «drogas», estranhou o insólito comportamento do «médico». Este, levado á esquadra da Praça da Alegria, confessou que se fazia passar por isso... para ter categoria.

# Augusto de Castro doutor «honoris causa» da Faculdade de Letras

PORTO, 20

Numa cerimónia que encerrará as homenagens prestadas nesta cidade ao dr. Augusto de Castro e cuja data, ainda por designar, está prevista para o próximo mês, aquele ilustre escritor e diplomata vai ser doutorado «honoris causa» pela Faculdade de Letras do Porto, ficando a ser o primeiro doutor da mesma, após a sua restauração.

Foi convidado para padrinho o dr. Franco Nogueira, antigo ministro dos Negócios Estrangeiros.

# Caiu de um andaime e ficou em estado grave

Deu entrada no Hospital de S. José, em estado grave, António Roberto, de 57 anos, carpinteiro, casado, natural e residente em Areia de Cima, Santarém.

Quando trabalhava numa obra da Escola de Regentes Agricolas, em Évora, caiu de um andaime, ficando bastante maltratado. Foi transportado ao Hospital da Misericórdia daquela cidade, donde veio para Lisboa.

# O PRESIDENTE DO CONSELHO E A POLÍTICA DA HABITAÇÃO

O Presidente do Conselho recebeu esta tarde, na presença do ministro e do subsecretário das Obras Públicas, as comissões relatora e organizadora do Colóquio sobre Política da Habitação, que decorreu de 30 de Junho a 5 de Julho, por iniciativa do Ministério das Obras Públicas

Foi entregue ao Chefe do Governo o exemplar n.º 1 do relato final que em breve será distribuído aos participantes no Colóquio e facultado ao público.

# RECAPTURA DE PERIGOSO CONDENADO

A identificação da companheira com quem fugira, e a investigação de um rasto de crimes que foi deixando pelos caminhos da fuga levaram à recaptura de um perigoso condenado, que há cerca de 4 meses andava por montes e vales, com uma tenda disfarçado de cigano.

Trata-se de Joaquim Tinoco de Oliveira «O Tinoco», que o Tribunal da Comarca de Cascais condenara em 20 de Julho ultimo em nove anos de prisão maior, pela prática de inumeros assaltos a residências e estabelecimentos da Costa do Sol, em companhia de outros indivíduos.

Ao ser conduzido num carro celular da cadeia de Sintra, o Tinoco aproveitou uma avaria para se evadir espectacularmente, como então noticiámos.

A Polícia Judiciária, através da respectiva Secção Central, investigou o caso e veio a saber que o fugitivo andava com a companheira, com quem contactara imediatamente após a fuga. Ao cabo de um persistente trabalho de rotina conseguiram identificar a moça — Maria do Carmo Bernardo Carvalho. Embora soubesse que ambos vendiam calbides por ele fabricados, depressa concluiram que a venda funcionava como disfarce, pois as deslocações do casal deixavam atrás um rasto de roubos.

Conhecedora do regresso da Maria do Carmo a Lisboa, a P. J. veio a prender o Tinoco, com ela, numa pensão da Mouraria.

Ao cabo de uma série de interrogatórios, o Tinoco confessou uma longa série de crimes de roubo, no valor total de cerca de 100 contos. Foi apreendida a maior parte dos artigos furtados. A Maria do Carmo e o Tinoco foram entregues ao Tribunal de Cascais, que julgará o processo contra eles instaurado.

# Corporação da Lavoura

A direcção da Corporação da Lavoura reuniu-se para apreciar a presente conjuntura do mercado dos vinhos correntes, ouvida préviamente a secção respectiva. Ponderado o volume da produção obtida, de nível modesto mas de elevadíssimo custo de produção pela alta de salários conjugada com a adversidade das condições climatéricas dominantes no decurso da vindima, afirmou a sua compreensão pelas cotações hoje correntes, que oscilam á volta de 485 na base de 12 graus, recomendando à viticultura que sem intuitos especulativos, sempre perigosos, defenda a manutenção de justos preços que acautelem devidamente os condicionalismos presentes.

# FUNERAL DE UM REPÓRTER

PORTO, 20

Foi esta manhã a enterrar o antigo repórter-fotográfico do nosso prezado colega «Jornal de Notícias», José Mesquita, de seu nome completo José Marinho da Costa Mesquita, de 79 anos, ontem falecido na sua residência, na Rua de Oliveira Monteiro.

No préstito que saiu da referida residência para o cemitério de Agramonte, incorporaram-se numerosos jornalistas e muitas dezenas de pessoas de todas as categorias sociais, da cidade e da região onde José Mesquita era muito conhecido e estimado, pelo que o seu falecimento causou grande pesar.

# ANTIGOS COMBATENTES

No cemitério do Alto de S. João serão exumados, de hoje a 27 deste mês, do talhão privativo para a cripta da Liga dos Combatentes, os restos mortais dos antigos associados sepultados nos covais n.os 3009 a 3020 (dois por dia).

# Bolsa de Lisboa

| FUNDOS DO ESTADO | Efec | Compro | Vendo |
|---|---|---|---|
| Consolidado 3 3/4% | — | — | 518$ |
| Consolidado 3% | 538$ | 537$ | 540$ |
| Consolidado 3 1/2% | — | — | — |
| Centenário 4% | 1.500$ | 495$ | 1.505$ |
| Obrigs Tesouro 5% | — | — | .000$ |
| Externo Série | — | 710$ | 730$ |
| Externo Série C | 840$ | 830$ | 850$ |
| Externo 3 Série | — | 755$ | — |
| Externo 3 Série C | — | — | 880$ |
| Cautelas 4 Série | — | 150$ | 60$ |
| **OBRIGAÇÕES** | | | |
| Aguas Lisboa 3% | — | 470$ | — |
| A P L 5% 56 | — | 940$ | 950$ |
| A P L 5% 58 | — | 940$ | — |
| C P 4 1/2% 65 | — | 865$ | 875$ |
| C P S 1/2% 67 | — | 985$ | — |
| C U P 6% | — | — | — |
| C U P 6% 68 | 1.010$ | — | .010$ |
| Gás Elect 4% 48 | 765$ | 760$ | 780$ |
| Gás Elect 4 1/2% 51 | — | 750$ | — |
| Gás Elect 5% 52 | — | — | 890$ |
| Gás Elect 5% 58 | 890$ | — | 890$ |
| Gás Elect 5% 59 | — | — | 890$ |
| Gás Elect 5% 62 | — | 940$ | 960$ |
| Gás Elect 5% 63 | — | 940$ | 960$ |
| Gás Elect 5% 65 | — | — | — |
| Gás Elect 6% 67 | — | 1.015$ | .020$ |
| H E A Alentejo 5% | — | 820$ | — |
| H E Cávado 5% | — | 830$ | — |
| H E Cávado 6% | — | 1.015$ | — |
| H E Douro 5% | — | 830$ | — |
| H E Douro 6% | 1.016$ | — | 1.018$ |
| H E Norte Port 5% | — | — | — |
| H E S Estrela 6% | .010$ | 1.008$ | — |
| H E Zêzere 5% 55 | — | — | — |
| H E Zêzere 5% 57 | — | — | — |
| Lisnave 6% | — | — | — |
| Metropolitano 4% | 895$ | 895$ | 900$ |
| Metropolitano 5 3/4% | 1.005$ | 1.003$ | 1.010$ |
| Moçambique 5% | — | — | — |
| Nac Electr 5% | — | — | — |
| Nitratos 5% | — | 800$ | — |
| Nitratos 5% 60 | — | 780$ | — |
| Petroquímico 5% | — | 855$ | 860$ |
| Port Celul 5% | — | 950$ | — |
| Sacor 5% 54 | — | 900$ | 920$ |
| Sacor 5% 60 | 890$ | — | — |
| Siderurgia 5% 2.ª | — | 815$ | 830$ |
| Siderurgia 5% 3.ª | 815$ | — | 820$ |
| Siderurgia 5% 4.ª | — | — | 825$ |
| Sonefe 5% | — | 845$ | 850$ |
| T A P 4% | — | — | — |
| Termoelect Port 5% | — | — | — |
| U E P 3 3/4% | — | 84$ | — |
| U E P 4% | — | 84$ | — |
| U E P 4 1/2% | — | — | — |
| U E P 5% | — | — | 82$ |
| U E P 5% 60 | — | — | 820$ |
| U E P 5% 63 | — | — | — |
| **ACÇÕES** | | | |
| **Bancos** | | | |
| Agricultura | 1.990$ | 1.985$ | 1.995$ |
| Alentejo | 1.000$ | 999$ | — |
| Angola | 3.300$ | 3.250$ | 3.320$ |
| Burnay | — | — | — |
| Créd Predial | 5.000$ | 5.000$ | — |
| E Santo | 19.600$ | 19.600$ | 19.700$ |
| E Santo n | — | — | — |
| Fonsecas S p | — | 20.000$ | — |
| L & Açores p | — | 7.000$ | 7.080$ |
| L & Açores n | — | — | — |
| P Atlântico p | 7.300$ | 7.300$ | 7.350$ |
| Portugal n | — | 3.200$ | 3.300$ |
| Portugal p | 4.450$ | 4.450$ | 4.500$ |
| Totta Aliança | 6.300$ | 6.250$ | 6.350$ |
| Ultramarino n | 3.050$ | 3.000$ | 3.050$ |
| Ultramarino p | 3.460$ | 3.450$ | 3.465$ |
| **Seguros** | | | |
| Alentejo | 83$ | 82$ | 84$ |
| Douro | — | 1.400$ | — |
| Mundial | 880$ | 870$ | 890$ |
| Sagres | — | 2.300$ | — |
| Tranquilidade | — | 50.000$ | 60.000$ |
| Ultramarina | — | 15.000$ | 30.000$ |
| **Ultramarinas** | | | |
| Açúcar de Angola | 910$ | 900$ | 920$ |
| Ag Cassequel | 870$ | 865$ | 875$ |
| Ag Incomati | — | — | — |
| Ag Neves | 400$ | 400$ | 500$ |
| Ag S Tomé e Príncipe | 330$ | — | — |
| Boror | — | — | — |
| Buzi | 88$ | 88$ | 88$5 |
| Cabinda | 247$ | 246$ | 249$ |

| Ultramarinas | Efec | Compro | Vendo |
|---|---|---|---|
| Diamantes Angola | 2.099$ | 2.099$ | 2.100$ |
| H E Revue | 650$ | 630$ | 670$ |
| Ind Açúcar Sul | — | — | .000$ |
| Moçambique | 86$ | 86$ | 87$ |
| Sonefe p | — | — | — |
| Sonefe n | 445$ | 445$ | 448$ |
| Zambézia | 90$5 | 90$ | 91$ |
| Angolana | — | — | — |
| **Diversas** | | | |
| Cidla | — | 7.900$ | 8.000$ |
| Cim Leiria | — | — | 5.200$ |
| Cim Tejo | — | — | — |
| Co Navegação | — | 1.530$ | 550$ |
| C U P | 1.510$ | 1.501$ | 470$ |
| Nu Aliança | — | 650$ | .00$ |
| Nac Navegação | 3.750$ | 3.700$ | 3.850$ |
| Petroquímica | — | 2.270$ | 2.280$ |
| Port e Colónias | — | 1.480$ | 1.540$ |
| Port Celulose | — | — | 1.950$ |
| Port Pesca | 1.240$ | 1.240$ | 1.250$ |
| Port Tabacos | 783$ | 783$ | 784$ |
| Sacor | — | — | 4.350$ |
| Seguros Nac | 1.760$ | 1.750$ | 790$ |
| Socel | 3.450$ | 3.420$ | 3.450$ |
| Tabacos de Portugal | 1.600$ | 1.610$ | 1.650$ |
| Tabaqueira | 8.450$ | 8.450$ | 8.500$ |
| U F Azote | 890$ | 885$ | 894$ |
| **Aguas, Electr e Gás** | | | |
| Aguas Lisboa p | — | 430$ | — |
| Aguas Lisboa 34 | — | 430$ | 440$ |
| Aguas Lisboa 36 | — | 410$ | — |
| Eléct Beiras | — | 1.630$ | 1.650$ |
| Gás Electr | 424$5 | 424$ | 424$5 |
| H E Alto Alentejo | 154$ | 154$ | 154$5 |
| H E Cávado | 1.240$ | 1.235$ | — |
| H E Douro | 1.240$ | 1.240$ | 242$ |
| H E Norte Portuga | — | 315$ | 320$ |
| H E S Estrela | — | 1.650$ | — |
| H E Zêzere | — | 1.250$ | 270$ |
| Nac Electricidade | 1.250$ | 1.240$ | 260$ |
| Termoeléctr Port | — | 1.240$ | 1.250$ |
| U E P | 190$ | 190$ | 90$5 |
| **FUNDOS DE INVESTIMENTO** | | | |
| F I Atlântico | — | 205$5 | 211$7 |
| F I D E S | — | 126$9 | 130$7 |

## ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65-100)

| | 13/11/69 | 19/11/69 | 20/11/69 |
|---|---|---|---|
| GERAL | 148,7 | 148,5 | 148,2 |
| METRÓPOL. | 144,0 | 143,0 | 142,7 |
| ULTRAM. | 183,4 | 189,2 | 188,9 |

| PAÍSES | Compras | Vendas |
|---|---|---|
| Africa do Sul — Rands | 37$00 | 39$00 |
| América: | | |
| — Dollars de 1 a 2 | 28$35 | 28$75 |
| — Dollars de 5 a 1000 | 28$55 | 28$95 |
| Canadá — Dollar | 26$40 | 26$90 |
| Alemanha — Marco | 7$65 | 7$95 |
| Austria — Schilling | 1$08 | $15 |
| Argentina — Peso | $06 | $09 |
| Brasil — Cruzeiro Novo | 5$20 | 7$20 |
| Espanha — Peseta | $40 | $41,5 |
| Holanda — Florim | 7$90 | 8$20 |
| Inglaterra — Libra | 68$50 | 70$50 |
| Itália — Lira | $04,45 | $04,07 |
| Bélgica — Franco | $55 | $58 |
| França — Franco | 4$80 | 5$20 |
| Suíça — Franco | 6$58 | 6$78 |
| Marrocos — Dirham | 4$70 | 5$30 |
| Dinamarca — Coroa | 3$70 | 4$00 |
| Noruega — Coroa | 3$90 | 4$20 |
| Suécia — Coroa | 5$40 | 5$70 |
| **Ouro:** | | |
| Inglaterra — Libra Isabel | 293$00 | 308$00 |
| Inglaterra — 1/2 Libra | 280$00 | 300$00 |
| Ouro fino — Barra | 34$50 | 36$50 |

J. BURNAY, L.DA
RUA DO OURO, 72
Notas estrangeiras
Papéis de crédito
Tel. 321273

# Dois livros sobre o altar nas missas dominicais a partir de 30 de Novembro

Entramos na fase decisiva da estabilização liturgica» — escreve-se numa nota da Comissão Episcopal de Liturgia sobre o novo Ordinário da missa, que entrará parcialmente em vigor no próximo dia 30, e definitivamente adoptado a partir do próximo domingo da Quaresma de 1970 (15 de Fevereiro).

A nota atribui o adiamento da aplicação imediata do novo texto a «dificuldades imprevistas de tipografia». Encontra-se já em distribuição o folheto sobre a parte dialogal do «Novo Ordinário da Missa», mas o mesmo não acontece com o equivalente livro de altar.

O livro de altar a aparecer não conterá, porém, o lecionário, com os canticos nem as orações-colecta, sobre as oferendas e pós-comunhão, nem os canticos de entrada, do ofertório da comunhão.

Segundo informa a nota em referência, «nos domingos e solenidades continuará a usar-se o actual missal bilingene, para as orações e canticos, e ainda para as lições», enquanto não se adquira o novo leccionário, que se encontra em preparação, devendo ser editado em fascículos.

«Nos dias de semana, terão de continuar a usar-se os pequenos missais aprovados» — afirma-se ainda na nota, em que a Comissão Episcopal de Liturgia exprime, a fechar, a sua «esperança de maiores bens espirituais».

# CARTAZ DOS CINEMAS

## Estreia de hoje — DIVÓRCIO À ITALIANA — R O M A

### ROMA
(Adultos) Tel. 727778
Às 21.45
ESTREIA
A obra-prima de Pietro Germi
**DIVÓRCIO À ITALIANA**
com Marcello Mastroiani
Às 15.30 — NOITES DE OUTROS TEMPOS — Adultos

### ESTÚDIO 444
(Adultos) Tel. 779095
As 18.30 e 21.45
4.ª SEMANA
Um tema altamente ousado!
**DESEJO PERVERSO**
com Lisa Gastoni
- Lou Castel

### ODEON
(M. 12 anos) Tel. 326283
Às 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
3.ª SEMANA
LOTAÇÕES ESGOTADAS
com MILÚ e CALVÁRIO
**O DIABO ERA OUTRO**
com Nicolau Breyner, Julieta Castelo, Fernanda Borsatti e Armando Cortês
Fados por HERMINIA
Canções de JOÃO NOBRE
Eastmancolor

### MONUMENTAL
(M. 17 anos) Tel 555131
As 21.30
Jovem, bela e cruel, caprichosa e violenta, dominada pela ambição
**A PERVERSA**
com Ryan O'Neal e Leigh Taylor-Young

QUINZENA DE TERROR
Amanhã — Adultos — 18.30 h.
A MALDITA, O GATO E A MORTE
de Roger Corman; com Vincent Price, Peter Lorre e Basil Rathbone.
Quinzena: Moderno Cinema Americano

### VOX
(M 12 anos) Tel. 720808
As 18.30 e 21.45
George Peppard e Mary Tyler Moore
Na mais louca e imprevista comédia do ano!...
**O MAGNÍFICO INTRUSO**
Um filme de George Seaton em techniscope e technicolor

R. Bulhão Pato (à Av. Roma)

### LIZ
(Adultos) Tel. 48560
As 21 horas
DAVEY, O FOLGAZÃO
O REGRESSO
DOS 7 MAGNÍFICOS

### CASINO ESTORIL
(M. 17 anos) Tel. 260729
Às 17 e 21 e 30 h.
**UM DÓLAR FURADO**
com Montgomery Wood
e Evelye Stewart

### TIVOLI
(M. 17 anos) Tel. 50595
Às 3 e ás 6.15 da tarde (p. red.)
e ás 9.30 da noite
FRANK SINATRA
num filme policial de grande categoria
**O DETECTIVE**
com Lee Remick

### POLITEAMA
(Adultos) Tel. 326305
Hoje, ás 15.15 (p.r.) e ás 21.30
UM FILME SENSACIONAL ARROJADO E PROVOCANTE
**A PRIMAVERA EM ROMA DE MRS. STONE**
com Vivien Leigh e Warren Beatty.
TECNICOLOR
HOJE, ás 18.30 — (Adultos)
SESSÃO CLÁSSICA

### IMPÉRIO
(Adultos) Tel. 555134
Às 15.15 e 21.30
4.ª SEMANA
Um filme de
John Frankenheimer
Alan Bates, Dirk Bogarde e Elizabeth Hartman em
**O HOMEM DE KIEV**
(METROCOLOR)

### ESTÚDIO
(Adultos) Tel. 555134
As 15.30, 18.30 e 21.45
3.ª SEMANA
A obra-prima várias vezes premiada de André Delvaux
**O HOMEM DA CABEÇA RAPADA**

### AVIS
(M. 12 anos) Tel. 47163
Às 21.45
4.ª SEMANA
Um festival de belas canções no cenário maravilhoso do Brasil
**QUIMERA**
com Gianni Morandi
e Laura Efrikian

### LIDO
Praça D. João I — AMADORA
As 21.30
Emoção e violência num filme policial espectacular!
**A ROLETA DA MORTE**
com Robert Wagner e Peter Lawford

### RESTELO
(M. 17 anos) Tel. 610375
Às 21.30
**CASEI CONTIGO POR ALEGRIA**
com Monica Vitti
e Giorgio Gubertazzi

### SÃO LUIZ
(Adultos) Tel. 327172
As 15.15, 18.15 e 21.30
EM 2.ª SEMANA
Uma actriz quase desconhecida Um título quase vulgar... Um filme excepcional... Um espectáculo de rara qualidade...
**SOU EU A NATÁLIA**
com Patty Duke, James Farentino e Elsa Lanchester
Cor De Luxe

### ALVALADE
(Adultos) Tel. 763080
Às 15.45 e 21.45
EM 2.ª SEMANA
Uma actriz quase desconhecida... Um título quase vulgar... Um filme excepcional... Um espectáculo de rara qualidade...
**SOU EU A NATÁLIA**
com Patty Duke, James Farentino e Elsa Lanchester
Cor De Luxe

### MUNDIAL
(Adultos) Tel. 538743
As 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA DE ÊXITO
Amor, desejo, loucura e crime no vibrante filme de Michel Boisrond
**UMA NOITE NA PRAIA**
com Genevieve Grad, Dahlia Lavi e Jean Desailly

Metro: Estação Picoas

### CONDES
(Adultos) Tel. 522523 - 326710
As 15.15, 18.15 e 21.30 h.
Nathalie Delon e Renaud Verley
4.ª SEMANA
O amor e o sexo Uma mulher e um jovem!
**A LIÇÃO PARTICULAR**
com Robert Hossein
VERSÃO INTEGRAL

### EDEN
(Adultos) Tel. 320768
As 15.15, 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA
O filme de Pietro Germi que obteve o GRANDE PRÊMIO NO FESTIVAL INTERNACIONAL DE MOSCOVO!
**SERAFINO... É SEXACIONAL!**
com Adriano Celentano
e Ottavia Piccolo
TECHNICOLOR

### CHIADO TERRASSE
(M. 17 anos) Às 15 e ás 21 h.
A PARTILHA
NÃO FAÇAS ONDAS

### IMPERIAL
(M. 12 anos) Tel. 45933
As 21 horas
NASCI PARA AMAR
MISSÃO TEMPESTADE

### SÃO JORGE
(M/ 12 anos) Tel. 54153/4
As 15.00, 18.15 e 21.30
Em 3.ª SEMANA de classe invulgar
**A BATALHA DE INGLATERRA**
com Laurence Olivier, Michael Redgrave, Trevor Howard, Curt Jurgens, Christopher Plummer e Susannah York

### EUROPA
(M. 12 anos) Tel. 661016
Às 21.30
Jack Lord e Melodie Johnson em
**O BANDOLEIRO NEGRO**
Technicolor

# CAÇADA ÀS RAPOSAS

MONTARGIL, 20 — Na herdade do Paul, houve uma caçada ás raposas. Foram abatidos oito belos exemplares — que mais não apareceram. Os habitantes da região ficaram contentíssimos, pois viram-se libertos de oito indesejáveis «clientes» das suas capoeiras.

# Arrabal no Experimental de Cascais

Apesar de todas as dificuldades com que se debate, o teatro português pode manter uma certeza: a de que os bons espectáculos agradam aos sectores mais diversos do público que anima as salas onde eles decorrem. A comprová-lo, o êxito de Arrabal.

Num teatrinho (o «Gil Vicente», de Cascais), um grupo sem grandes possibilidades financeiras, mas ambicioso no que respeita a uma boa programação (o Teatro Experimental de Carlos Avilez), vem a prová-lo, todas as noites, através da representação das peças «Oração» e «Os dois Verdugos», de um dos maiores autores da actualidade: Fernando Arrabal. Quantos ali têm ido (e são muitos) manifestam unanimidade de opiniões: a representação de Eunice Munoz e Santos Manuel é inexcedível na primeira daquelas peças, mantendo a consagrada actriz, na segunda, o nível de interpretação que a guindou alto entre nós. E unanimes continuam a ser as opiniões no que respeita á qualidade da obra em que está patente toda a infantilidade cruel de uma linguagem sem segundas intenções nem equívocos.

# OUTROS ESPECTÁCULOS

## TEATROS

CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «O pecado de João Agonia» (17 anos).
GIL VICENTE — Às 22: «Oração» e «Dois verdugos».
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e ás 23: «Esperteza saloia» (17 anos).
MARIA MATOS — Às 21 e 45: «Tombo no Inferno» (17 anos)
CASA DA COMÉDIA — Às 22: A dança da morte» (17 anos).
A B C — Às 20 e 45 e ás 23: «Ena já fala» (17 anos).
VILLARET — Às 21 e 45: «Amor ós riscos» (17 anos).

## CINEMAS

MOSCAVIDE — Às 21: «Quando beijas um desconhecido (17 anos)
ARCO ÍRIS — Às 21: «O charlatão» (12 anos)
IDEAL — Às 21: «A beira do abismo» (17 anos).
OLIMPIA — Às 19: «A invasão da Terra» (12 anos).
CINEARTE — Às 21: «Emboscada na sombra» (12 anos).
JARDIM — Às 21: «Mal por mal, antes com elas» (17 anos).
SALÃO LISBOA — Às 19: «Roberto Carlos em ritmo de aventuras» (17 anos)
CINE-ORIENTE — Às 21 h.: «A Batalha das Ardenas» (12 anos).
PROMOTORA — Às 21 h.: «Blue» (17 anos).
ENCARNAÇÃO — Às 21 h.: «Carnaval de assassinos» (17 anos).
CAMPOLIDE — Às 21 h.: O último degrau» (17 anos).
UNIVERSAL — Às 21 h.: «Com a pedra no sapato» (17 anos).
SPORT L. BENFICA — Às 21 e 30: «Pêndulo» (17 anos).

### ● Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «Funny Girl» (17 anos).
OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «Norman Garnacista» e «Brincadeiras proibidas» (12 anos).
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «Um certo sorriso» e «Munieta» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30: «Um dólar furado» (17 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «O jogo é matar» (17 anos)

### ● Outra banda

ALMADA — INCRÍVEL — Às 21 e 15: «Assalto ao forte» (12 anos)
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTÍSTICA — Às 21 e 15: «Descalços no Parque» (17 anos).

### ● Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «Tempo de Massacre» (17 anos).
VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 21: «Carabinas inimigas» e «Jerry 8 3/4» (12 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21: «Grande golpe dos dois homens de ouro» e Nova York chama o super dragão» (12 anos.

# FARMÁCIAS DE SERVIÇO

### ● Em Lisboa — Turno D

AJUDA — **Mendes Gomes**, Calç da Ajuda, 222 (638256) ✲ **Tapada, Lda.**, Calç da Tapada. 83-A (634721).
ALCANTARA — **Ester Nogueira**, R de Alcântara, 5-A (637563)
ALMIRANTE REIS — **Lusa**, Av Almirante Reis, 99-A (41269) ✲ **Romano Baptista**, R Passos Manuel, 61-C (50593) ✲ **Magalhães**, Av Almirante Reis 4-D e 4-F (49479)
ALTO DO PINA — **Dalton**, Av Mouzinho de Albuquerque, 7-A (à Pr Paiva Couceiro) (843571)
ALVALADE — Líbia, Av da Igreja, 4-8-C (711681) ✲ **Nova Iorque**, Av Estados Unidos da América, 140-13 (junto a Entrecampos, (769658).
AMOREIRAS — **Amoreiras**, Praça das Águas livres, 8-D (681515)
AREEIRO — **Marbel**, Av de Roma, 131-A (776235) ✲ **Lusitana**, Avenida de Roma, 18-A (735443) ✲ **Chinde**, R. Agostinho Lourenço, 6-B (710331)
AVENIDAS NOVAS — **Lungenit**, Avenida da República, 55-A, (772182) ✲ Providência, R D. Filipa de Vilhena, 9-C (frente ao Bairro Social do Arco do Cego (770324) ✲ **Sá da Bandeira**, R. Marquês Sá da Bandeira, 36-42 (41961-54672) ✲ **Oliveira Viegas**, Rua Viriato, 29-A (48966-55360).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — **Zira**, Casas Novas, lote 66 (310172).
BAIXA — **Simões Pires**, Rua do Prata, 115 (362350).
BENFICA — **Benfiluz**, E. de Benfica, 444-A (782606) ✲ **Alegria**, Estrada de Benfica, 180-A-B, (780511) ✲ **Progresso**, Estrada A-da-Mala, 64-C (702226) ✲ **Macedo**, Est do Poço do Chão, 69-G (703697)
CAMINHOS-DE-FERRO — **Cruz de Malta**, L Chafariz de Dentro, 36 (866126).
CAMÕES — **Andrade**, R do Alecrim, 125 (323446-370685).
CAMPO DE OURIQUE — **Linaldo**, R. Ferreira Borges, 30 (660955) ✲ **Findar**, R. D Maria Pia, 514 (687949).
CAMPO DE SANTANA — **Peninsular**, Campo dos Mártires da Pátria, 117-118 (533308)
CAMPOLIDE — **Ronil**, R Rodrigo da Fonseca 153 (683438) ✲ **Zénel**, Rua A, 182 (Bairro da Liberdade) (651840) ✲ **Nova**, R. de Campolide, 297 (687475).
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — **Madre de Deus**, R da Margem, 15-B (ao Bairro do Grilo), Justiniano Padrel, 21 (832580).
ESTEFÂNIA — **Fonseca**, Largo de D Estefânia, 4-5 (54808).
GRAÇA — **Almeida Dias**, Largo da Graça, 38-A-39 (862909) ✲ **Higiénica**, R Heliodoro Salgado, 20-A (844361).
LUMIAR — **Patuleia**, R do Lumiar 22 a 24 (790382) ✲ **Douro**, Alam Linhas de Torres, 93-A-B (791 31)
MADRAGOA — **Moderna**, R Garcia de Orta, 24 (663117)
MOURARIA — **Ferrão**, R da Mouraria, 2 (860464)
ESTRELA E LAPA — **Alb**, R de Santana á Lapa 56 (663562)
OLIVAIS — **Simão**, Av de Berlim, Rua D, , 6-A (310581)
PALHAVÃ — **Canto**, Est das Laranjeiras, 202-B (780841)
PEDROUÇOS — **Higilux**, R de Pedrouços, 50-52 (610280)
PICHELEIRA — **Marluz**, Calç da Picheleira 40 - B - C (720703 e 728395)
S. PAULO — **Marcos do Nascimento**, Calç Marquês de Abrantes, 36-A (664238)
SANTO AMARO — **Botânica**, Rua da Junqueira 38-40 (638132)
SANTA MARTA — **Morais Sarmento**, R de Santa Marta, 15-A, 15-B (46490)
Sé — **Santa Luzia**, Rua da Saudade, 2-B (869831)
MOSCAVIDE — **Varela**, Av Moscavide, 44 (Tel 2518520)

### ● Linha de Cascais

ALGÉS — **Nito** — Av. Comb G Guerra 64 (Tel 212070).
CAXIAS — **Nova** — Rua Bernardim Ribeiro, -A (Tel. 242839)
PAÇO DE ARCOS — **Trindade Brás** — R Costa Pinto, 86 (Telefone 2432034)
OEIRAS — **Godinho** — R Cândido dos Reis, 98 (Tel 2430090).
PAREDE — **Brandão** — Av. da Republica, 77-C (Tel 2471054).
ESTORIL — **Marques dos Santos**, R. Ferreira, J A., 15 (260116).
CASCAIS — **Marginal** — Av. Marginal (Tel 280078) **A. Costa** — Rua Freitas Reis, 24-A (Telef 280214)

### ● Linha de Sintra

AMADORA — **Dias** — Av. Marquês de Pombal, lote 9 (Tel. 934589); **Campos**; — Rua Elias Garcia, 85 (Tel. 930072); **Clabel** — R António Sardinha, 23-D (Tel 938551). **S. Jorge** — R. Pedro del Negro, 5 — Reboleira (Tel 938703)
DAMAIA — **Confiança**, Est. Militar, lote D (971023).
QUELUZ — **André**, Av. Elias Garcia, 51 (950043) ✲ **Queluz**, Av Miguel Bombarda, 123-A (951841)
CACÉM — **Central** — R. Elias Garcia 55 (Tel 2940034)
MEM MARTINS — **Química** — Est Mem Martins, 285 (T 2910012).
S. PEDRO DE SINTRA — **Valentim** (Tel. 980456).
SINTRA — **Marrazes** — Largo Rainha D Amélia, 20 (Tel 980155).
COLARES — **Colarense** — Abreia (Tel 299088

### ● Outra banda

ALCOCHETE — **Gameiro**, L. António dos Santos Jorge, 5 (Tel 1234 00
ALHOS VEDROS — **Gusmão** — R. Cândido dos Reis, 30 (T 224020)
ALMADA — **Nuno Álvares** — Av D Nuno Alvares Pereira 39 (Te 270504
BAIXA DA BANHEIRA — **Aliança** — Est Nacional 74 (Telefone 224302)
BARREIRO — **Pimenta** — R Cons. Joaquim António Aguiar 259 (Te. 2273012
COVA DA PIEDADE — **Cerqueira** Afonso, P 5 de Outubro 18 (270254)
MOITA — **Silva Rocha** — P da Republica, 6 (Tel 239029)
MONTIJO — **Diogo**, R Almirante Candido dos Reis 42 (230032).
SESIMBRA — **Lopes** — R. Cândido dos Reis, 67 (T 229028).
SETUBAL — **Bocageana** — R do Romeu (Tel 23425), **Bairros** — B.º Santos Nicolau (Tel 23330).
SEIXAL — **Godinho** — R da Igreja, 51 (Tel 22858

# SERVIÇOS URGENTES

## Telefones

ÁGUA, GÁS e ELECTRICIDADE — **Companhia das Águas, 861353 ✲ Companhias Reunidas, 537011 ✲ Gazcidla, 538821 ✲ Gazcidla, idem e feriados, 382069.**
BOMBEIROS — **Sapadores, 322222 Voluntários, 538524.**
POLÍCIA e G. N. R — **Serviço de emergência, 115 ✲ Segurança Publica, 866141 ✲ Judiciária, 535380 ✲ Marítima, 326456 ✲ Internacional, 362721 ✲ Viação e Trânsito, 42205 ✲ G. N. R. (área rural), 36865**
SAÚDE — **Cruz Vermelha, 865342 ✲ Enfermagem permanente, 766161 ✲ Enfermagem de urgência, 43738 ✲ Hospital de Santa Maria, 775171 ✲ Hospital de S. José, 860131 ✲ Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 ✲ Transfusões, soros e oxigénio, 538524 ✲ Centro de Intoxicações (Informativo), 767777, 761176 e 763456.**
TRANSPORTES — **Aeroporto, 720111 ✲ Caminhos-de-ferro, (C. P.), 869029 ✲ Caminhos-de-ferro (Estoril), 861121 ✲ Estação fluvial (T. Paço), 325345 ✲ Estação marítima de Alcântara, 663195 ✲ Estação Marítima da Rocha, 672445 ✲ Estação fluvial (Belém), 638511.**


BOM APETITE

Restaurante CASTANHEIRA
E. da Tore - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE
(M 15 anos)

NOVO RESTAURANTE
SALÃO DE CHÁ
NO POSTO SHELL EM
AZEITÃO
ESTRADA LISBOA - SETÚBAL
Telef. 22 82 44
LOCAL APRAZIVEL PARA ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

POPFADO
Encerrado aos domingos
UM RESTAURANTE EM QUE SE OFERECE QUALIDADE
BAR-BOITE
M 17 anos)
A PARTIR DAS 23 HORAS
COM O CONJUNTO DE
HELDER REIS
Rua Ferreira Lapa, 38-D
(à Av. Duque de Loulé)

CHOUPAL
CERVEJARIA E RESTAURANTE
SERVIÇO REQUINTADO
AMBIENTE SOSSEGADO
AR CONDICIONADO, MÚSICA GRAVADA
ABERTO ATÉ ÀS 3.30 DA MADRUGADA
RUA DO SALITRE, 9 (junto ao Parque Mayer)
Telef. 42963

Diário de Lisboa
Propriedade da Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-3-4 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

# Os astronautas regressam à Apollo às 19 e 30

HOUSTON, 20 — (F. P.) — E' o seguinte o programa da missão Apolo, uma vez cumprida a segunda saída dos cosmonautas.

(Horas em Portugal).

15 e 26 — Acendimento do propulsor do módulo. Dura sete minutos e dez segundos. Faz-se a descolagem.

15 e 30 — Inserção numa primeira órbita lunar elíptica tendo entre 81 e 16 km.

16 e 20 — Acendimento dos foguetões direccionais do módulo passando a uma órbita quase circular de 81 por 87 km. Esta órbita é necessária para o módulo ser atracado pelo «Yankee Clipper» (cabina principal) dirigido por Gordon.

17 e 58 — Acendimento dos foguetões direccionais do módulo, agora para orientar o encontro com o «Yankee Clipper».

18 e 43 — Encontro do módulo com a cabina principal.

19 e 02 — Atracação.

19 e 30: Conrad e Bean voltam á cabina principal para a qual foram transportadas as amostras selenológicas e as peças da «Surveyor».

20 e 43: separação. O módulo lunar é abandonado. O «Yankee Clipper» afasta-se e, sete minutos depois, por telecomando, o motor do Lem é posto a trabalhar na Lua.

23 e 22: Os três astronautas descansam (sete horas).

## «JÁ BRINCÁMOS BASTANTE»

HOUSTON, 20 — (F. P.) — Andando na apanha das amostras tanto Bean como Conrad iam conversando, sobretudo trocando impressões acerca das pedras que apanhavam.

«Esta é bem bonita», dizia Conrad. «Tenho de a levar. Não me queria bem se a deixasse aqui».

«Ora vê esta. É magnífica», respondia por seu turno Bean.

«E aquela. Hem!»

Os dois homens pareciam entusiasmados, mas evidentemente não podiam trazer tudo. Máximo: cinquenta quilos.

Certamente tendo consciência de que todo o Mundo os escutava, os dois homens não cessavam de falar. Assim descreviam as pedras á medida que as apanhavam, antes de as meterem no seu saco. Isto levou-os a dar algumas opiniões quanto ao material de que estão munidos. Conrad disse ainda: «Há duas coisas que aprendi a detestar, uma é o cabo da televisão. A outra o cabo da antena-rádio. Estão constantemente entre as nossas pernas e o módulo. Há-de ser preciso dar solução a isto... as viseiras por cima dos nossos capacetes, ao contrário, são muito uteis...»

Conrad, mais adiante, quis fazer uma habilidade, fazendo rolar um calhau, do feitio de uma romã, como elle disse, por uma cratera. Era para medir as vibrações criadas pelo rodar da pedra no sismógrafo.

## De vez em quando

**Já por mais de uma vez vos falei da minha rua. Volto hoje a fazê-lo, pois se trata de uma rua como as outras, igual às ruas de cada um de nós. Pois aconteceu na minha rua. Prezo-me de ver com bons olhos quanto dê sinal de progresso. Mas fico sempre de sobreaviso, não vão esses sinais ser apenas fogo-de-artifício, tal como aconteceu com a mercearia — lá da minha rua, está claro. O proprietário resolveu pintar a fachada, dar novo arrumo aos expositores e pouco mais, mas considerou a modificação suficiente para que a loja deixasse de ser mercearia para ser supermercado. Claro que o progresso, assim, em boa verdade, fica iludido. É quase como que matar o bicho e deixar ficar a peçonha.**

**V. D.**

## O tempo

**INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL**

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal Continental o céu estava pouco nublado nas regiões a norte do rio Tejo e muito nublado a sul do referido rio; o vento era fraco e chovia no Algarve.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Tavira, 19°,2; mínima: Penhas da Saúde — 1°,5.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS — Coimbra, 9°; Faro, 13°; Funchal, 15°; Lisboa, 11°; Penhas Douradas, 5°; Portalegre, 9°; Porto, 8°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 13°, na água do mar: 15°,2

**PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ**

**Nas regiões do Norte, céu geralmente pouco nublado; nas do Centro e Sul, céu com períodos de muito nublado, períodos de chuva ou aguaceiros e possibilidade de trovoadas no Algarve; vento fraco a moderado de Leste; em todo o território.**

Amanhã
Nascer ás 8 e 26
Ocaso ás 18 e 20

Dia 24 Dia 2 Dia 9 Dia 16

**MARES:**
PREIA-MAR: **Dia 20** — 6 e 18 (3,6 m); 13 e 37 (3,8 m) **Dia 21** — 2 e 07 (3,9 m); 4 e 27 (3,9 m). **Dia 22** — 4 e 50 ((3,9 m); 15 e 17: (4 m.)
BAIXA-MAR: **Dia 20** — 7 e 10 (1,4 m); 19 e 38 (1,2 m) **Dia 21** — 7 e 58 (1,2 m); 20 e 22 (1,1 m) **Dia 22** — 8 e 41 (1,1 m); 21 e 02 (1,1 m).

## DESPENHOU-SE UM AVIÃO COM 85 PESSOAS

LAGOS, 20. — (R) — Um avião a jacto nigeriano, com 87 pessoas a bordo, despenhou-se hoje perto de Lagos quando se preparava para aterrar vindo de Londres. Morreram todos os passageiros.

O avião tinha saido de Londres, ontem, á noite, com poucos passageiros mas, segundo se julga, meteu mais durante as escalas que fez em Roma e no aeroporto nigeriano de Kano.

## AUTOMOBILISMO

# O SUECO KALSTROM (LANCIA FULVIA 1600) GANHOU O «RALLYE» DO R. A. C.

LONDRES, 20 — (A. N. I.) — Chegaram ao fim do «rallye» do Real Automóvel Clube de Inglaterra 69 carros, o que significa que, aproximadamente, metade dos concorrentes não completou a prova. No ano passado, de uma lista inicial de 112 carros, apenas 32 atingiram o «contrôle» final.

Os organizadores confirmaram já que o sueco Harry Kallstrom, num «Lancia Fulvia», foi o vencedor, tendo-se classificado Carl Orrenius no segundo lugar, a 4 minutos.

O «rallye» marcou, também, um triunfo para a «Datsun», do Japão, que ganhou o prémio por equipas, ao entrar, pela primeira vez, numa competição britânica.

A «Saab» e a «Lancia» não conseguiram concluir o «rallye» com equipas completas. A equipa britânica de «B. L. M. C.» ficou no 2.° lugar e a da «Ford» inglesa no 3.°

*Classificação oficial* — 1.° Harry Kallstrom (Suécia), «Lancia»; 2.°, Carl Orrenius (Suécia), «Saab»; 3.°, Tony Fall (Inglaterra), «Lancia»; 4.°, Ove Anderson (Suécia), «Ford Escort»; 5.°, Haken Lindberg (Suécia); 6.° Roger Clark (Inglaterra), «Ford Escort»; 7.°, Tom Trana (Suécia), «Saab»; 8.°, Rauno Aaltonen (Finlândia), «Datsun»; 9.°, Jerry Larsson (Suécia), «Porsche»; 10.°, Lars Nystrom (Suécia); etc.

## GANADARIA ESPANHOLA EM PORTUGAL

MADRID — Por contrato assinado nesta capital, D. Manuel Prieto, proprietário da ganadaria Priegola, nomeou o comendador Francisco José Simões, proprietário da exploração agro-pecuária Quinta das Terras, seu agente exclusivo em Portugal metropolitano e ultramarino. — (E).

CRUZEIRO STAR DO FIM DO ANO
no paquete
«SANTA MARIA»
especialmente fretado pela STAR
27 de Dezembro a 2 de Janeiro
LAS PALMAS - TENERIFE - FUNCHAL
UMA SEMANA DE SOL, REPOUSO, ENCANTO E DIVERTIMENTO
ALGUMAS CATEGORIAS ESGOTADAS
Preços desde Esc. 2.190$00
UTILIZE O CREDI-STAR
CONSULTE A STAR
Telfs. 539871 - 362501
OU O SEU AGENTE DE VIAGENS
STAR TURISMO VIAGENS
Lisboa Estoril Porto Faro Funchal Luanda
A MAIOR AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA

Uma grande máquina fotográfica que cabe na palma da mão!...
Minolta 16 mm.

3 MODELOS:
16 PS
16 II
16 MC
CÂMARAS FOTOGRÁFICAS
Minolta 16 mm.
O PEQUENO GIGANTE DA FOTOGRAFIA
HILDEBRAND & CA. LDA
PORTO Rua Sá da Bandeira 520/6
COIMBRA R. Martim de Freitas, 20 1.
LISBOA Rua Filipe Folque, 2C r/c
À VENDA NAS BOAS CASAS DA ESPECIALIDADE

# Jovens dirigentes reunidos em Cascais por iniciativa do «Atlantic Institute»

«The Atlantic Institute» é uma organização privada, a nível internacional, fundada em 1961, cujo objectivo consiste em promover a cooperação entre os países atlanticos nos sectores da economia, da política, da sociologia e da cultura.

Trata-se do primeiro centro não governamental, e de carácter multinacional, para o estudo de problemas atlânticos comuns. Sob a actual presidência de John Loudon, cinquenta personalidades de dezoito nações dedicam-se a aturados estudos para uma aproximação efectiva entre os homens.

Hoje, em Cascais, (The Atlantic Institute» deu começo a uma reunião de dirigentes jovens, reunião que terminará no próximo sábado.

Os participantes, ao princípio da tarde, foram obsequiados com um almoço oferecido pelos srs. drs. Manuel Espírito Santo Silva e André Gonçalves Pereira, elementos portugueses do «Atlantic Institute».

Depois do almoço, efectuou-se a primeira sessão, tendo sido discutida a evolução interna e a projecção externa da Península Ibérica.

Amanhã, de manhã, serão discutidos os principais acontecimentos do mundo atlantico: política externa assumida pelos E. U. A.; problemas do Mercado Comum; relações entre o Ocidente e o Oriente; e, finalmente, a situação da Alemanha Ocidental depois das últimas eleições. A' tarde, será discutido o futuro da Europa: integração económica mais ampla, novas instituições políticas, e sistema de segurança europeia a partir das alianças já firmadas.

A reunião termina sábado (como acima se disse) com uma discussão sobre desenvolvimento. Preside á sessão final o professor André Philip, presidente do Centro de Desenvolvimento (OECD).

# O Presidente da República assistiu a uma sessão privada no Cinema S. Jorge

Realizou-se esta manhã, no cinema S. Jorge, uma sessão privada promovida pela F. N. A. T., para apresentação de alguns documentários que reflectem as actividades daquela organização.

Entre os filmes projectados, todos eles produzidos por Francisco de Castro, constavam «*Crónica do esforço perdido*», realização de António Macedo, cinco vezes premiado; «*Saude e desporto para trabalhadores*», «*Inauguração do Parque Desportivo Salazar*», em Ramalde, no Porto, e «*Actualidades portuguesas*».

A esta sessão assistiu o sr. Presidente da Republica. Estiveram também presentes o ministro das Corporações, os subsecretários da Juventude e Desportos e do Trabalho e Previdência, almirante Henrique Tenreiro, dr. Manuel Teles, presidente da Corporação dos Espectáculos, drs. Bento Parreira do Amaral e Frutuoso de Melo, respectivamente presidente e vice-presidente da F. N. A. T., bem como muitas outras entidades oficiais e personalidades relacionadas com as actividades corporativas.

# SUPLEMENTO
## Diário de Lisboa
# LITERÁRIO

N.º 589/20 DE NOVEMBRO DE 1969


**Um inédito de**
**MANUEL DE LIMA**

Apresentado por
LUIZ PACHECO

(página 8)

*Desenho de Topor*

# abominável novo mundo

**OMINAVEL é um ctivo difícil. Um ho- sem cabeça (no Grande) após um o de futebol (caiu eléctrico, veio o atrela- e — zás...) é horripi- te. Uma velha sem den- numa cervejaria (no mpo Pequeno) masti- ndo marisco com as ngivas é repugnante. as que degradações será eciso ultrapassar para atingir o abominável? Abominável é uma palavra fícil, até custa a dizer...**

## por José Vaz Pereira

Uma literatura do abominável? Isso mesmo, sem tirar nem pôr. Contos abomináveis? Tal e qual. A medida de um mundo abominável, á medida da cumplicidade de muitos na abominação de todos.

Note-se por exemplo, a elegancia técnica (a boa *short-story* á maneira americana) de Richard Connel em *A Caça do General Zaroff*. Aliás, aí, abominável não se inscreve na descrição, no desenho mais ou menos carregado de um pormenor odioso. A narrativa é elíptica, o diálogo semivelado. O abominável encontra-se na aberração de um aristocrata que, esgotados todos os prazeres da caça corriqueira desde os abutres ás feras, se decidiu pelo requinte de cacar o único animal com função cerebral superior. Crime? Desporto de senhores enfastiados. Mas a caça ao homem — feita em silêncio, espectaculosa ou ritualista — será algo que nos choque? Claro que a *A Caça do General Zaroff* relaciona-se com uma série de coisas abominàvelmente contemporâneas, com o triunfo dos fortes sobre os fracos e inclusive com a agressividade arrogante do fascismo. Mas o abominável não se detecta imediatamente.

Não se pode afirmar o mesmo dos outros contos que formam a antologia. O abominável surge com a insuportabilidade de um primeiro plano de uma lâmina a cortar um globo ocular, como no *Chien Andalou*, de Bufiuel.

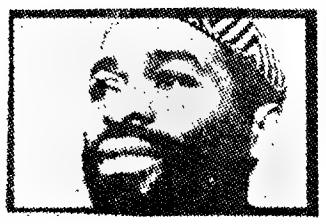
Mas a conclusão que se atinge, desde esse admirável *Hop-Frog*, de Edgar Allan Poe, até autores mais recentes, como Arrabal e Boris Vian, é comum. E impõe-se, sem deixar lugar a dúvidas: o paralelismo inquietante do mundo abominável com o nosso mundo. E seria talvez uma lacuna se para confirmar em absoluto esta tese, um conto como *Não Esperavam Outra Coisa*, de Dino Buzzati, não tivesse sido antologiado.

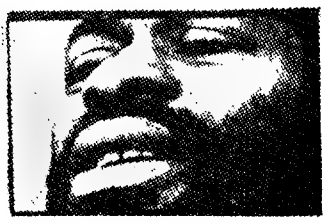
Igualmente nessa fábula feroz sobre a crueldade do homem em relação a outros homens, o odioso cria-se através de uma determinada atmosfera. Atmosfera de intolerância, de desconfiança, de frieza e de hostilidade em relação ao intruso. Reacções primitivas contra os que insistem, mesmo em cidades desconhecidas, em amar-se. *Não Esperavam Outra Coisa* consiste precisamente nessa ofensiva brutal contra o cada vez mais atacado direito de ser diferente. Perante a ferocidade com que uma justiça de turba (em nome da «ordem e da segurança») se abate sobre um casal de estranhos que procura simplesmente um quarto num hotel ou um banco no jardim ou um lugar à sombra atrevemo-nos a pensar em que parte é que deste abominável mundo novo, para lá de comédias ou filmes americanos, poderão realmente os amantes andar «descalços no parque»...

O conto de Buzzati torna-se implacável por essa ausência de caridade com que nós, a cada passo, coexistimos. Dada a estrutura dialectal do italiano, para Anna e António, o casal repelido e por fim enlaçado, até a linguagem se transforma em mais um obstáculo, em mais uma barreira, em mais uma segregação. Mas na época do assassinato de Luther King, do «apartheid» e de uma rapariga solteira expulsa de uma ilha por ter um filho — *Não Esperavam Outra Coisa* põe-nos perante uma construção meramente literária ou perante uma realidade que não nos atrevemos a olhar de frente? Não conhecemos todos imensas Annas, inúmeros Antónios desprotegidos, indefesos perante os cães de guarda? E se o General Zaroff mata e a comunidade respeitável do conto de Buzzati encarcera não estará isso dentro daquilo a que sinistramente se chama a lógica do quotidiano?

Dirão certamente que nem todas as coisas são assim. Que esses contos têm — e é verdade — para lá do *Grand-Guignol* (confesso que vi o *Grand-Guignol*, hoje fechado, e me impressionou muito menos que as histórias

(Continua na página seguinte)





## Ted Joans:
# Autobiografia

Novo colaborador da revista francesa «Jazz-Hot», Ted Joans é um poeta americano de quem a editora «Terrain Vague» publicou recentemente as «Propositions pour un manifeste Black Power». Também nos E. Unidos saiu no mês passado «A Black Pow Pow of Jazz Poems», uma colectânea de poemas seus. Ted Joans; um homem cuja autobiografia quase se confunde com a história do jazz. Aqui a revelamos.

«Meu nome é Ted Joans/ nasci a bordo dum barco do Mississipi / ouvi os sons do jazz antes mesmo de nascer / meu pai trabalhava a bordo, minha mãe, grávida, passava as noites a tricotar atrás do palco / aos cinco anos ofereceram-me uma trompete tão velha, com os «pistons» tão perros, que eu tocava-a como se ela fosse um clarim/ trabalhei num teatro de «vaudeville» em Kentucky e Indiana / foi lá que ouvi as orquestras de J. Lunceford, D. Ellington, C. Basie, E. Hines, B. Carter, B. Eckstine e muitas das orquestras brancas dos ano 40 / conheci Miles Davis quando ele era trompetista na orquestra de B. Ecktine; lembra-me que ele me mandou comprar-lhe uma «coca-cola»... / Nessa altura Louis Jourdan era o James Brown da época / Na escola pertenci a um grupo, «Two men from Mars», que cantava com a orquestra de Gene Krupa / escrevia na altura letras para temas «bop» mas fartei-me depressa de cantar sempre a mesma coisa / passei a tentar dizer poemas, como solista / como era muito difícil decidir passar a escrever os meus poemas e a recitá-los com musica / sempre imitando o fraseado dum saxofone ou duma trompete, eram, por assim dizer, «solos poéticos» / a era das grandes orquestras foi um dos melhores períodos «colectivos» de toda a história do jazz / Todos se ajudavam uns aos outros / há certas alturas que pergunto a mim mesmo: que será feito de todos esses musicos, onde estarão eles agora? / todas as orquestras que ouvi tocar, ou o fazlam em bailes ou em

(Continua na 7.ª página)

*«O jazz é a música dum povo, do meu povo»*

*Desenho de Topor*

# Abominável

(Cont. da página anterior)

abomináveis reunidas neste volume) uma determinada qualidade literária, uma valorização da dimensão onírica da nossa vida, um ataque surreal à banalidade e à falta de imaginação. Mas, precisamente por isso mesmo, seria lamentável colocá-los dentro da redoma reservada ao deleite dos cultores do estilo pelo estilo. Um relato como *As Formigas*, de Boris Vian, entronca-se perfeitamente na tradição protestária de um Erich Maria Remarque ou de um Barbusse, no grito solitário e revoltado de um Céline, na insensata destruição do ser humano em *Os Nus e os Mortos*, de Norman Mailer.

Lembro-me, há muitos anos, de espreitar por um óculo (instalado em barracas de romarias e feiras — olhadela a $20 ou a $50) onde se viam «acontecimentos da guerra» ou seja, num sépia arrepiante, soldados com a cabeça esburacada por balas. Não sei se os diapositivos se referiam à guerra da Espanha, à guerra da Abissínia ou a outra Grande Guerra que se iniciara nessa altura. Só sei que iniciavam o longo processo de viver ao mesmo tempo que a abominação. Abominação que é um polvo com muitos tentáculos, muitas ventosas. Abominação que o homem não conseguiu ainda arrancar do homem. Esta antologia mostra a persistência desse pesadelo.

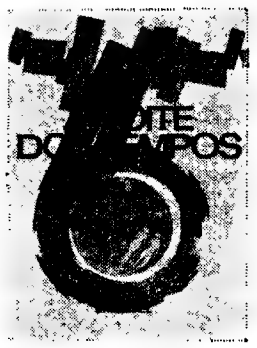
O abominável... sim, o abominável. Como no Biafra, filha.

*ANTOLOGIA DO CONTO ABOMINÁVEL*
*Selecção, tradução e notas de Aníbal Fernandes*
Prefácio de Victor Silva Tavares
*Capa e orientação gráfica de Carlos Fernandes*
Edição de Fernando de Mello
*Colecção Antologia — («Afrodite») — Lisboa, 1969*


GRANDE PRÉMIO DOS LIVREIROS FRANCESES DE 1969

um ROMANCE DIFERENTE

por RENÉ BARJAVEL



318 páginas
Esc. 60$00

Edição da
Portucalense Editora
À VENDA NAS LIVRARIAS


# Nunca ninguém

OS GRILOS NÃO CANTAM AO DOMINGO
*Humorismo, por Santos Fernando*
Parceria A. M. Pereira, Lda.
*Lisboa — 1969*

A TENTAÇÃO É FORTE: ressalvar do efémero jornalístico textos que se foram acumulando no decorrer dos anos, já constituem um volume de tomo mesmo após uma necessária selecção, são negociáveis, são dignos (ou assim se julga; julgam os autores, enlevados, arrastados pela sua humana babosice criadora ou vaidade) de figurar, fazer um livro, perpetuando-se nele. O processo é corrente, deu origem a muitas obras-primas (cá e na estranja) e também a inúmeros fiascos, monos, sucata impressa vendida a granel, a peso. Porque apresenta riscos e graves, acrescidos (cá) por um acervo de limitações e óbices que obrigam a prosa improvisada para as tantas colunas de tralha quotidiana ou semanal ou qualquer outra produção jornalística a um salto para a sua posterior colecção em livro, onde quase tudo se estatela, esparrinhando em redor futilidadas, pressas, alusões episódicas (quem se lixa é o bey de Tunis, confidência sempre citada do Eça), em suma: as molas da fabricação são contrárias, porque no jornal impera a actualidade, que esquece e morre ao virar da página para o livro requere-se uma ultrapassagem dela, tentativa de um perene que não estava ou incomodamente podia aflorar no espírito da sua concepção original. Logo (e para abreviar esta meia-dúzia de verdades consabidas, de lugares-comuns que, no entanto, me senti no dever de recordar como aviso-prémio à matéria em debate): além de uma selecção rigorosa uma readaptação, um aprofundamento, um alargar de objectivos que resulte. Transplantar, sim, mas precavendo rejeições a mais longo ou curto prazo. Melindrosa tarefa. Sujeira que livre-nos Deus!, embora muito boa gente caia nela e me sinta *mea culpa* réu do mesmo pecado.

Perante Santos Fernando e esta sua última colectânea, nono livro que publica, parece-me que estarei a pregar o padre-nosso ao vigário... decerto que ele ponderou e maduramente, com uma larga experiência, ao que se atrevia e me poderá replicar que eu próprio o incitei. Havia, de facto, nas centenas de crónicas ou contarelos humorísticos que em anos sucessivos publicou aos domingos no «Diário Popular» abundante material que aproveitar, — peneirado, revisto circunscrito ao essencial e mais duradouro, enformado num volume sem repetições nem páginas mortas. Mas...

...Assim como a novelota (fracassada), *Consolação Número Três* (editada em 1968, mas de factura anterior) marcava um retrocesso ou um passo em falso em relação a *Tempo de Roubar (1964)*, quanto a mim a sua obra mais conseguida e contundente, *Os Grilos Não Cantam ao Domingo*, ora editada, não vai muito além d'*As Uvas Estão Maduras* (1965) Ainda nos seus melhores trechos. Exemplificando: seguem estes, em meu entender, glosando mas não amplificando, a lição de exemplar *nonsense* que era, ali uma peçazinha de antologia. *O avô esborrachado*, ferindo justo e pelos meios mais singelos, mais directos. Aqui, textos como *Objectos Perdidos*, *O Peixe dos Outros*, *Nos Fatos e nas Almas Mais Puras* ou *Sempre Muita Sorte* apontam a nível semelhante. Sim. Mas impunha-se uma certa depuraçãozinha no pormenor; linguagem por vezes deslaça-se afrouxa por exerescências, redunda em efeitos fáceis compro-

metendo autênticos achados, temas estupendos menorizados por um não acabamento de que sentimos o A. capaz mas a modos que preguiçoso. Numa lassitude que pode ser leviandade ou auto-suficiência e dá pena (a mim, dá; enche-me de raiva). E aí estão as breves páginas do monólogo *Incerteza* a demonstrarem-nos o que

Santos Fernando, num à-vontade surpreendente, no mais genuíno do seu talento (ironia espontânea, alerta, despretensiosa), seguro no seu profissionalismo adrega atingir, querendo. Do grosso do volume, sem excepção da croniqueta que lhe dá o título, acrescenta-se que há muita palha (pena, que pena!). Principalmente, atendendo ao tom de superficialidade, ao forçado e repetição de certos truques, a uma visão limitada. Condicionada, somos levados a crê-lo, pela própria primitiva finalidade do local de publicação e clientela leitora a atingir. Embora nos pese, digamo-lo sem rebuço: cri-cris de grilo dominical a pendurar num esquecimento inevitável logo após o primeiro sono.

«*Nunca ninguém me mandou escrever*», afirma Santos Fernando n'*Os Grilos Não Cantam ao Domingo*. Ainda bem. Mas como seu admirador (e estimulante), vejo-me em boa situação para lhe recordar que sendo assim e acreditando já que a sua vasta produção deriva apenas do apelo íntimo e fecundo do seu talento (inegável), ele o não malbarate pela facilidade, a vulgaridade, que amesquinham; ou a insistência, que cansa. Se me dá licença, um *récipé*: ousadia e rigor; atenção às circunstâncias; entranhas (suas) na travessa; vontade de descoberta; a longa paciência (Buffon); auto-seperação para o seu décimo livro. É exigir muito? Pois isso mesmo lho devemos. *Ele se deve.*

L. P.


acaba de sair
LÍRICAS PORTUGUESAS
4.ª série
selecção, prefácio e notas de
ANTÓNIO RAMOS ROSA

POETAS INCLUÍDOS:

Maria Alberta Menéres, Herberto Helder, António José Forte, E. M. de Melo e Castro, José Bento, Ruy Belo, Cristovam Pavia, Pedro Támen, M. S. Lourenço, Fernando Assis Pacheco, José Augusto Seabra, Maria Teresa Horta, João Vário, José Carlos Ary dos Santos, Manuel Alegre, Casimiro de Brito, Armando da Silva Carvalho, Fiama Hasse Pais Brandão, António Barahona da Fonseca, Luiza Neto Jorge, Gastão Cruz.

COLECÇÃO
ANTOLOGIAS UNIVERSAIS
PORTUGÁLIA EDITORA


# Soma e segue

Apareceu ao publico um novo numero do *Jornal de Letras e Artes*, este relativo ao mês de Outubro.

Com excelente apresentação gráfica (devida a Manuel Simões), o *Letras e Artes n.º 271* conta com colaboração de João Paes *(Festivais de Salzburg e Bayreuth)*, Luís Filipe Costa *(Festival de Veneza)*, António Pedro de Vasconcelos, Paulo Rocha, Fernando Guerreiro e Eduardo Paiva Raposo *(Festival de Avignon)*, Fernando Pernes *(Exposição de Lisboa)* e Manuel Gusmão *(Da violência em Poesia,* além das habituais secções *Um mês de Letras e Artes* e *Pare, Escute e Olhe.*

O novo *Jornal de Letras e Artes* anuncia para o próximo numero (certamente mais atento á realidade portuguesa do que presente) uma entrevista com André Delvaux, colhida em Bruxelas. O tema será *O Homem da Cabeça Rapada* e *Laços Eternos*, para além do cinema em geral, de Murnau a Hitchcok, passando por *Shane* e *Laura*.

Anuncia igualmente a redacção da revista um aumento de preço O *Letras e Artes* de Novembro já custará 7$50. Exigências do custo de vida.

# Absurdo e representação

## por Rocha de Sousa

ANTÓNIO AREAL
*Galeria S. Mamede*

NO FILME de André Delvaux ùltimamente apresentado em Lisboa, Govert, empurrado contra o limite da solidão, reflecte que a realidade é confusa, e acrescenta que a vê sempre em duplicado ou triplicado. Para o artista, que vive em solidão muito da sua experiência quotidiana e do seu trabalho reflexivo, o real desdobra-se de forma semelhante, com esse carácter movente e ambíguo. Ainda que o registo da sua constatação possa ser diferente, e outra a densidade da sua loucura ou da sua lucidez, há uma experiência paralela no que se refere à sobreposição das imagens relativas ao mundo aparente. E não apenas a essas, mas, sobretudo, às que se formam no seu espírito — afinal decorrentes da sua irremediável inserção na realidade. Por esta realidade podemos entender a extensão presente, passada e futura das *coisas* e *fenómenos* que *realizam* o mundo: e o real deverá, então, definir-se como tudo aquilo que existe em cada momento. Ao domínio do real podemos, assim, ligar uma certa quantidade de registos ou de recolhas que correspondem ao momento vivido e a uma determinada forma de reacção. Esses registos, multiplicados no decorrer da vivência, sobrepõem-se uns aos outros, prolongam-se nas dissemelhanças esclarecedoras, equiparam-se à produção que, a partir deles ou contra eles, desenvolvemos no nosso espírito. A realidade, entendida, portanto, no sentido global da sua caracterização possível, é sempre o objecto da arte, não apenas quando esta a representa, a reconstrói ou transforma, mas, também, quando a nega. Vê-se bem, dessa forma, que uma representação absurdamente fiel de segmentos da realidade, ou de aspectos do real, pode estabelecer tanto a negação do que foi representado como um objecto de arte encerrado em si próprio, e, portanto, não concreto do ponto de vista das suas identificações com o mundo visível envolvente. Não é a representação em si mesma que define a atitude realista, mas o seu *sentido*. O que é importante é reconhecer-se que os *sentidos* possíveis dessa representação, realista ou não, podem debater imediatamente recolhas logradas a partir do mundo aparente ou registos já elaborados no nosso mundo interior. Em ambos os casos, o artista situa-se sempre no domínio da realidade, que é objecto do seu esforço e da sua aventura criadora. As *aparências* ou os *sentidos* em duplicado definem-lhe a mobilidade das suas apreensões sucessivas e permitem-lhe descobrir ou destruir relações na extensão do real em que ele de facto se move. Os rebatimentos lógicos empreendidos pela criança correspondem a uma forma de realismo tão correcta como a tradução virtual da perspectiva num quadro do século passado: o tipo de mobilidade é que se liga a princípios e formas de existência diferentes. Ambos os comportamentos, que poderíamos tornar complementares um do outro, circulam legitimamente em volta do mesmo objecto, embora os resultados práticos de cada um deles se traduzam em imagens contraditórias, se não opostas.

### Desenhos de António Areal

Poderemos, agora, dizer que os desenhos de António Areal expostos na Galeria S. Mamede, de imediato impossíveis de localizar na opacidade do real que experimentamos quotidianamente, reflectem, no entanto, essa experiência num *sentido* particular. São, evidentemente, representações que obedecem a uma lógica interna e que têm por objecto a realidade. Sentimentos, atmosferas, a angústia pela confrontação do infinito, tudo isso nasce dentro da experiência existencial do autor e devolve-se ao plano numa corporalização necessária, ao mesmo tempo real e irreal, ao mesmo tempo terrífica e melancólica, ao mesmo tempo clara e absurda. Poèticamente, não é o lirismo das imagens reflectidas que conta: o que conta são as relações e as tensões internas da obra, é o caminho inesgotável, subterrâneo e concreto da realidade que exprime. Não se trata aqui de uma realidade apreendida através de um método científico ou estritamente baseado nas operações psicológicas imediatas, mas de uma verdade mais íntima, do processo da própria imaginação, da disponibilidade que o artista realiza e assume ao decidir *escrever* e, portanto, ao desenvolver determinadas formas de comunicação. Tudo o que pertence ao domínio do imaginário, nestes desenhos pretéritos de António Areal, traduz-se, igualmente, em consciência de sentimentos e situações que realizam a sua preferência interior, que atmosfèricamente referem uma visão do mundo. De início, essa visão exprime-se por intermédio de formas que definem uma perspectiva cénica e fantástica da paisagem desabitada. A técnica é, portanto, tributária dessa realização formal, concretizando no plano os registos que permaneceram do sonho, as duplicações absurdas de uma certa realidade vivida, pressentida, ou já esgotada nas suas diluições constantes. Futuro, presente e passado aí se confundem num tempo estagnado, numa paisagem negra e imóvel cujas formas simultâneamente se reconhecem e se negam pela metamorfose do delírio. Esse delírio é, enfim, necessário para que o artista se apropríe da realidade do seu gesto, tão concreta e precisa como a montanha facetada que particularmente o comoveu. É, então, que a escrita se afirma com maior impaciência, criando um contraponto dinâmico na serenidade medonha da paisagem, provocando rupturas, desvendando às formas uma cronologia nova e, do mesmo passo, sucessivas destruições cuja urgência se reveste de um cunho dramático. A indefinição da realidade consequente não exclui o rigor dos contrastes, a densidade do claro-escuro, o peso das formas ou de um certo horizonte que emerge do cáos: com efeito, torna os objectos sobejantes mais nítidos, acentua o divórcio do seu significado, delimita, portanto, um espaço absurdo e inquietante. A intensidade desta arte reside mais na perturbação que provoca do que na possível justaposição significante dos seus símbolos. Por isso, ela há-de ser, mais tarde, reflexão rigorosa do seu próprio destino — e, assim, do destino do homem também. Reflexão irónica e sistemática de situações irreversíveis, de uma realidade que se exprime pelo rigor quase matemático e que se destrói, no futuro, em pleno vazio. O conhecimento desta crise é hoje mais claro quando se analisam as suas raízes. A visão do artista altera-se com os materiais disponíveis, com as técnicas e com a sua posição no mundo, mas a trajectória da sua vida através da realidade é sempre reconhecível nos objectos que produz. De uma espécie de terror cósmico pode passar-se à ironia e ao desespero: em todo o caso, a interrogação é bàsicamente a mesma e o objecto desta urgência existencial permanece no horizonte de uma forma fatalmente incómoda.

*Desenho de António Areal (1958)*

**Pintura de Menez, actualmente exposta na nova galeria de arte JUDITE DACRUZ. Esta Galeria, inaugurada no passado dia 7, agrupa principalmente quatro artistas, dentro de normas estatutárias que regem a natureza desse convite. Experiência nova entre nós, travada no limiar de um mercado cujas consequências devem ser acauteladas, a Galeria JUDITE DACRUZ procura defender didáctica e comercialmente um sector da nossa producão artística e ao mesmo tempo criar contactos com o estrangeiro e convidar em regime especial artistas portugueses de mérito reconhecido**

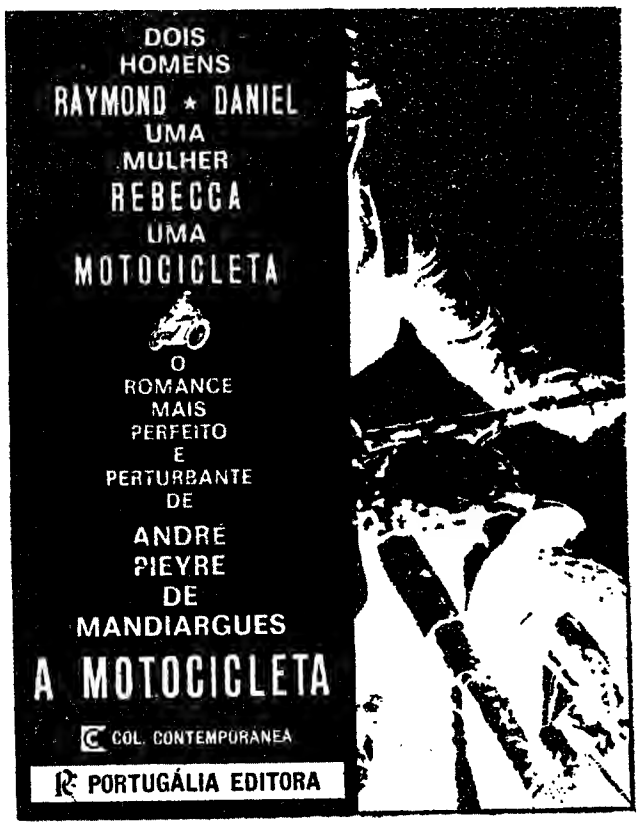
# Prémio Soquil

EXPOSIÇÃO PRÉMIO SOQUIL
*Galeria Buchholz*

RECENTEMENTE atribuído pela segunda vez, o Prémio Soquil distinguiu este ano Noronha da Costa. Além deste artista, o Prémio estendeu compensações a Eduardo Nery, Palolo e Vasco Costa. Esta distinção anual, cuja origem já foi suficientemente apreciada, tem uma finalidade publicitária em relação à Sociedade que a instituiu e, do mesmo passo, uma função cultural através das chamadas artes plásticas. A sua atribuição, ao que parece, foi agora entregue com carácter definitivo à competência da A. I. C. A. Tal como no ano passado, a Galeria Buchholz impôs-se o encargo de expor os autores cobertos pelo Prémio. Dadas estas circunstâncias, e ainda em face das declarações do Presidente da Secção Portuguesa da A. I. C. A., dr. José-Augusto França, este Prémio Soquil é Soquir e é da crítica. A sua responsabilidade aumenta sobremaneira e o próprio júri — depreende-se na evidência — pode alterar-se democràticamente em atenção aos quadros da A. I. C. A.

O apoio da A. I. C. A. a esta iniciativa é de sinal mais, ao contrário do que já tem acontecido com outras realizações em que participou parcelarmente através de um ou mais dos seus membros. O apoio agora é global, porque as condições do Prémio se aproximam do seu próprio critério nesta matéria e porque o pode controlar por completo. José-Augusto França definiu num dos seus últimos «Folhetins Artísticos» a situação criada pelo Prémio Soquil, apoiando nela a orientação preferida pela A. I. C. A. «O artista — escreveu — fez a sua vida artística como muito bem lhe pareceu, e os críticos do júri fazem a deles; uns produzem, outros apreciam — mas sem porem os produtores na posição de competidores, que só involuntàriamente são. E sem que estes em tal situação se reconheçam. Nos quadros das vidas artísticas, no Ociden-

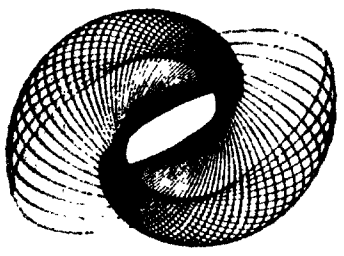
(Continua na 7.ª página)



# Inventariemos, inventariemos

## Folhetim artístico de José-Augusto França

INVENTARIAR O QUE HÁ é boa política para saber o que, na verdade, se é... Uma empresa distribuidora de gasolina em Portugal, a «B. P.», teve a ideia de fazer perguntar quais são e como são as colecções particulares portuguesas, de pintura nacional — e esta iniciativa é, sem dúvida, de aplaudir. Inscreve-se ela no quadro de uma publicidade de prestígio, debruçada sobre a vida artística do País. Exposições, concursos, prémios, têm sido realizados ou instituídos, sobretudo a partir do ano passado, por outras empresas industriais e bancárias, que culminaram no prémio SOQUIL de atribuição anual — mas o campo da acção artística não pára aí, dado que tudo está por fazer neste domínio, no nosso virginal país. Pesquisas, publicações (e porque não um MUSEU realizado por um conjunto de empresas, pois que oficialmente jamais ele existirá?) São outras tantas portas a abrir, conforme a consciência cultural das administrações —e o seu sentido de uma publicidade indirecta mais eficiente, em certo nível, que a publicidade directa, de massacrar os ouvidos, os olhos e o juízo...



A ideia da empresa em questão, apoiada por serviços técnicos da Fundação Calouste Gulbenkian e contando, acertadamente, com jovens conservadores-estagiários, foi excelente — ou poderá ser excelente, quando tiver atingido o plano da realização. Se esta for satisfeita por um programa definido metodológicamente e a sério. Dele nada sabemos, por enquanto — a não ser que se publicarão regularmente os volumes do inventário.

Como serão eles realizados, qual será a sua estrutura e, imediatamente, o esquema das fichas? Tudo depende das respostas a estas questões axiais. Não basta, é claro, visitar as colecções — é preciso saber o que *se está* a ver e o que *se vai* ver, ao nível estético mas também ao nível sociológico.

Uma colecção tem quadros — e «porquês». *Quem* coleciona interessa tanto quanto *o que* se coleciona... A razão do agrupamento dos quadros é um elemento básico para o conhecimento da «vida artística» que, inventariando as obras, se aborda.

Inventário é indispensável — mas não é tudo. Primeiro, há que observar as obras, que as descrever, depois saber *porque estão lá*. E neste saber entram datas de aquisição (até preços, se possível...), origem das peças, condições da compra — etc. O valor de um quadro numa colecção depende de variadas circunstâncias e da globalidade da própria colecção. Senão, trata-se de um acaso, e ter conhecimento dele útil apenas ao nível da localização, para uso futuro.

Há portanto que distinguir: pretendem os organizadores dizer-nos apenas onde estão certos quadros ou podem eles ir mais longe e informar-nos de *como é o fenómeno de coleccionar em Portugal?*

Se se limitam ao primeiro domínio, já muito fazem; mas mais interessante será o segundo propósito. Aí, ficam na matéria bruta, aqui elaborá-la-ão culturalmente. Por outras palavras — será estático ou dinâmico o inventário anunciado.

Bom será que os responsáveis pela execução, e a própria administração da empresa meditem neste problema, ao resolverem levá-lo a cabo. É um problema novo (e não só em Portugal); importa ter consciência dele. Um inventário hoje terá que ser diferente (em método e fins) daqueles que em Portugal já se fizeram — desde o da colecção dos Sousa-Calharizes, por sinal que em latim, o da colecção Tarouca feito por Vieira Lusitano, até por exemplo, ao das colecções Marialva ou Daupias, que são catálogos de vendas — efectuadas em Paris, á míngua de compradores portugueses... De qualquer modo, com todo o interesse se aguarda o 1.º volume dos inventários.

...Á míngua de compradores portugueses, disse eu. Esta míngua é uma constante portuguesa também, desde, pelo menos, com documentos na mão, o tempo de Francisco de Holanda que disso se queixava. No século XIX sobejam as críticas, as queixas e os protestos. «Astro maligno» a perseguir os artistas, dizia Machado de Castro; «Sibéria das Artes», berrava o Cristino, meio século depois. Passou mais um século — e é isto que se sabe...

A maior colecção portuguesa actual é, sem dúvida, a do industrial e editor Agostinho Fernandes; outra, importante, a do dr. Anastácio Gonçalves, há três anos falecido. A colecção do agente de viagens do Porto, Augusto de Abreu, é notabilíssima — e ainda mais o gosto que ele põe, homem de qualidade que é, no convívio com os muitos e valiosos quadros que possui. Impossível saber de Domínguez Alvarez, sem ir a um quarto seu; e António Carneiro. Aurélia de Sousa ou Júlio Resende ganham também em passar-se através da sua colecção.

Entre os coleccionadores de autores mais modernos, há um, notável e único (que pede para não imprimir o nome: o dr. J. P. de F.), que se abalança a compras avisadas e de gosto, no estrangeiro. Também em Portugal a sua colecção é importante — e Amadeo de Sousa Cardoso só pode ser visto em Lisboa na Fundação Calouste Gulbenkian e em sua casa. O industrial Fernando Seixas possui notáveis coisas de António Soares — e o dr. Manuel Vinhas uma larga colecção de Almada, que são indispensáveis para o estudo do pintor.

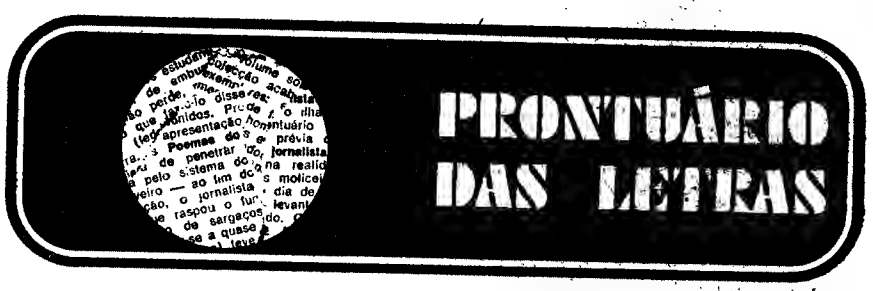
Para apresentar a sua iniciativa, a «B P.», escolheu nas colecções Abreu, Seixas, Vinhas, e ainda na do actor Igrejas Caeiro e do falecido escultor e escritor de arte Diogo de Macedo, uma centena de peças, agora em exposição na S. N. B. A. Louvável decisão também — que permite ver muitos quadros de qualidade, sem outra pretensão. Algumas das obras expostas são menos necessárias — e faltando uma peritagem em certos casos, lá se vê também um Henrique Pousão que não parece sê-lo, e um A. Cardoso que não será «Alves» mas, hipotèticamente, «Alberto», problema que convém investigar, se não antes da exposição, ao menos antes do inventário prometido.

## O CINEMA QUE VEMOS

| | AdC | ArC | APV | JVP | LA | MML | VST |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| *A Lição Particular* (Michel Boisrond) | 0 | — | 0 | — | 1 | 1 | — |
| *O Detective* (Gordon Douglas) | — | — | 3 | — | 4 | — | — |
| *A Batalha de Inglaterra* (Guy Hamilton) | — | — | — | 1 | 1 | 1 | 1 |
| *Os Loucos do Amor* (Stuart Rocenberg) | 3 | — | 3 | 1 | 3 | 2 | — |
| *Noites de Outros Tempos* (A. Crispino e L. Lucignani) | — | — | — | — | 0 | — | — |
| *Desejo Perverso* (Salvatore Samperi) | 2 | 2 | 2 | 1 | 4 | 3 | — |
| *O Homem de Kiev* (John Frankenheimer) | 1 | 2 | 0 | — | 4 | 2 | 1 |
| *O Homem da Cabeça Rapada* (André Delvaux) | — | 3 | 5 | 4 | 5 | 5 | 5 |
| *Serafino* (Pietro Germi) | — | — | 0 | — | 0 | 0 | 2 |
| *O Diabo Era o Outro* (Constantino Esteves) | — | — | 0 | — | 0 | 0 | 0 |
| *Sou Eu, a Natália* (Fred Coe) | 1 | — | — | — | 0 | 0 | — |
| *Uma Noite na Praia* (Michel Boisrond) | — | — | — | — | 0 | 0 | — |
| *O Magnífico Intruso* (George Seaton) | — | — | — | — | 2 | — | — |

**Os «números»:** 0 (Abominável); 1 (Banal); 2 (Com algum interesse); 3 (Bom); 4 (Mesmo bom); 5 (Excepcional).

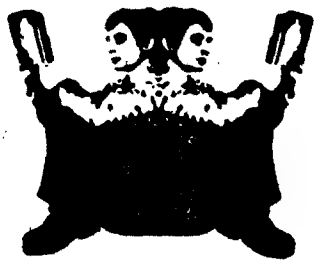
**Os «votantes»:** AdC (**Adelino Cardoso**, Revista «Rádio e Televisão»); ArC (**Armando Coeiro**, dirigente cineclubista); APV (**António Pedro Vasconcelos**, «Jornal de Letras e Artes»); JVP (**José Vaz Pereira**, D. L. e «Seara Nova»); LA (**Lauro António**, D. L. e «PBX») MML (**Manuel Machado da Luz**, D. L. e «Seara Novo») e VST **Vítor Silva Tavares**, D. L.




### Novo tempo, novo modo

«Há quase um ano (ou mais?) que falámos de um novo **O Tempo e o Modo**. Deitaram-se foguetes, e a festa tardava. Mas chegou. Não como nós a queríamos, não sem hóspedes indesejáveis, mas chegou. Novo aspecto, novas caras, novos nomes e novas coisas mais novas. Apenas, quando tudo isto ficou impresso nos pareceu que não era a altura (ainda) de falar de tudo isto que se processou durante muitos meses, muitas reuniões, muito fumo, muito trabalho.»

«O Tempo e o Modo», nova fase, começou no n.º 73 e está ao alcance de mais gente (o preço baixou para 12$50). Novo formato, nova paginação, inclusão de gravuras, ausência de lombada a transformá-lo de «livro» em revista. Nomes no sumário: Amadeu Lopes Sabino, Sebastião Lima Rego, Luís Matoso, João Martins Pereira, Armando Abreu, Manuel Teixeira. Também a tradução de um sirventês de Peire Cardinal por Jorge de Sena. A nova equipa promete que o «T. M.» sairá regularmente a 15 de cada mês.



### Os poetas publicam-se

Não há muitos editores de poesia. Há até relativamente poucos: quantos jovens poetas andarão em busca de alguém que lhes publique os primeiros ou segundos versos? Assim sendo, a grande maioria dos postulantes edita-se a si própria, como aconteceu agora a Luís Bettencourt, Alfredo Canana e Fernando Melro. Bettencourt lançou de uma só vez dois livros: «Os doze ramos da árvore» e «Amigos, eu vos conto», este último com um desenho de João Alberto na capa. Alfredo Canana, jornalista, estreou-se com «Um adeus na Primavera» (500 exemplares). Finalmente o padre Fernando Melro, figura muito conhecida nos meios católicos, não fez mais do que regressar à poesia, já que «A bordo dos dias» é o seu segundo volume. Mas é o segundo volume em dez anos. E também este editado pelo autor... (Como se queria demonstrar).

### Soljenitsyne

Alexandre Soljenitsyne em francês, editado pela Senil na colecção «Combats». Ao preço acessível de sete francos e meio: «Les droits de l'écrivain», agora mais actual do que nunca depois do anúncio oficial (pela «Literaturnaya Gazeta») da sua expulsão da União dos Escritores Soviéticos.

### Eliot

Também em francês e também na Senil: «Poésie», de T. S. Eliot, edição bilingue vertida por Pierre Leyris. Os editores gauleses anunciam «o conjunto da obra poética» e oxalá seja mesmo, pois assim muito bom leitor português descobriria por língua interposta um dos maiores poetas da língua inglesa de todos os tempos. (Para que conste: os «Quatro quartetos» de T. S. Eliot existem em português numa versão de Maria Amélia Neto e com a chancela da Ática).

### Mais (i)novidades

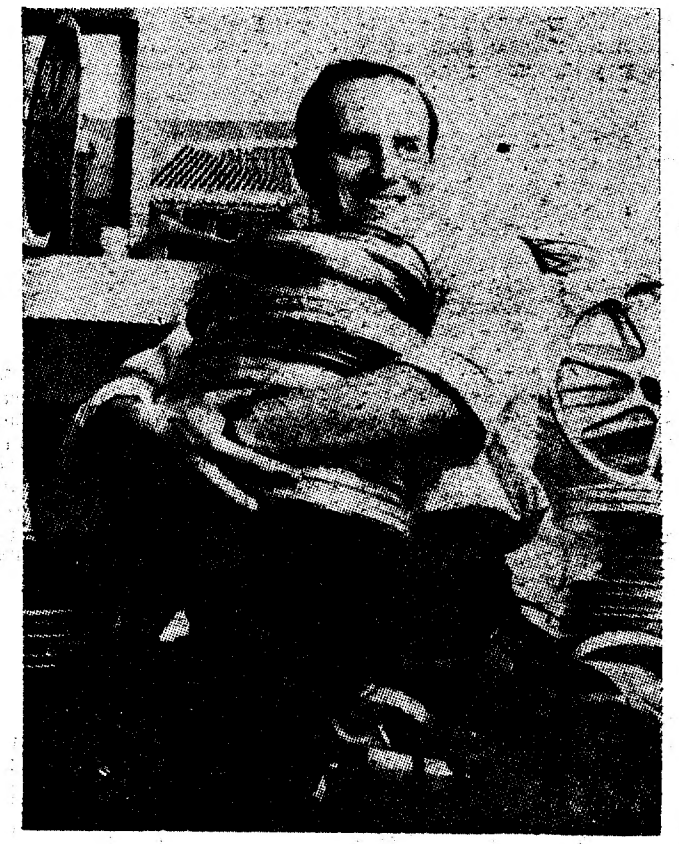
Mais novidades da Editorial Inova: a segunda edição de «Terra com sede», de Papiniano Carlos (quase vinte e três anos depois da primeira), os «Ensaios sobre Cultura e História», de Armando Castro, e «Modo de Ler», de Óscar Lopes (vol. II da «Crítica e Interpretação Literária»). Preços respectivos: 55$00, 70$00 e 80$00.

### «Os idólatras»

De Maria Judite de Carvalho, nome que os leitores do «Diário de Lisboa» regularmente encontram na terceira página, acaba de sair «Os idólatras» (na Prelo Editora). Antes mesmo de a crítica se pronunciar já Maria Teresa Horta nos referia entusiàsticamente este livro que considera «novo e diferente».

### Para anotar

Apareceram nas livrarias: «Estudos de Cultura Medieval» (Mário Martins), «Animação de grupos» (Charles Maccio), «Cristianismo e Marxismo no mundo de hoje» (da Paulus-Gesellschaft), «Assim na terra» (Antonieta Gómez), «O meio divino» (Teilhard de Chardin), «Marido e mulher meditam» (Feliciano Blázquez), «Cartas aos meus filhos» (Jean Onimus), «A Igreja e os sacramentos» (Louis Evely), «Ensinai-nos a orar...» (idem), «Fraternidade e Evangelho» (ainda idem), «Teilhard de Chardin» (Ernest Kahane), «Cristãos em rodagem» (Valentín Galindo) e «Teilhard de Chardin-Pró e Contra» (André Monestias e Louis Salleron). Chamamos a atenção para os três livros de ou sobre Teilhard: é um súbito e curioso interesse este.



*Boris Vian e uma mão-cheia de filmes*

UM ANARQUISTA SENTIMENTAL

# Boris Vian
## e a sua lenda

por Mathieu Galey

*DEZ ANOS DEPOIS da sua morte, Boris Vian é já tema de seis estudos (1) aos quais vêm agora juntar-se duas obras, um «ensaio de interpretação e documentação» (2) que tenta assentar coordenadas com um rigor, que gostaríamos de ver mais flexível, quando se trata de um autor tão pouco conforme com a norma universitária, e uma biografia (3) fácil de ler, por vezes um pouco trapalhona, mas bem documentada e que não se sacrifica a essa admiração incondicional que estraga os melhores trabalhos.*

Uma tal profusão de exegeses patenteia aquilo que Rybalka classifica de «facto sociológico»: o êxito póstumo de Boris Vian e a sua lenda. É certo que ainda não se disse tudo sobre esta «operação», que não deixou de se fazer com uma ligeira concessão ao destino normal de um autor desaparecido, mas os factos aí estão, eloquentes: três romances de Vian figuram em colecções de bolso e a quase totalidade dos outros foram reeditados.

Podemos contentar-nos com a explicação dada por Jacques Duchateau, segundo a qual o destino de Vian, que morreu desconhecido, aos 39 anos, se reveste de «todos os ouropéis do romantismo», disfarce necessário ao êxito? No entanto, são numerosos os escritores que, estando nessas circunstâncias, não sobrevivem ao esquecimento. Vian beneficia de um milagre mais raro: está de acordo, está em comunhão de espírito com a geração que lhe sucedeu.

Uma infância frágil em Ville d'Avray, estudos na Centrale, mulher, dois filhos, um divórcio, muitas *tournées* com uma orquestra mais ou menos conhecida, alguns livros — um dos quais, devemos dizê-lo, muito célebre, mas que não é o melhor — peças, traduções, numerosos artigos, muitos amigos, *charme*, e um fim súbito. Nada havia nesta vida para construir um mito. Sendo assim, a que se deve esta imprevisível ressurreição de Boris Vian?

**Obras de Boris Vian em português (por ordem cronológica de aparecimento em tradução portuguesa):**

— **«O Outono em Pequim» — trad. Luísa Neto Jorge (Edit. Ulisseia).**

— **«A Espuma dos Dias» — trad. Aníbal Fernandes (Edit. Ulisseia).**

— **«As Formigas», in «Antologia do Conto Abominável» (Edit. Afrodite), trad. de Aníbal Fernandes.**

### ● Uma exaltação da adolescência

A eclosão brutal de Saint-Germain-des-Près, logo a seguir à libertação, corresponde bastante à aclimatação que nestes últimos anos — sobretudo no fim da guerra da Argélia — se regista em França dos modos de pensar e de viver importados da América. Grosseiramente, poderíamos dizer que os cabelos compridos do *hippy* lembram a «crina» frisada do «zazou». A recusa dos conformismos é a mesma, e, sobretudo, não são diferentes as suas motivações profundas.

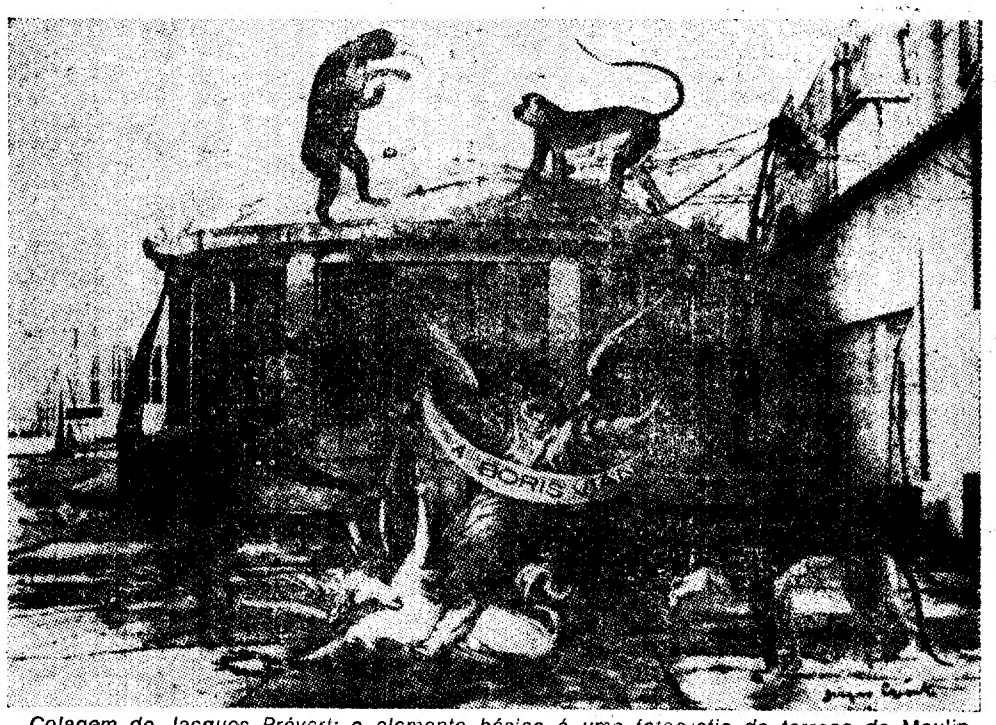
Há em Vian — o dos romances, especialmente o de «A Espuma dos Dias» — uma exaltação da adolescência, uma moral da felicidade imediata, uma fuga para o sonho e para a magia renovada na ficção científica, uma vontade de chegar ao «máximo vital» que encontram um eco evidente num público jovem.

Deixando de lado um certo pessimismo, que não está ausente das obras de Vian — mas o «carpe diem» geral de hoje nada tem de optimista, por mais que nele reflictamos — esse público, ainda muito verde, reconhece no humor a nível da linguagem um escárnio que o satisfaz. Tem a impressão agradável de que estes livros escapam «à literatura» — àquela que se estuda na escola — e que se trata de uma mensagem expressamente escrita para os seres em transição que todos somos entre a infância e a idade madura.

Estes estudos recentes mostram que não se trata de nada disso. Como todo o escritor digno desse nome, Boris Vian quis transpor a sua realidade, sem pensar exactamente nos leitores eventuais. Jacques Duchateau afirma, mesmo, que «Vercoquin et le Plancton» a princípio não se destinava à publicação. Em todo o caso, assim que o autor teve consciência de poder passar do «canular» entre amigos, para a «coisa impressa», logo se quis resolutamente romancista — daí a sua decepção quando «A Espuma dos dias» não obteve esse prémio da pleiade, que simbolizava para ele a criação literária. De resto, devemos notar que não foi inteiramente desconhecido quando apareceu: críticos como Robert Kanters, Jean Blanzat, Maurice Nadeau ou Etienne Lalou não se enganaram acerca do seu talento, mas o facto de o apreciarem não o tornou célebre, como sabemos.

Se Vian, ulcerado por aquilo que ele considerava uma injustiça, não tivesse decidido forçar a sorte sob o pseudónimo de Vernon

(Continua na 7.ª página)



*Colagem de Jacques Prévert: o elemento básico é uma fotografia do terraço do Moulin Rouge sobre o qual deitavam o apartamento de J. Prévert e — ao fundo, à esquerda — o de Boris Vian*

## Alguns autóctones autênticos de Saint-Germain-des-Prés

VISTOS POR **BORIS VIAN**

**Um original de Boris Vian («Manuel de Saint-Germain-des-Prés»), julgado perdido por todos e até pelo próprio autor, foi encontrado, em 1965, reunido num dossier de cerca de 300 páginas repletas de notas e siglas que esperam publicação integral. O manual apresenta cinco grandes divisões:** Géographie, Les faits et les Mythes, Floriléges et Personnalités, Les Rues e Posologie et Made d'emploi.

**Ao longo da obra, Boris Vian oferece-nos o retrato de mais de 100 «heróis» da época de ouro de Saint-Germain-des-Prés. Alguns fizeram carreira nas artes e na literatura. Outros caíram no esquecimento e desapareceram na sombra dos anos. Dos que ficaram, oferecemos hoje cinco retratos «famosos» que documentam o estilo e a personalidade de Vian.**

### JEAN-PAUL SARTRE

*Filósofo, cuja actividade não tem em rigor nenhuma relação com as camisas de quadrados, as caves ou os cabelos compridos e que bem merecia que o deixassem em paz.*

*«Em 1942 (fala o sr. Boubal) vejo chegar ao «Flore» um senhor que ficava ali desde que abríamos até ao meio-dia e desde a tarde até que fechávamos. Vinha muitas vezes com uma senhora e ficavam quase sempre longe um do outro, em mesas diferentes, mas sempre no mesmo canto. Durante muito tempo fiquei sem saber quem diabo seriam. À tarde, na sala do primeiro, via-os sempre com uma grande pasta a arranharem papel que nunca mais acabava. Durante longos meses os seus nomes foram ignorados até ao dia em que chamaram o sr. Sartre ao telefone. Ora como eu tinha um amigo pessoal que dava pelo nome de Sartre, disse à pessoa que estava ao telefone, que esse senhor não se encontrava presente, a pessoa insistiu e chamou novamente e voltou novamente a chamar pelo sr. Sartre, garantindo que ele estava ali na sala. Decidi-me a chamar o sr. Sartre e vi então o nosso grande Jean-Paul a levantar-se. Disse-me ele: «Sou eu que me chamo sr. Sartre». A partir daí, ficou meu amigo, um amigo com quem eu tagarelava de manhã e, depois disto, os telefonemas passaram a ser tão numerosos que achei melhor reservar-lhe uma linha especial.»*

### JEAN COCTEAU

*Se não foi Jean Cocteau que inventou as caves, quem foi então? Não tenham pressa de jurar. Em todo o caso é revelador que haja tanta gente a disputar a descoberta: este era capaz de a fazer sem a ajuda de ninguém... Cocteau está ligado a Saint-Germain-des-Prés de muitas maneiras: e sobretudo pelo cinema. Não foi ele que fez de «Homero» no «Regresso de Ulisses», onde Bérard fazia de «Neptuno»? E em «Orfeu» não raptou ele toda a juventude das caves para a transformar em bacantes?*

### ALBERTO GIACOMETTI

*Mais um frequentador especialmente válido de Saint-Germain-des-Prés onde toda a gente conhece a sua cabeleira tufada, o seu rosto de cera um pouco escavado, o seu ar vagamente alucinado. Um grande escultor de talento inquietante, impressionante mesmo. Nunca está contente com o que faz e destrói-se por gosto no seu desejo de perfeição.*

### RAYMOND QUENEAU

*R. Queneau não está aqui no devido lugar alfabético, mas não queria ficar com os Q e eu não pude recusar-lhe esta pequena alteração.*

*Na estreia dos «Exercices» toda a gente se virava para trás para ver quem é que estava a rir tanto. Era Raymond apanhado no seu próprio jogo com a maior boa-fé.*

### SR. MERLEAU-PONTY

*Terceiro da trindade existencialista (os outros dois são Sartre e Simone de Beauvoir)... contribuiu, pela sua presença em todos os lugares de Saint-Germain-des-Prés, para alimentar a confusão no sentido que o termo tem para o fraco cerebelo dos vomitadores de letra redonda.*

NOVIDADE

OS IDÓLATRAS

MARIA JUDITE DE CARVALHO

PREÇO 40.00

PRELO EDITORA
R. Misericórdia, 67-2 LISBOA

# Prémio Soquil

(Continuação da 3.ª página)

te como no Oriente, os concursos são males necessários — mas de modo nenhum indispensáveis. O prémio Soquil, extraconcurso ou anticoncurso, prova-o, em Portugal.»

Eis uma anotação curiosa e lúcida que vale a pena sublinhar. Sem querermos roubar à A. I. C. A. a originalidade de a ter produzido, a verdade é que também já tínhamos defendido igual critério nestas páginas a propósito de outras situações à volta das quais encarniçadamente artistas e críticos se empenhavam, defendendo-as ou contestando-as com violência. Falou-se talvez excessivamente de concursos como o do Prémio GM e Banco Português do Atlântico — e alguns críticos da A. I. C. A. aí exprimiram um voto positivo de contorno muito nítido. Também dissemos que sim, pois naturalmente esses concursos respondem ou respondem a certas condições do meio e da vida precária dos artistas no plano da sua profissão. Mas também dissemos que não, a tempo de o dizer e porque os males necessários arrastam outros males e já vai sendo tempo de procurar males menores. A voz autorizada do Presidente da A. I. C. A. em Portugal vem agora dar confirmação às nossas reservas de há menos de um ano e insiste na anulação saudável do regime competitivo que informava anteriores concursos. Sublinha até, com rara oportunidade, que o Prémio Soquil se pode recusar, à maneira do Sartre com o «Nobel» e feito o desconto das proporções ou das situações, naturalmente.

Se os artistas fazem a sua vida artística como muito bem lhes parece e os críticos fazem a deles, nós, os da rua, os do quotidiano, fazemos também a nossa em igual circunstância de liberdade e podemos apreciar o *fazer* de artistas e críticos segundo uma óptica que também beneficia de justificação social. É por isso que nos agrada a dimensão de princípio que o Prémio Soquil comporta e ainda mais nos tranquiliza o facto de ele estar sob a coordenação da A. I. C. A., organismo responsável que poderá impedir a academização dos juízos e a estratificação dos júris.

Eis porque nos decidimos a pôr à consideração dos responsáveis algumas questões que nos parecem importantes, até porque tudo é susceptível de correcção, desde os programas da R. T. P. ao Prémio Soquil e ao comportamento da A. I. C. A.

O Salão Nacional de Arte, instituído pelo extinto S. N. I., decidia a proclamação anual de um prémio de pintura. Consideramos que um prémio da crítica, destinado «a agir como tal» e que «como tal se responsabiliza» é tão importante como um prémio nacional, e em certas circunstâncias até pode sobrepor-se-lhe. Como uma das principais reservas feitas ao Salão Nacional de Arte foi exactamente a de instituir um prémio anual de pintura, contra a realidade estatística dos valores de facto existentes, é oportuno perguntar em que medida o Prémio Soquil vai conseguir inventar essa realidade. Se essa realidade é, de facto, limitada e até parece que é pela sobreposição de prémios e nomes a que estamos assistindo, com o selo responsável da crítica), então o Prémio Soquil, reagindo ao império do círculo vicioso, tem de coincidir com uma atitude de descoberta incomparàvelmente mais ampla do que aquela que já se vislumbra nele ao cabo apenas de dois anos. Não basta dizer que os artistas premiados o foram porque não havia mais ninguém para ser colocado no prato da balança. Todos sabemos que isso é radicalmente falso e basta uma simples operação aritmética para que o panorama correspondente se ilumine. Não estamos, de facto, convencidos de que a obra de Manuel Baptista (para só citarmos um exemplo clamoroso) seja menos importante e menos actuante nestes últimos anos do que a de Palolo ou a de Vasco Costa. Depois já sabemos que o Prémio Soquil não se circunscreve à pintura (no que se distancia razoàvelmente, mas não de todo, do Salão Nacional) e isso deve permitir-lhe uma mobilidade urgente em relação a outros domínios como o da gravura, por exemplo, tão incrementado entre nós nos últimos tempos.

E por fim, se o Prémio Soquil está destinado a ser o prémio da crítica, sob a responsabilidade da A. I. C. A., então é importante que ele não se torne no prémio de um só júri. Não se trata de menos confiança nos elementos até agora utilizados para a tarefa em questão — todos personalidades autorizadas que à crítica têm prestado alguns serviços interessantes — mas apenas desejar que a A. I. C. A. tenha poderes para dar a outros dos seus membros semelhante encargo, conseguindo dessa forma ampliar a visão crítica que interfere na vida artística portuguesa e que, òbviamente, não pode ser apenas resolvida e esclarecida por três pessoas.

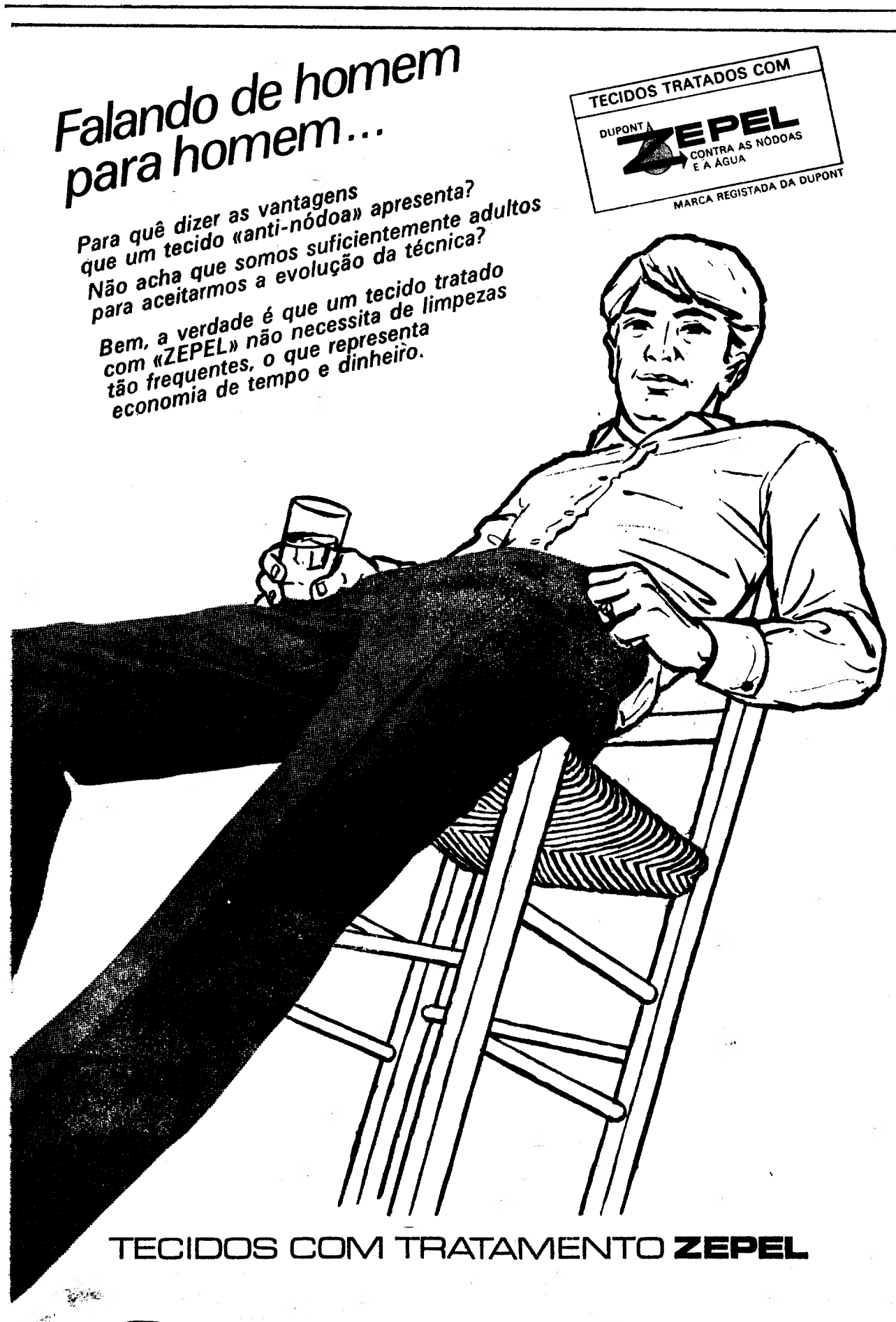
JOSÉ DE GUIMARÃES, cuja ficha profissional já foi oportunamente referida neste Suplemento, expõe agora gravuras na Associação Cultural e Recreativa Convívio, em Guimarães. O artista insiste na sua tendência para nos apresentar o «homem modelado pelas estruturas de um dos meios de comunicação — a imprensa. Está com Bradbury do «Homem Ilustrado». Expressa-se através da linguagem tipográfica. Explora exaustivamente as possibilidades da indústria publicitária».

Falando de homem para homem...

Para quê dizer as vantagens que um tecido «anti-nódoa» apresenta? Não acha que somos suficientemente adultos para aceitarmos a evolução da técnica?

Bem, a verdade é que um tecido tratado com «ZEPEL» não necessita de limpezas tão frequentes, o que representa economia de tempo e dinheiro.

TECIDOS TRATADOS COM DUPONT ZEPEL CONTRA AS NÓDOAS E A ÁGUA
MARCA REGISTADA DA DUPONT



TECIDOS COM TRATAMENTO ZEPEL

CCN CRISLENE ® TERGAL 45% LÃ 55% FIBRA POLIESTER
UM TECIDO DE CRISTIANO CABRAL NUNES & FILHOS

COM 45% DE LÃ Vincelene
UM FABRICO DE PAULO DE OLIVEIRA, LDA.

RAUL NETO, LDA.
PRAÇA DA FIGUEIRA, 18-2.º (c/ elevador) — Esq. R. da Prata
Telefone 32 77 23 — LISBOA
SEMPRE AS ÚLTIMAS NOVIDADES EM:
TECIDOS PARA DECORAÇÕES
ESTOFOS ★ ALCATIFAS E CARPETES

# Autobiografia de Ted Joans

(Continuação da 1.ª página)

teatros/ lembro-me de um dos primeiros Jatp, com Coleman Hawkins e Lester Young a tocarem lado a lado / era o princípio da exploração da musica negra por Norman Granz, hoje multimilionário à custa do jazz, tal como George Wein / quando cheguei a New York as coisas tinham mudado / uma grande orquestra era tão rara como um sorriso no metropolitano / soube então que meu pai tinha sido morto pelos operários brancos de Detroit / diplomado pela Universidade de Indiana, ex-trompetista, dediquei-me então à pintura / em Harlem, nada de jazz; o Savoy Ballroom a ser demolido, por todos os lados musica de «cocktail» e organistas de «rock» / o jazz vivia «downtown» na Greenwich Village, no clube Birdland com Parker, Powell, Roach, Miles, Potter / escrevi uma série de artigos sobre os musicos que então vira tocar e fui oferecê-los sucessivamente às revistas Metronome, Billorborda, Down Beat / todos recusaram o meu trabalho / foi então que reparei que nenhum negro trabalhava na redacção desses jornais, ou seja, no jornalismo relacionado com o jazz / conheci Dan Burley, o único critico negro que, por vezes, era convidado pela organização burguesa negra da revista «Ebony» para escrever um artigo sobre um músico de jazz, especialmente se este se ia casar com uma branca ou se fora apanhado com droga nas algibeiras ou no sangue / Foi Burley quem me aconselhou a publicar os artigos nas revistas de Greenwich Village. Conheci então Corso, Kerouac e Ginsberg/Não publicaram os meus artigos, mas sim os meus poemas / por essa altura, interessei-me pelo surrealismo e a minha pintura passou cada vez a ser menos figurativa/ expunha com todos os pintores da «avant-garde» novaiorquina / lembro-me da época em que Le Roi Jones apareceu em Greenwich Village / começou por fundar, com Eddie Cohen, uma revista / foi ele quem organizou a maior parte dos primeiros concertos de jazz com leitura de poemas/ foi ele o primeiro negro a quem vi fazer qualquer coisa de oficial e inteligente no Museu de Arte Moderna / Robert Reisener, meu amigo, era o director musical dum bor minúsculo em Greenwich Village, o «Open Door» / na noite da inauguração tocaram Parker, Haynes, Mingns e Monk / Parker morreu em frente do Metropolitan Museum no n.º 995 da 5.ª Avenida / Matou-o er génio, ser negro, ser alcoólico e drogado / a nova geração de músicos de jazz é consciente e compreendeu a lição do passado / Ornette Coleman não se deixará apanhar como Parker / Albert Ayler não morrerá como Lester Young / o jazz é a música dum povo / do meu povo / é uma força activa / uma nova força de vida / o jazz não começou com Buddy Bolden nem terminou com Cecil Taylor / o jazz tem em si mesmo o génio da sobrevivência, da renovação / é preciso ensinar às crianças negras quem foi o saxofonista Coleman Hawkins e o que ele fez pela humanidade / em Harlem pouco importa quem foi Napoleão e todos os super-homens brancos / os Paul Whiteman e os Dave Brubeck irão acabar/ em Africa compreendi: ainda melhor, os meus discos de jazz / voltarei no entanto, aos Estados Unidos / é lá que está o jazz /

TED JOANS
Paris, 1969

*Nota e tradução de José Duarte*

# Inédito de Manuel de Lima

(Continuação da 8.ª página)

— Ah!

— O meu invento é único no género. Não existem concursos para aparelhos como este. Seria contraditório... É como lhe digo... este aparelho está preparado para demonstrar que os concursos não passam de uma aberração... cromática. Afastam-se da META.

— Isso para mim não chega. Vá, exiba ao menos uma menção honrosa. Não é preciso que tenha sido obtida cá. Mesmo adquirida no ESTRANGEIRO também serve. A Áustria, a Suíça, a Holanda dão prémios a toda a gente...

— Mas eu não tenho... ainda não tenho!

— Então vejo o seu caso mal parado. Estou aqui para o ajudar... Quer mais uma PINGA DE CAFÉ?

— Não, muito obrigado... não se incomode...

O «barman», que andava a rondar, arregalou os olhos quando Chefe-Magarefe propôs «mais uma pinga de café», e apressou-se a aumentar o fogo, pelo sim, pelo não.

— Eu sou inventor há muito pouco tempo. Prometo participar no próximo concurso. Este é apenas o meu primeiro invento!

O Chefe-Magarefe um tanto desarmado preparava-se para sair. Hesitou um momento. Por fim dirigiu-se ao «barman».

— Ele já teve tudo? — perguntou, indicando o inventor.

— Falta-lhe o conhaque! — respondeu o «barman».

— Então despachem-no!

Saiu, passando entre as vénias dos circunstantes, com excepção do inventor, que ficara mergulhado numa espécie de devaneio.

Não se lembrava bem como tinha chegado à rua. Resultado da forte dose de conhaque e também por uma passagenzinha pelo tabaco. Encontrava-se novamente no mesmo sitio onde fora convidado para tomar café, e continuava sem saber para onde se dirigir. Doía-lhe a nuca, e o corpo era como se estivesse partido.

# Boris Vian e a sua lenda

(Continuação da 5.ª página)

Sullivan, apostando em «J'rai cracher sur vos tombes», podia ter tido uma abençoada carreira à maneira de Queneau, esperando, como ele, a sua hora, com a indiferença da certeza.

Os fazedores de manuais ter-lhe-iam reservado um lugar ao sol, entre Jarry e Michaux, e nas vizinhanças de Marcel Aymé. Mas essa não era a sua natureza, habitada pela impaciência.

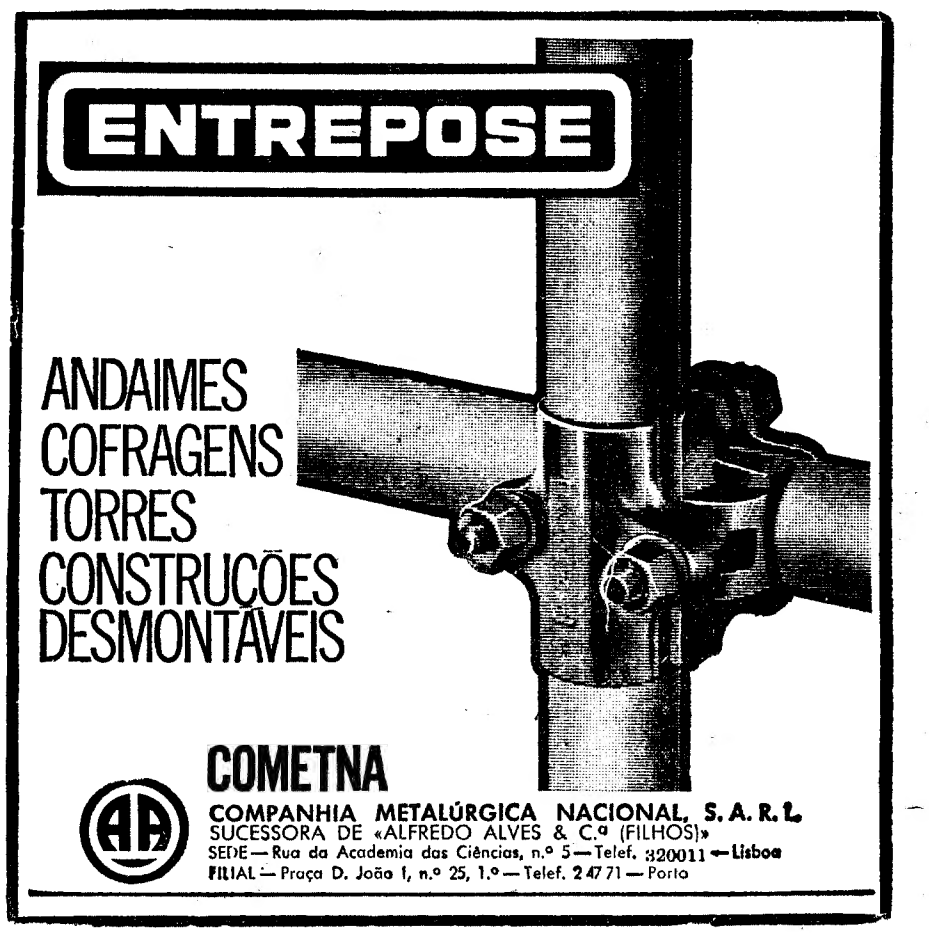
Devemos, contudo, reconhecer que manteve Vernon e Vian em compartimentos estanques, com o sentimento do seu valor de Vian e, no fim, com a amargura de não o ver apreciado pelo seu justo preço.

Mas, se não veio a encontrar em vida o êxito desejado no domínio do romance «não comercial» foi, sobretudo, porque recusou a corrente da sua época — daí a sua voga na nossa época. Com efeito, em 1946 o que estava nos ares era o «combate», e Vian, cujo itinerário espiritual vai dos «Tempos Modernos» ao Colégio de Patafísica, passando pela «Parisienne», nunca se submeteu. Pelo contrário. O que os seus jovens leitores apreciam (sem que sempre se apercebam disso) no «contemporâneo exemplar» é a sua maneira maliciosa de pôr em dúvida as noções estabelecidas, morais ou políticas. Anarquista sentimental, Vian é um terno revoltado, que repudia todo o sistema, seja ele qual for, e para quem a guerra é sempre um mal, por mais «justa» que seja, e a sociedade, um pelouriinho, por mais «nova» (para falarmos como em 1969) que possa ser. «Make love, not war» teria, evidentemente, podido servir de lema ao autor do «Déserteur».

E, já que evocámos a canção, é certo que esta, e algumas outras, e bem assim os poemas, contribuíram muito para o nascimento desta lenda, acompanhada de trompete com um fundo de jazz; sem serem essenciais, as noites brancas do «Tabou» e do «Lorientais» não a prejudicaram. Mas, se a lenda é sólida, deve a sua solidez ùnicamente à constante sinceridade que Vian pôs nas suas múltiplas actividades.

Dado por inteiro ao que fazia, deste inventor nato tentava de todas as vezes encontrar a sua via própria. Como escritor, é assim que se cria um estilo, e é este que, em definitivo, alimenta a lenda. É provável, também, que acabe por a destruir, acabando o romancista por se adiantar ao Pic de la Mirandole. Será, então, que as pessoas descobrirão o verdadeiro Boris Vian dos conhecedores, que se esconde em «Herbe Rouge» mais que em «A Espuma dos Dias», tal como o verdadeiro Queneau está mais na *baulieu* do «chiendent» que no «metro» de «Zazie». Os jovens o terão lançado e os velhos poderão relê-lo, quando a moda Vian tiver passado...

DE «LE MONDE» em exclusivo para o «DIÁRIO DE LISBOA»

## O «NON-SENSE» PASSA AO ATAQUE

# MANUEL DE LIMA reaparece

**MANUEL DE LIMA nasceu (ora deixem cá ver) a 12 de Agosto, por ocasião do Armistício (qual?) e considera-se uma vítima do mesmo (porquê? jamais o saberemos). A ambiguidade da data, fazendo oscilar a idade de Lima entre a maturidade de espírito dos veteranos e as audácias em paralelo com as mais novas gerações permite-lhe uma perpétua juventude que delicia quem o ouve (ou lê) e cria invejas infernais nos seus detractores, cheios de rugas e carecas sem apelo. O segredo está na gastronomia. Comilão inveterado, «gourmet» de paladar exigentíssimo, usando condimentos que só ele conhece (dos mais requintados, dos exóticos; e não é esse o tema subjacente a uma das suas obras, «O Clube dos Antropófagos»?), o silêncio (nos prelos) a que se remeteu desde há anos faziam recear amigos e admiradores que ele tivesse trocado em definitivo a Literatura pela Culinária, a máquina de escrever pelos tachos e panelas do seu doméstico laboratório mefistofélico. Podemos garantir, ajuramentados: tal não é assim. Ou: não é tanto assim.**

**Dois romances publicados e esgotados em hasta pública:** «Um Homem de Barbas» e «Malaquias ou a história de um homem bàrramente agredido», **minha edição, que me rendeu bem bom dinheiro; duas peças infantis, cujos proventos de autor ele perdeu numa noitada infeliz à roleta; outra peça, para graúdos.** «O Clube dos Antropófagos», **edição Ulisseia; contos humorísticos dispersos por revistas de qualidade** («Aqui e Além», «Litoral») **sumidas no tempo, raridades de alfarrabista; crítica musical no** «Popular» **e no** «Jornal de Letras e Artes» **que, pela contundência eficaz, lançavam tremolos pelas batutas e orquestras as mais conceituadas na paz podre do nosso meio melómano (Manuel de Lima, doutorado pelo Conservatório em viola de orquestra e, agora, hábil virtuose de bandolim, conhecia de longa data todos os vícios dessa complicada engrenagem sonora) — tudo isto lhe granjeou um público fiel e crescente. Queríamos lê-lo mais, mais vezes, caramba! E havia outras fortes razões (inquietantes, outrossim) para a sua reaparição em forma de livro: 3 romances 3, em fase de acabamento, uma leve demão e já está!, foram por ele displicentemente esquecidos e perdidos ficaram de mistura com camisas e bagagem de somenos em outros tantos quartos de solteirão, porque de Lima, displicente, distraído até mais não, saía a pressa sem se despedir das senhorias, rubras e arquejando pelos meses de renda em atraso. Restam-nos os títulos:** «O Festival da Borracha», «Mais leve que o Ar». «Cogumelos e Dentaduras»... **e na memória de quem os leu (como eu) a recordação dalgumas páginas que eram do seu melhor.**

**Basta de lamentações, porém! Manuel de Lima vai publicar finalmente, para muito breve.** «A Pata do Pássaro desenhou uma Nova Paisagem» **(quase uma novela; quase um ensaio; quase uma estética; quase uma sátira social; quase-quase uma panorâmica realista do nosso bidé artístico), anunciado, já composto e impresso mais de metade, destruído depois e agora totalmente refundido. Enriquecido, nestes anos de silêncio, por novas e determinantes experiências, caldeado de subtis temperos cintilando nas desvairadas sugestões, vírus de «non-sense» em que Manuel de Lima é, em português, Mestre incontestável.**

**Em primeira mão revelamos um episódio do seu próximo livro, talvez intrigante mas de certeza óptimo chamariz para a leitura integral (que recomendamos). Aqui se insinua um pouco do clima e personagens da obra, podendo nós, desde já, revelar que entre outras nela figuram com uma actividade central Delfim da Costa, o Cangalheiro da Cidade, e um êmulo (ou sósia?) do França.**

**LUIZ PACHECO**

*Manuel de Lima, «vigiado», dá de comer aos pombos no Rossio.*

*O mesmo (em cima) passa ao ataque (desenho de João Rodrigues na página de cortina de um livro que tinha à mão)*

**Inédito**

# De como a cantata do café nem sempre é de João Sebastião Bach

Dois indivíduos aproximaram-se quando ele estava parado cogitando sobre qual a direcção que deveria tomar. Agarraram-no como quem dá o braço a um amigo e um deles disse:

— Vem daí tomar um café connosco!

— Não me apetece, obrigado! — respondeu.

— Deixa-te de cerimónias!

Arrastaram-no lá para dentro. De café, aquele estabelecimento tinha uma aparência pouco ortodoxa. Havia, no entanto, uma grande máquina fumegante. Sentaram-no ao balcão. Aproximou-se o «barman»:

— Ora diga lá o que é que toma!...

— Não quero tomar nada, não tenho dinheiro!

O «barman» puxou-lhe pela gola do casaco, atraiu a cabeça dele, com força, ràpidamente, de encontro à sua e depois de ter verificado que ele ficara atordoado, desfechou-lhe:

— HOJE ÉS NOSSO CONVIDADO!

Os outros dois trocaram olhares de entendimento onde havia uma expressão que poderia designar qualquer coisa como «isto está mau...». Um deles, no entanto, pousou-lhe a mão sobre o ombro e disse:

— No teu caso pensava bem antes de te recusares a obedecer! Mais: se fosse a ti começava já a falar...

— Não tenho nada para dizer, não conheço aqui ninguém!

— Não digas isso. És inteligente e um homem inteligente tem sempre qualquer coisa para dizer...

O outro acrescentou:

— Um homem inteligente sabe sempre onde está.

Para lá do balcão, o Bicho-de-Cozinha estava ocupado a cortar carne. Olhou de revés para o convidado e os seus olhos infantis traíram uma certa comiseração que lhe era dirigida. Embora atordoado pelo embate do seu crânio de encontro ao crânio do «barman», compreendeu que se tratava de um festim dedicado à sua pessoa. Continuava a zumbir-lhe nos ouvidos a voz do «barman», *hoje és nosso convidado!* e a vibrar, gravada na retina, a expressão de piedade velada do Bicho-de-Cozinha. Dera-se a completa absorção das imagens.

— Ora aqui tem para começar! — exclamou o «barman» pousando uma chávena de café. E deitando-lhe as mãos ao pescoço, pelo lado da nuca, fê-lo afocinhar no recipiente.

— *Veja lá não se queime!* — ouviu num gemido infantil.

Um dos que o tinham convidado estendeu-lhe um braço sobre as costas e entrou em confidências:

— Sabe, ele (e apontou para o «barman»), no fundo, é boa pessoa. Convém é não o irritar. A bem, têm tudo o que quiserem dele. A mal... chega a ser desumano. Muitas pessoas que não acreditam nestas duas facetas contraditórias da alma humana acabam por fazer um juízo errado do seu carácter. O bicho-homem é um ser muito complicado. O pior é que nós não queremos estudar a fundo a vastidão da natureza humana!

Sob a intensa sensação da queimadura nos lábios produzida pelo café a ferver, ele mal conseguia prestar atenção ao que o outro lhe ia dizendo.

— Que tal o nosso café? — fez o «barman». — Vai mais.. ou quê? — e enfiou-lhe dois dedos pelas narinas acima. Ele ia a cair para trás mas os outros ampararam-no.

— Que necessidade tinhas tu de deixar as coisas chegarem a este ponto?

— Agora vais comer! — vociferou o «barman».

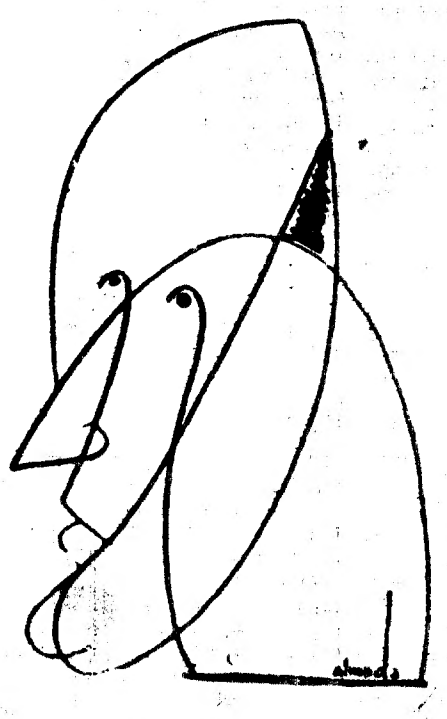
Deu-lhe um murro no estômago, sabendo pela sua larga experiência do ofício — do Ofício com letra grande como exigia que se escrevesse nas actas — que a primeira reacção que se tem quando se recebe um soco inesperado naquela região do corpo é abrir a boca. Estava tudo previsto e, deste modo, com uma destreza profissional a toda a prova, enfiou-lhe na boca um *prego* com muita mostarda.

— Queres mais?

Nesse momento surgiu o patrão. Ou o soco no estômago lhe perturbara a vista ou o patrão parecia-lhe o Mecenas Nepomucenas. Todos se curvaram à sua chegada. O «barman», até então muito arrogante e cheio de confiança na sua corpulência, curvou-se, esforçando humildade. O patrão era um homem franzino e talvez pensasse superar a fragilidade por um ritmo apressado. Entrou, de facto, muito depressa, deixando transparecer uma grande energia.

— É o Chefe-Magarefe! — segredou ao ouvido do convidado um dos outros. — Por aquele não vem mal ao mundo... Como amigo do seu amigo, não há outro!

— Que tal está a correr isto? — perguntou o Chefe-Magarefe.



*Manuel de Lima por Almada*

— Como de costume! — respondeu o «barman» numa grande vénia.

— O cliente tem reagido bem?

— Razoàvelmente!

— Hum.. Não tem bom parecer...

— Efectivamente ainda não está como eu quero! — fez o «barman».

— Tem comido pela medida grande?

— Assim assim..

— Bom, vamos dar-lhe uns mariscos!

O Chefe-Magarefe bateu as palmas e ordenou:

— Tragam as lagostas, os lavagantes, os lagostins, as sapateiras, as santolas... e OS ALICATES!

Um completo serviço de mariscos foi pousado no balcão.

— Vá, serve-te — ordenou o «barman».

Ao mesmo tempo pegou num alicate, apertou-lhe o nariz com as tenazes e esmurrou-o de encontro a uma santola. Em seguida, com o mesmo alicate, agarrou-lhe o dedo mindinho, torcendo-o o mais que pôde. Depois, num gesto rápido, apanhou-lhe uma das orelhas. Torceu-a, talvez de mais. Porque nessa ocasião o convidado começou a sentir um grande desequilíbrio auditivo. Conseguiu ainda apanhar o sentido do discurso que lhe dirigiu nesse momento o Chefe-Magarefe:

— Isto é assim: os meus conhecimento de mundologia, ciência que, como sabe, está muito em moda, assim como a minha visão latitudinária da vida e das coisas, que também faz parte do programa, tudo junto levou-me à seguinte conclusão: as pessoas, na maior parte, andam desorientadas. Para reparar esse mal da nossa época foi criado este SNACK. Esteja à sua vontade. Identifique-se, ou melhor, identifique-se connosco!

Compreendeu que só lhe restava dizer tudo.

— Bem... eu sou um inventor. Tenho ali naquela mala o meu invento. Podem verificar. É um simples interferencial destinado a estudar o fenómeno da aberração...

— De quê? — fez o Chefe-Magarefe.

— Da aberração cromática!

— Obteve algum prémio?

— Nunca concorri!

**(Continua na 7.ª página)**